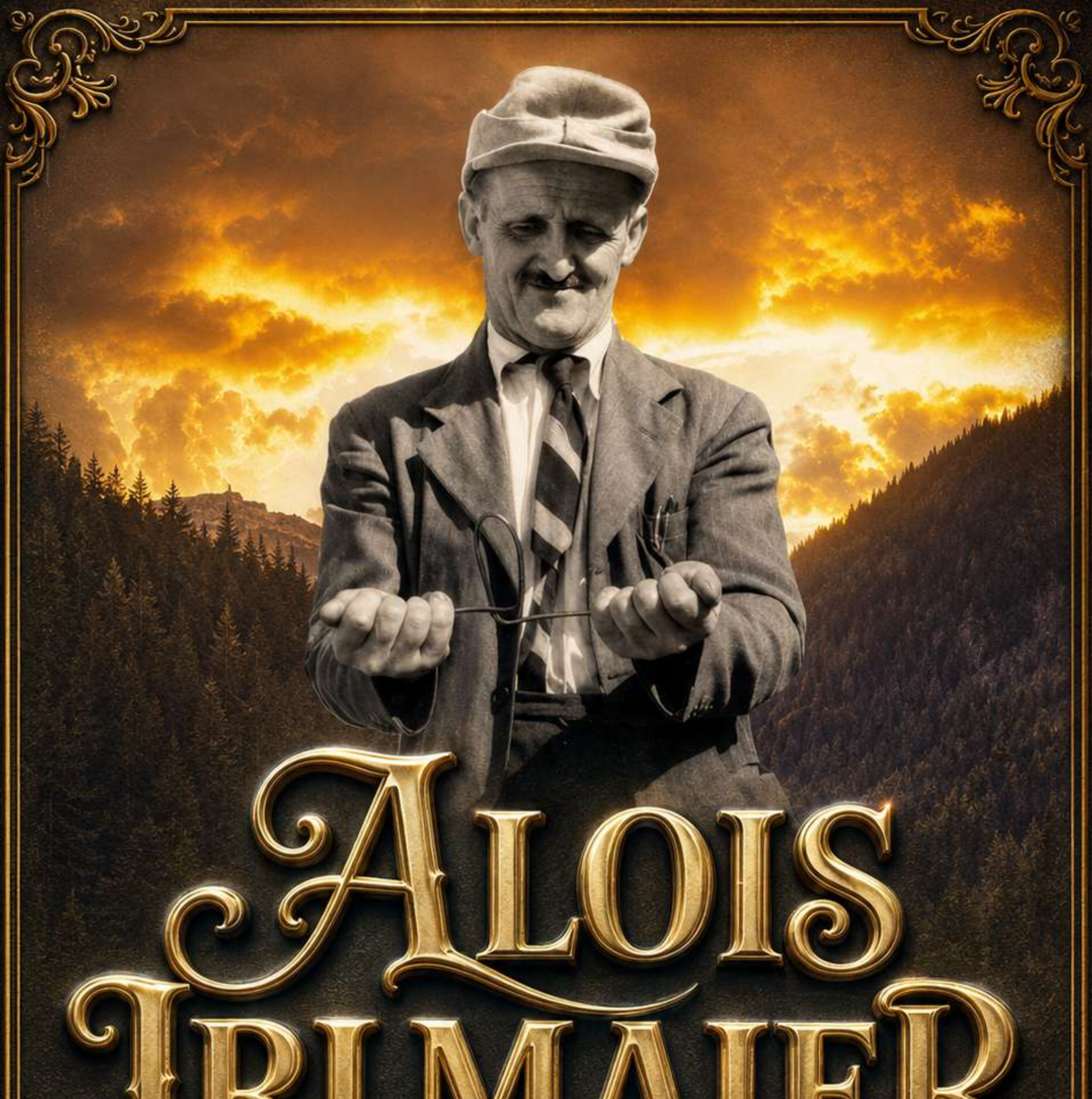

Alois Irlmaier

—

O cavador de poços de Freilassing

—

A sua vida e as suas previsões

Wolfgang Johannes Bekh

Tradução: Amadeu António

ALOIS IRLMAIER

O CONSTRUTOR DE POÇOS DE FREILASSING

A SUA VIDA E AS SUAS PREVISÕES

Wolfgang Johannes Bekh, 2005

ÍNDICE

Introdução
Os veios de água
O construtor de poços
O auxiliar nas horas de aflição
Ocorrências
Declarações
O vidente
A morte
Três coroas no Danúbio
Anexo Tabela cronológica
Testemunhos
Literatura sobre Alois Irlmaier
Outra literatura citada Agradecimentos
Índice de ilustrações
Tradutores Bíblicos

Ὅταν λέγωσιν· Εἰρήνη καὶ ἀσφάλεια, τότε αἰφνίδιος αὐτοῖς ἐφίσταται ὄλεθρος, ὥσπερ ἡ ὠδὶν τῇ ἐν γαστρὶ ἐχούσῃ, καὶ οὐ μὴ ἐκφύγωσιν.

Quando disserem: «Paz e segurança», então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto à mulher grávida; e de modo algum escaparão.

1 Tessalonicenses 5:3

Eis a tradução das diferentes versões alemãs de 1 Tessalonicenses 5:3:

Codex Teplensis (1530)

Quando disserem: «Paz e segurança», então virá sobre eles a morte súbita, como a dor (as dores) no ventre da mulher grávida, e não escaparão.

(*Frid und Sicherikait* = paz e segurança; *gech tot* = morte súbita.)

Tradução de Lutero

Pois quando disserem: «Há paz, não há perigo», então a perdição os apanhará rapidamente, como a dor a uma mulher grávida, e não escaparão.

Tradução de Kürzinger

Quando falarem de paz e segurança, a ruína cairá subitamente sobre eles, como as dores de parto sobre uma mulher grávida, e não conseguirão escapar.

Tradução de Heyder

Quando se disser por toda a parte: «Paz e segurança», então a calamidade virá repentinamente sobre eles, como as dores de parto sobre uma futura mãe, e não haverá fuga possível.

Tradução Ecuménica Alemã (Einheitsübersetzung)

Enquanto os homens dizem: «Paz e segurança!», a destruição virá de repente sobre eles, como as dores de parto sobre uma mulher grávida, e não haverá escapatória.

INTRODUÇÃO

Quase nenhuma pessoa desperta em mim, quando penso nela, uma tal vaga de afeição e familiaridade como o homem modesto cuja vida me propus descrever. Os seus olhos estão, ao colocar isto no papel, fechados há já três décadas. Heinz Waltjen, a quem visitei em Rabenstein numa viagem pela Floresta Bávara empreendida com Reinhard Loechle, contou-me sobre esses olhos. »Simpático e amigável, não fixante e crítico, mas observador« é como Irlmaier tinha olhado para ele, »com um olhar calmo, penetrante, mas não exigente«.

A figura de Alois Irlmaier, a sua vida, a sua aparição no tempo compõem-se, para quem a quer elevar ao presente após tantos anos, de muitos testemunhos individuais. O autor teve de »fazer investigações« como um detetive. Teve de perguntar, perguntar uma e outra vez. Raras vezes a memória das já muito poucas pessoas de referência prestava o seu serviço. Certamente que vinte anos mais tarde já não teria sido possível compor uma imagem biográfica sem lacunas de Irlmaier. Além disso, a »proteção de dados«, um efeito secundário desagradável da era dos computadores, colocava uma e outra vez um entrave ao avanço fluido do investigador. Nem sequer as datas de batismo de figuras históricas há muito falecidas eram possíveis de apurar sem complicações demoradas. (Elogiosamente seja excetuado a este respeito o registo civil de Freilassing, onde a paciência nunca esmoreceu.)

Em grandes extensões apresentavam-se consolidadas as previsões do construtor de poços que vão além do esclarecimento de destinos individuais (nisso ele era de confiança), previsões que dizem respeito a todo o espaço de língua alemã, aliás até a partes remotas da Europa e a uma grande guerra. Era — sem perigo de ser incompleto aqui — absolutamente impossível prescindir de tais declarações já publicadas noutros locais.

Numa síntese, para que seja exaustiva, tem de se incluir, além do muito desconhecido, também algo há muito sabido. Inacessível a uma capacidade de imaginação média permanece a espantosa e

desconcertante capacidade vidente de Irlmaier de qualquer modo, de forma que o ilustrado de Hamburgo *Stern* parecia à primeira vista ter razão quando escreveu, em 1950, com indisfarçável malícia:

»Os tolos nunca se acabam. E enquanto existirem, charlatães com astúcia camponesa saberão viver agradavelmente à sua custa... Quem não dispõe de dinheiro sonante não tem hipótese de ser recebido pelo mestre (Irlmaier).«

Isto tinha sido escrito em 1950, quando em muitos publicistas a mudança de cor de acastanhado para avermelhado ainda não datava de há muito tempo; a inclinação para o preto ou azul-e-branco dificilmente precisava de ser temida num órgão de imprensa de Hamburgo. Não se era depois tão pouco conservador como antes. Irlmaier era-o! Ele era — disso há de tratar este livro — preto (pronunciadamente católico) e azul-e-branco (patrioticamente bávaro), numa palavra: para o jornal de massas de Hamburgo, um motivo de escândalo. O dom da clarividência pode ser avaliado como um teatro de operações secundário. Não podia ser o que não devia ser. O homem era um matuto, não um verdadeiro alemão.

Desde então decorreram quatro décadas. Os avisos do sacerdote conhecedor do direito internacional e opositor de Hitler, Carl Oskar von Soden, contra o erro do Estado-nação pequeno-alemão e grão-prussiano e da sua capital Berlim, contra uma construção que, segundo o seu depoimento, »precipitou a Europa em duas guerras mundiais«, são lançados ao vento mais violentamente do que nunca. Soden tinha previsto a ruína de toda a estrutura »que no seu afã de domínio teria de aspirar à supremacia europeia, depois de ter conquistado a alemã«. E rejubilam os mesmos jornais que na altura julgaram Irlmaier, não, não sobre a primavera da liberdade na Prússia-RDA, mas sim sobre a perspetiva de restabelecer uma estrutura que tinha durado ao todo 73 anos e sucumbira num mar de sangue e lágrimas.

Ao ver a celebração de massas organizada na viragem do ano em ambas as partes de Berlim, não se queria instalar uma alegria partilhada sem nuvens. O balanço anual dos pretensos líderes era como que redigido em transe, o seu otimismo parecia ilimitado. Nas suas prognoses, publicadas num dos referidos jornais de massas, a palavra »paz« surgia tão frequentemente que em breve se ficava cansado de contar. 10

Agora parece também esbater-se a linha de junção dos blocos de poder; os traços essenciais das ideologias inimigas já o tinham sido antes, libertando-se há muito dos clichês de »capitalismo« e »comunismo«. Um poder, tão incrédulo como o outro, fracassou em si próprio, o outro está prisioneiro do pensamento materialista. O homem simples acredita apenas no que vê: paz! Nas sondagens de opinião, o número daqueles que contam com uma terceira guerra mundial desceu ao nível mais baixo.

Que o tempo, precisamente este tempo, não passou por cima de Irlmaier, antes pelo contrário, que o construtor de poços de Freilassing é infelizmente mais atual, mais ajustado a este tempo do que nunca, talvez o presente livro o possa provar.

No dia de São Brás de 1990

OS VEIOS DE ÁGUA

»Em Brugdoja tá a arder!« — »Bein Brugdoja tá a arder!« Gritos estridentes perfuram a noite. Do vizinho no Gaßl eles vêm apressados. As crianças de Bruckthaler vagueiam nas suas camisas curtas a esvoaçar, cruelmente arrancadas do sono, a tremer no frio noturno em redor do local do incêndio. O gado salvo está atado às árvores de fruto. Chamas altas brotam do

telhado, lambem pelas janelas, caibros e vigas incandescentes desabam sobre si próprios. Na baforada de calor, ripas de madeira rodam em direção às nuvens, brilham uma última vez antes que a noite as engula. »Santa Mãe de Deus de Eck, poupa o nosso sítio!« lamenta Maria, a mãe das crianças sem teto, junto da padroeira do seu nome.

Corre o dia 29 de setembro — o »dia de São Miguel« — de 1926. Os prados e alpes elevados em redor de Scharam, um povoado agrícola disperso entre Eisenärzt e Maria Eck, estão polvilhados como se tivesse nevado, mas é a primeira geada, gelada, que tinge o verde dos prados dos lavradores num branco deslumbrante. Apesar do calor que emana da tocha de chamas rugidora, as crianças tremem de frio. Junto ao vizinho »Gaßl« há a preocupação de que as chamas possam alastrar; o portão em chamas do Bruckthaler quase encosta ao estábulo na quinta Gaßl. O Gaßl acolhe na sua sala as três crianças de Bruckthaler: Maria, a mais velha, de quatro anos e meio, Lois, de três anos, e o filho adotivo Hans, da mesma idade. »Como se tivesse sido ontem, vejo os três a tremer sentados no banco do forno e no sofá«, recorda a filha do Gaßl, Maria, mais tarde durante décadas ordenhadora no alpe de Hochfelln.

Precisamente nessa noite o Bruckthaler estava fora de casa, a comprar máquinas agrícolas em Munique. A quinta estava toda em redor murada e com uma vedação alta. Num tal cercado o lavrador — algo nada habitual — tinha feito ponto de honra. Mas eis que se descobriu: um buraco tinha sido cortado na vedação, um buraco quase circular por onde um 12 homem podia esgueirar-se confortavelmente.

E antes do incêndio houve ainda outra particularidade: o cão São Bernardo, pesado e felpudo, tinha desaparecido duas noites antes. Os bombeiros chegaram demasiado tarde, não havia água suficiente. Verdadeiramente, faltava água para apagar o fogo. A quinta ardeu »até aos alicerces«; aqui a expressão feita aplicava-

se ao pé da letra. O que restou da quinta de Bruckthaler foram pedras, restos de madeira carbonizados, um monte de cinzas.

Quando o lavrador, que regressou de Munique no dia seguinte, ficou perante os escombros do seu lar, a água subiu-lhe aos olhos. E mais um dia depois, o cão São Bernardo dado como perdido abanava a cauda em redor dos seus pés. O lavrador supôs: »O buraco na vedação foi feito por quem deitou fogo à casa, para poder entrar. E primeiro tirou o cão, para não dar o alarme!« As crianças esgravatavam, quando a brasa arrefeceu, no pó e na cinza. De toda a casa só tinha sobrado uma caneca de café e uma figura da Mãe de Deus em porcelana, coberta de fuligem. O lavrador pegou na figura da Mãe de Deus, que mal reconhecia na sua negrura, na mão e abanou a cabeça, como se nada daquilo pudesse ser verdade. O lavrador chamava-se Alois Irlmaier.

Quando o lavrador olhava alternadamente para a Virgem de porcelana enlutada na sua mão e para o monte de cinzas negro que restava do local da sua infância e da sua vida até ali, deixou o olhar deslizar profundamente para o seu interior. Deixou-o recuar para trás, longe, no passado. Naquele local, em algum ponto sob o monte confuso que restava do incêndio, tinha ele visto a luz do dia, tal como está registado no registo civil do antigo município livre de Eisenärzt, na quinta de Bruckthaler em Oberscharam, mesmo abaixo da igreja de peregrinação de Maria Eck, às nove horas da manhã do dia 8 de junho de 1894. Como pais foram registados: Alois Irlmaier, nascido em 1859 em Oberscharam, e Anna Irlmaier, nascida em 1864 como Anna Felber em Hochberg, perto de Eisenärzt.

Como era habitual, houve no mesmo dia um batizado. No assento da carruagem o pai fez estalar o chicote, desceu a encosta íngreme no carro até Siegsdorf. »A tia«, uma irmã da mãe, segurava o recém-nascido ao colo no travesseiro de batizado. A igreja paroquial neo-gótica da »Imaculada Conceição« tinha recebido há mais de cem anos um recheio rococó. Na ampla nave gótica A igreja da Imaculada Conceição de Siegsdorf, na qual

Alois Irlmaier foi batizado a 8 de junho de 1894 brilhavam os santos dourados no século vinte tão bem como o tinham feito no século dezanove e dezoito. E desde o início que, logo em frente ao altar lateral direito, imediatamente abaixo do púlpito, a pia batismal de mármore tinha o seu lugar. Assemelha-se a uma urna clássica. Aqui esteve o pai Alois, um homem robusto de trinta e cinco anos de idade, sobre o pavimento de mármore irregular e acompanhava a sorrir como o reverendo, padre Georg Schlinzger de Gars, com o sinal da cruz e a invocação do Espírito Santo transmitia o nome de batismo do pai ao primogénito. No registo civil, o nascimento foi anotado na então secretaria municipal de Eisenärzt.

De Eisenärzt, uma aldeia muito ramificada com quintas e cabanas, no meio de uma paisagem de prados que se pode chamar paradisíaca, com montanhas de arestas afiadas como fundo e moldura, chegamos ainda hoje por uma estradinha íngreme e sinuosa, ao longo do ribeiro, por entre faias e matagal, subindo o monte até ganharmos o solo de alpe suculento, a Scharam. Aqui passou o rapaz camponês Alois Irlmaier, nos últimos anos do século passado, uma infância para nós desde o início misteriosa.

Está cientificamente provado que uma determinada paisagem, a sua configuração geográfica, a sua vegetação, o seu mundo animal e o seu curso meteorológico estão em estreita ligação com a disposição de vida fundamental, o mundo sentimental e a estrutura de pensamentos das pessoas que ali vivem. O tempo e a constituição do solo, a presença de água e minerais exercem uma influência verdadeiramente elementar na alma humana. O meio envolvente natal molda o ser humano que nele cresce.

Os estímulos do ambiente da primeira infância libertam traços de talento muito específicos, incentivam-nos e desenvolvem-nos. Pode presumir-se que isto se aplique também ao talento precognitivo — o talento »vidente«. Certamente que os nossos antepassados estavam ainda mais sensibilizados para esta esfera de perceção do que nós. Talvez a perceção extrassensorial

seja uma capacidade deitada no ser humano, mas no decorrer da história do desenvolvimento cada vez mais atrofiada.

A fúria de trabalho atual, a carga exercida por aparelhos altamente técnicos, o mundo sobrecarregado de estímulos do homem civilizado deixaram e deixam perder uma tal sensibilidade. A artificialidade de novas »técnicas« de recolhimento, de meditação, de ligação à natureza indicam 15 que na nossa vida paralisada pelo racionalismo e materialismo algo de essencial tem de se ter perdido. A solidão pode ser favorável ao dom da »segunda visão«, prejudicial a fúria da vida das grandes cidades.

No mundo de ambiente de uma paisagem de pântano e urzal ela surge de preferência, também na profundidade e silêncio de uma área florestal transportada pelo sussurro do vento. Pessoas que estão fielmente ligadas à fé dos seus antepassados sentem-na mais facilmente.

Conhecemos o dom da precognição, da superação do espaço e do tempo no mundo de imaginação de um ser humano, mais facilmente através de chamados »Spökenkieker« que vivem solitários na paisagem de urzal da Baixa Alemanha, também através de alguns pastores de ovelhas e sopradores de vidro da Floresta Bávara. Na região alta da Alta Baviera não se pensa em primeiro lugar quando se fala de tais pessoas e de tal talento.

Contudo, no rapaz camponês Alois Irlmaier do Bruckthalerhof (que, é certo, se situava suficientemente solitário e isolado no contraforte do monte de Scharam que emergia em redor dos vales) cresceu o provavelmente mais importante sensitivo do nosso tempo. Nisso, Alois Irlmaier não era de modo algum desde o início um chamado »clarividente«. Este dom haveria de ser desencadeado apenas por uma experiência marcante.

Ainda assim, Irlmaier tinha recebido de nascença uma predisposição importante: era um radiestesista de faro seguro que

encontrava qualquer veio de água. Como rapaz camponês seguia os seus próprios caminhos e entregava-se como um sonhador aos seus pensamentos, sentia que ele tremia e se agitava por dentro quando se encontrava em determinados pontos nos prados e campos, nas encostas e terrenos da sua terra natal. Percebia um determinado »silvo« desafiador nas mãos e nos pés. Em breve deu conta de que »silvava« sempre que estava sobre um curso de água. Falava frequentemente de um »formigueiro« e »comichão« nas plantas dos pés (andava-se afinal descalço) e de uma sensação muito esquisita nas mãos, semelhante à de despir uma luva.

Quando tinha cerca de sete anos de idade, sentiu-o pela primeira vez. Mas só soube fazer algo com essa sensação quando a dada altura ouviu falar de um radiestesista. Mas curioso: ao Alois as fontes subterrâneas mostravam-se mesmo sem vaga de radiestesista. As suas mãos disparavam, por mais profunda que a água brotasse sob a terra. Esta sensação tornou-se com o passar dos anos cada vez mais forte. Quando passava sobre um veio de água, ficava com 16 uma sensação cada vez mais clara nos dedos, que ele próprio definia talvez da forma mais certeira como »wurlert«. (Em alemão padrão poder-se-ia dizer melhor para a expressão »formigante«.) Os veios de sangue da mão sobressaíam grossos e azuis, ficando por vezes quase prestes a rebentar.

O Bruckthalerhof, »orgulhoso em terras« para as condições da altura, explorava em cinquenta e seis Tagwerk quase exclusivamente a pecuária e a produção leiteira. »Seis Tagwerk de mata, seis Tagwerk de lavoura, dez Tagwerk de prados de folhada, trinta e quatro Tagwerk de prados e pastagens«, assim desfia a ordenhadora Maria ainda após mais de seis décadas. Alois, o herdeiro da quinta, dava a mão ao pai, como era habitual, logo desde criança. Batia a foice e afiava-a. Ceifava a erva nas madrugadas húmidas de orvalho (»forrageava«), secava o feno nas parreiras, alimentava o gado, limpava o estrume, adubava e »apanhava a folhada« como os velhos.

Como tinha nascido mais um segundo filho, Johann Irlmaier (nascido a 15 de maio de 1903 e batizado no mesmo dia como o »Sommerhansl«), Alois foi mobilizado como soldado a 4 de agosto de 1914 e enviado logo para a Rússia. Do primeiro ao último dia de guerra Alois Irlmaier esteve na frente, conheceu o inferno da guerra, sempre na Rússia.

Passou semanas no hospital de campanha, uma vez após um tiro grave nos pulmões, outra vez quando ficou soterrado pela explosão de uma granada inimiga no abrigo. Escapou por pouco ao perigo de morte por asfixia. Quatro dias esteve sob a terra sem comida e a lutar pelo ar. A sua salvação roçou o milagre. Tinha sofrido um choque nervoso grave. Marcado pela guerra, o jovem de vinte e quatro anos regressou a casa no inverno de 1918.

Um ano e meio mais tarde fez de Maria Schießlinger, nascida a 13 de agosto de 1897 em Obergschwind, perto de Ruhpolding, a sua camponesa. Na igreja paroquial de Siegsdorf subiu com ela ao altar a 3 de maio de 1920. O casamento foi confirmado por certidão no registo civil de Eisenärzt. Após a entrega da quinta paterna, surgiu também em breve a bênção dos filhos.

A 9 de março de 1922 nasceu uma filha e no mesmo dia foi batizada — com o nome da mãe — como Maria. (Ela vive à data da elaboração deste relato, casada, numa aldeia perto de Hallein, na região de Salzburgo.)

No ano seguinte, a 9 de setembro de 1923, o herdeiro veio ao mundo. Foi batizado, como era costume, com o nome do seu pai, Alois. (Assim houve três gerações 17 com o nome Alois na quinta, nada de raro na Alta Baviera românico-católica.) Ambas as crianças estão registadas no registo civil de Eisenärzt. (Após a reforma territorial, todo o acervo de documentos de Eisenärzt foi anexado à secretaria municipal de Siegsdorf.)

O irmão Hans, nove anos mais novo, tinha deixado a terra natal dos pais há muito e só voltava ocasionalmente de visita. Vestia sempre um fato chique, feito à medida. No vizinho em

Scharam dizia-se que era enfermeiro em Viena. Os parentes sabem melhor: ele tinha estudado medicina e fora médico no Hospital de São Roque em Viena. Para as crianças, ele era »o tio rico de Viena«. Quando vinha, trazia sempre um saquinho de papel cheio de »rebuçados«.

Teve uma morte precoce, não chegou a ter quarenta e cinco anos, sufocou com uma espinha de peixe. Uma vez, quando veio de novo de visita, fixou a família do seu irmão na placa à antiga. Deve ter sido em 1926. A mãe do lavrador está sentada na ponta esquerda, depois segue-se a sua esposa, a lavradora, com tranças dispostas em coroa ao redor da cabeça; segura a sua filha mais velha, Maria, ao colo. Até a um filho adotivo o amável Alois Irlmaier deu comida e teto, a Johann Stöckl, elegantemente vestido com as »calças curtas« e equipado com meias de canela, as chamadas »Loferln« — ele viria a ser mais tarde uma vítima da Segunda Guerra Mundial, caiu em combate aéreo sobre a Noruega —, depois o próprio Irlmaier com o seu filho Alois ao colo e, por fim, na extrema direita, a alma fiel, a criada da casa, chamada »Tia«, Anna Hocker. Estão sentados no »banco do sol«, tendo atrás de si a casa, construída em pedra, caiada de branco, com janelas de caixilho, grades e portadas.

Um excêntrico, ou o que assim se chama, Irlmaier já o fora desde o nascimento. Mas agora, desde que fora soterrado na Primeira Guerra Mundial, ecaparam nele outras capacidades que apenas se podem classificar de »paranormais«. A sua sensibilidade à água acentuava-se de dia para dia, tornando-se quase dolorosa.

Ele só utilizava a vara de salgueiro quando um cliente queria ver o processo do »disparo« com toda a precisão. Em geral, Irlmaier ia à procura de água sem vara. »Os meus dedos fazem isso melhor«, eram as suas palavras. Até uma vara de radiestesia na mão de uma pessoa sem sensibilidade disparava bruscamente para baixo logo que Irlmaier punha o polegar sobre ela, não

conseguindo ser segurada nem por pessoas fortes. A experiência nunca falhava e é comprovada.

Através de sensações de espasmo e puxões na sua mão, o jovem lavrador conseguia deduzir qual a direção que a nascente tomava, e isto de forma tão precisa que era capaz de desenhar imediatamente o curso de água completo num plano de planta. A par da precisão na deteção de veios de água, manifestavam-se em Irlmaier cada vez mais claramente capacidades de clarividência. Ele próprio supunha: »Isto veio desde que fui soterrado naquele ataque inimigo.« Às perceções extrassensoriais cada vez mais claras associa-se já um acontecimento repetidamente contado por conhecidos de Irlmaier: tem a ver, como quase tudo em Irlmaier, com a água. Um mosteiro missionário na Argentina dirigiu-se a Irlmaier com um esboço de planta na sua busca de água. Este encontrou o veio de água urgentemente necessário apenas com base no esboço de planta apresentado e assinalou na folha de papel simples o local onde depois, quando se escavou, se encontrou água. Foi a obra-prima precoce de Irlmaier.

Depois, a noite do incêndio. Irlmaier a comprar máquinas agrícolas em Munique, a mulher e as crianças a salvarem a sua vida nua do mar de chamas. A casa de nascimento arde até se transformar num monte de cinzas. Mistério sobre mistério. O cão São Bernardo falta de repente dois dias antes do incêndio. Terá pressentido a desgraça mortalmente ameaçadora como os pombos do Palácio da Justiça de Viena, que deixaram os seus locais de dormida e choco dois dias antes do incêndio devastador de 15 de julho de 1927 em bandos? Ou terá sido realmente raptado para não dar o alarme na noite do incêndio? O que significava o buraco na vedação? Teria o incêndio sido provocado? Irlmaier afirmava que sim. Mas ele não estava lá. Alegadamente conhecia o autor. Mas não o podia apanhar sem provas. A Nossa Senhora manteve-se intata.

Inicialmente, Irlmaier rezou com a sua lavradora Maria à sua grande padroeira na igreja de peregrinação de Maria Eck, situada

perto, monte acima, onde a família já tinha rezado muitas vezes. A religiosidade da população camponesa bávara era bastante ingénua, um pouco baseada na reciprocidade, um pouco sentimental, um pouco habitual. Rezava-se antes de cada refeição no canto dos santos inúmeros Pai-Nossos e »Avé-Marias«, fazia-se peregrinação à Mãe do Céu.

Tinha-se grande consideração pelos santos sob cujos nomes familiares se fora batizado. Os seus dias de morte serviam de calendário. Como que disparada por uma pistola, a frase saiu da boca da filha do Gaßl, Maria, passados sessenta e quatro anos: »Ardeu no dia de São Miguel!« Fazia-se desde os antepassados e bisavós, desde os tempos dos romanos e talvez já dos celtas, tudo aquilo que o Segundo Concílio do Vaticano viria a classificar de insuficiente.

Irlmaier subiu assim com a sua lavradora, resfolegando um pouco pela floresta íngreme onde na elevação rochosa mais alta, no »Eck« (segundo Schmeller, a »parte saliente de uma crista montanhosa«), se ergue o local de graça marianista, com o altar principal do barroco inicial, negro e a transbordar de ouro, do qual reluzem as letras douradas brilhantes »Maria hilf« [Maria, ajuda], com os dois valiosos altares laterais rococó, com o púlpito, os incontáveis ex-votos e a indicação de que se trata aqui de uma fundação do mosteiro beneditino de Seeon. Já não residem aqui beneditinos. A sua instalação com pórtico de mármore e capela da casa é habitada e cuidada pelos franciscanos frades menores. Da frente das suas janelas tem-se a vista panorâmica mais alta e ampla sobre o mundo montanhoso dos Alpes.

Atrás da ampla praça ao lado da igreja — novamente genuinamente bávaro-camponês — surgem o telhado de quatro águas e a alvenaria da quinta do mosteiro. Não se reconforta apenas a alma. A peregrinação dá fome. Primeiro reza-se e pede-se — primeiro, note-se —, mas depois faz-se uma pausa, sacia-se a fome, apaga-se a sede.

Em Oberscharam avançou-se rapidamente para a reconstrução. A família ficou acomodada na casa anexa, onde os avós viviam na reforma. O Lois foi à »esmola do incêndio«; assim se chamava à forma rural arcaica do seguro contra incêndios. Este tipo de seguro contra incêndios tinha uma vantagem: não custava um tostão, consistia simples e puramente na ajuda vizinha baseada na reciprocidade. Se um lavrador entrava em aflição, toda a paróquia lhe vinha em auxílio.

Ele só tinha de andar ao redor, precisamente a »pedir a esmola do incêndio«. Um vizinho dava uma árvore, o seguinte dava duas. Assim se montava rapidamente a nova estrutura do telhado. Também pedras naturais foram doadas. Pranchas de madeira foram cortadas das árvores na serraria. Também na construção a vizinhança ajudou lealmente, à cabeça o vizinho direto Gaßl.

»O homem precisa de um lugar e de uma palavra a que se possa agarrar«, assim diz um antigo ditado. Agora aplicava-se como nunca na vida. O lavrador permaneceu no seu sítio, os seus companheiros lavradores, os seus »vizinhos«, mantiveram a palavra dada.

A experiência mais amarga do desastre do incêndio veio contudo para Irlmaier só agora. E ele não podia, por mais que tentasse, escapar ao seu destino. Uma quinta, sobretudo quando se quer construir bonita e grande, não se reconstrói apenas com material de construção pedido e ajuda vizinha. A construção custava dinheiro, já na altura. Muito dinheiro. Demasiado dinheiro.

Os tempos eram maus. Irlmaier construiu do final do outono de 1926 até ao verão de 1928 sob as condições económicas mais desfavoráveis, mais tarde dificilmente imagináveis. Nenhum banco queria ser credor de um agricultor durante muito tempo. Assim, um dia foi preciso despedir-se da terra natal — precisamente quando a quinta estava reconstruída, mais bonita do

que antes. A propriedade foi arrematada em hasta pública, melhor seria dizer desmembrada, pois passou sucessivamente por muitas mãos, e cada proprietário reduziu o perímetro num pedaço antes de desistir.

Alois Irlmaier deixou a sua terra natal a 26 de novembro de 1928 com a família e a tralha: segundo o registo na ficha de habitantes do então município de Freilassing, fixou ali residência. A Nossa Senhora de porcelana enlutada pelo incêndio (a única sobra da propriedade de Irlmaier em Scharam) foi levada pela »Tia« Anna Hocker para o lar de idosos em Ruhpolding e está desaparecida desde a sua morte.

O contemporâneo que hoje empreende a caminhada de investigação a Scharam vive uma Scharam diferente da do tempo de Irlmaier. Ao visitante salta à vista que predominam quintas ostensivas em estilo alpino rústico com lareira e esplanada e que entre os habitantes há poucos bávaros. Antigamente o camponês estava afundado na penúria sobre a qual, segundo o verso de Stelzhamer, »o mundo assenta«. Hoje vive-se um luxo que não vem do solo, mas sim de longe e pode pagar a localização paradisíaca. (O Gaßl, que merece a designação de lavrador orgulhoso da sua terra — por quanto tempo ainda? —, conta-se entre as exceções.

Ele diz de si próprio com autoconfiança: »Eu sou o Gaßl!«) Mesmo onde ainda há estábulos nas casas, estão vazios ou são usados como arrecadação. Nos botões da campainha elétrica pode esfregar-se os dedos até fazer ferida. Uma aldeia vazia, uma aldeia deserta. Mesmo nas quintas ostensivas encontra-se durante o dia, no máximo, uma »vovó« do Norte da Alemanha. Já não se trabalha aqui, dorme-se aqui. Goza-se a vista alpina, admitidamente magnífica, mas trabalha-se na fábrica, no escritório.

O Bruckthalerhof, despojado da sua exploração agrícola, apresenta-se mais bonito do que nunca, é agora um centro hípico,

uma pensão para férias a cavalo. Já não se lavra, anda-se a cavalo. Descansa-se também no Brandstätterhof, uma casa de convalescença do distrito governamental da Alta Baviera. A colheita do feno de tempos passados é hoje demasiado dura. Já não se gosta de vergar a espinha.

O »Bruckthaler«, a casa natal de Irlmaier que ardeu em 1926 e foi reconstruída em 1927 em Scharam, estado em 1990

O CONSTRUTOR DE POÇOS

Doente estava a terra natal para Irlmaier já na altura em que teve de a deixar. Com os seus últimos recursos adquiriu a vivenda Arte Nova do capitão Kurr, colocada à venda, há muito desabitada e a esboroar-se, no lugar de Hagn, termo de Salzburghofen, atrás de Freilassing. Perto da igreja gótica de Maria, além das cruzes de sepultura em ferro forjado, erguem-se três ou quatro quintas pesadas, de paredes fortes com janelas pequenas. As salas esmorecem atrás de ombreiras poderosas, os telhados de quatro águas projetam-se longe. Os clientes príncipe-bispos do outro lado do Saalach tinham mandado construir quintas — »Salzburghöfe« — assim nas suas terras, até Teisendorf, até Tittmoning.

Mesmo no fim do caminho, onde a paisagem de várzea livre se abria, as pessoas de Scharam acomodaram-se precariamente na vivenda negligenciada. Dois andares foram arrendados a outros inquilinos, Irlmaier habitava com a sua gente em condições indescritivelmente miseráveis o rés do chão e a cave. O pai terá lamentado muitas vezes: »Alois, não podes responder por isto!« A verdadeira responsabilidade cabia contudo, não se pode esquecer, ao tempo, ao tempo de um declínio económico nunca antes visto. Os anos de inflação e dívidas, o tempo de penúria e crise e, por fim, o colapso da bolsa de Wall Street de 13 de maio de 1927 — uma sexta-feira — tinham tirado a quinta a Irlmaier. Os anos após a segunda »Sexta-Feira Negra« de 25 de outubro de 1929, que desencadeou a crise económica mundial, até à »tomada do poder«

de Hitler foram marcados pelo desemprego e por uma penúria desencorajadora. A pobreza demasiado amarga do final dos anos vinte vinha de longe.

Avós, pais e crianças, ao todo sete pessoas, eram para sustentar. Em breve, no outono de 1930, nasceu na penúria mais uma criança, a filha Elisabeth, chamada Elsa. No mesmo ano — a 14 de fevereiro — o velho e doente pai de Irlmaier entregou a alma ao Criador, a sua mãe foi chamada à eternidade dois anos mais tarde, a 14 de outubro de 1932. As fadigas do incêndio, da reconstrução e da mudança, os anos de miséria na cave tinham esgotado a força vital dos velhos.

Para o triste Jó Irlmaier tratava-se, em primeiro lugar, de trabalhar para sair da pior penúria. A sua habilidade manual veio em seu auxílio. Em casa ele tinha feito sempre reparações e instalações. Todas as instalações na casa nova, que fora à praça, vinham da sua mão. À pergunta sobre que tipo de instalações eram as suas, ouve-se das fontes: Sempre e só água! De início, Irlmaier tinha tentado a sua sorte, com muito menos sucesso, também na eletricidade. Pela filha do Standl, criada no Hagnweg, é passado às aptidões de Irlmaier na eletrotecnia um mau certificado; quase parece que na sua própria pessoa o fogo e a água eram inimigos. A eletrotecnia também não estava ainda muito difundida, rendia ganhos demasiado escassos. Portanto, polegada e meia polegada, ferro fundido galvanizado! À instalação de água pertencia necessariamente a construção de poços. Tudo o que estava relacionado com isso Irlmaier aprendeu de forma autodidata.

Busca de água, construção de poços e instalação, com isso mantinha-se — no duplo sentido da palavra — »à tona da água«, ia de um lado para o outro da região com a sua bicicleta, sobretudo para o próximo Salzkammergut, conseguindo contudo muito pouco para a família. Ele já não podia manter o edifício da vivenda, sobretudo porque as receitas de rendas falhavam. (A vivenda Kurr — mais tarde vivenda Lecker, hoje Hagnweg 27 —

mudou a partir daí de proprietário várias vezes em intervalos curtos.)

No ano do destino de 1933, ou talvez apenas na primavera de 1934, Irlmaier mudou-se para um andar arrendado na Reichenhaller Straße. A casa, construída em dois blocos retangulares apontados um para o outro, situava-se mesmo acima das várzeas do Saalach. O rés do chão era habitado por um talhante, que ali mantinha também a sua loja. No primeiro andar Irlmaier ocupava três divisões.

O Standl Simon, um irmão do velho lavrador Standl do Hagnweg 5, amigo de Irlmaier, em tempos funcionário dos caminhos de ferro, inválido de guerra desde 1945, recordava-se com precisão até à sua morte a 2 de janeiro de 1990: »O Irlmaier era um lavrador, não era nenhum serralheiro nem nenhum construtor de poços formado, ele aprendeu isso tudo sozinho. E ele sabia fazer as coisas!« O construtor de poços Irlmaier trabalhou em Bischofswiesen, mas também nas »terras ancestrais« de São Ruperto, em Liefering e Rott.

»O talento extraordinário de Irlmaier é atestado de múltiplas formas«, escreve Siegfried Hagl no seu livro »Die Apokalypse als Hoffnung« e prossegue: »Assim, ele era provavelmente o único construtor de poços que garantia que os seus poços teriam água (compare-se o relato posterior de Peter Utz): ele sentia a água apenas com as mãos, sem necessitar de outros meios auxiliares, e usava para a procura de água quando muito um laço de arame primitivo para satisfazer a curiosidade dos espetadores, que não conseguiam imaginar um procurador de água sem vara de radiestesia.« Tranquilamente colocava em baixo no seu cartão de visita, que anunciava »Instalações e construção de poços«: »Deteção de nascentes sob total garantia«.

E novamente Simon Standl: »Depois construiu poços, poços tais que nem qualquer um teria sido capaz de fazer! Poços profundos é o que ele construiu!«

Inicialmente Irlmaier revestia os seus poços com tijolos cozidos, mais tarde encaixava tubos de betão de fabrico próprio (anéis de betão, chamados »Reaf«) com macho e fêmea uns nos outros. »Instalações, construção de poços e produção de artigos de betão« prometia o seu carimbo de empresa. Mas nem eram colunas de betão, apenas »Reaf« que ele moldava, e mesmo esses apenas para uso próprio. Um dos seus poços mais profundos — em Obing, no lavrador am Berg — atingia oitenta metros até ao fundo. É preciso fazer ideia disto! E ele próprio estava sempre lá no fundo. Olhe-se uma vez do fundo de um poço de dez metros de profundidade para a abertura onde ao fundo brilha o dia; pode-se então imaginar o que são oitenta metros de profundidade! Mais tarde Irlmaier usou tubos de ferro que, no decorrer do avanço na escavação, eram empurrados cada vez mais para baixo.

O seu poço mais profundo nasceu no Wank, na região de Werdenfels. Esta obra de construção de poços, que na altura causou muito sensacionalismo e que a oitenta e um metros de profundidade deu com uma nascente abundante alimentada por um lago subterrâneo, pertencia às mais profundas de todo o espaço de língua alemã. Irlmaier trabalhava para lavradores e grandes senhores, para proprietários de quintas em alpes e montanhas, para clientes municipais e estatais, para donos de obras desde Traunstein até Würzburg.

Onde quer que na Baviera o líquido vivificante tivesse secado ou tivesse de ser desbravado pela primeira vez, as pessoas dirigiam-se a ele. Ele »cheirava« literalmente os veios de água subterrâneos, por mais profundos que estivessem escondidos no solo. Nisso, passava frequentemente por cima de todos os pareceres geológicos e dos resultados de tentativas de perfuração dispendiosas que duravam há décadas. Desta forma teve o papel decisivo na descoberta da água mineral de Bad Schachen. No espaço de 25 anos (esta contagem data do ano de 1953) Irlmaier construiu não menos de 750 instalações de poços. Nisso colocou muitas vezes a sua vida em jogo quando a terra solta ou cascalho

cedia subitamente durante as escavações. O perigo de ser soterrado pela segunda vez tinha-se tornado para ele algo do dia a dia.

Sobre a construção de poços Irlmaier tinha muito para contar — e gostava de contar: sobre acasos engraçados e ocorrências curiosas, sobre nascentes soterradas, sobre cursos de água subterrâneos literalmente desviados por escavação, sobre forças misteriosas na montanha e na profundeza. »Vento, fogo e água estão lá em baixo«, disse ele uma vez e contou sobre »poços a ladrar«. Sim, ele falava de poços que ocasionalmente começam a »ladrar«. Isto quer dizer que correntes de ar fortes vêm da terra e tornam a água que flui do poço, por assim dizer, »ladrante«.

Em Asten, perto de Tittmoning, Irlmaier construiu um tal poço, vários deles também no lago Chiemsee. Tal como o ladrar dos cães, também o ladrar dos poços tem o seu significado: pode retirar-se daí uma previsão do tempo a mais longo prazo.

A bicicleta de Irlmaier, na qual percorria longas distâncias, era uma construção especial: sobre a roda dianteira mais pequena estava montado um porta-bagagens no qual se ajustava uma caixa grande feita pelo próprio para as ferramentas. Devido à sua extraordinária sensibilidade à água, era-lhe impossível conduzir um carro. Com demasiada frequência o volante »dava-lhe um esticão«. Até andar de bicicleta não era isento de perigo. Se entrava num sistema de veios de água, os raios seguravam-no como um circuito elétrico; tinha de ser tirado para fora. Dificilmente se pode imaginar este fenómeno, mas está atestado por dúzias de vezes. Mais tarde, quando pôde dar-se ao luxo de ter um »Wanderer« azul, um automóvel a gás de madeira, o seu colaborador Ferdinand Felber tinha de o conduzir. O trator pesado adquirido em último lugar era igualmente pilotado por Felber ou pelo filho Alois. Um exemplo convincente da sensibilidade de Irlmaier à água foi dado anos mais tarde pelo proprietário da tipografia de Traunstein e escritor Dr. Conrad Adlmaier:

»Para um poço precisa-se de uma nascente — água. Em tempos de falta de água, a localização do precioso líquido é muitas vezes muito difícil. Para o construtor de poços de Freilassing esta não é uma questão difícil: o ‘Loisl’ é um radiestesista de primeira classe.

Quem ainda não o viu e vivenciou, não acredita. Para ir ao fundo da questão, pedimos uma vez a Irlmaier que fizesse uma experiência. Ele veio então e pediu um pedaço de giz e um arame forte. Depois dobrou esse pedaço de arame em forma de laço e percorreu a sala em que estávamos. Após dois passos, a vara de radiestesia disparou com um solavanco violento para baixo, para, após mais um passo, voltar a dar um salto tão subitamente para a posição original. Agora, não é arte nenhuma dar a um pedaço de arame o giro necessário com os dedos, de modo que a vara ‘dispare’. Mas para cortar cerce qualquer engano, Irlmaier colocou as duas pontas do arame nas palmas das mãos abertas e pediu a uma das pessoas presentes para segurar firmemente as duas pontas com o polegar da mão direita e esquerda. Depois o radiestesista passou novamente com as mãos planas por cima do limite do veio de água, e eis que a vara disparou com a mesma força de antes para baixo. Depois apontou com a mão estendida por cima do curso de água encontrado.

A mão começou logo a inchar, as veias sobressaíram em cordões grossos. Quando ele retirou a mão, ela voltou ao normal num curto espaço de tempo. Esta experiência prova que de um curso de água subterrâneo emanam forças cujo efeito, embora ainda não exatamente investigado, é desde há muito tempo classificado pela opinião popular como prejudicial para a saúde de um ser humano que, noite após noite, dorme sobre um tal curso de água subterrâneo ou, dia após dia, tem de estar sentado sobre ele.

Aos nossos antepassados isso era em todo o caso conhecido; eles prestavam muita atenção a isso na construção de uma casa. Ficou reservado ao ceticismo da Era Moderna passar por cima disso com um sorriso desdenhoso. Inventaram-se também todo o

tipo de ‘dispositivos de blindagem’ que, segundo a opinião de Irlmaier, são inúteis e apenas causam custos elevados.«

Uma vez Irlmaier mencionou a oferta de uma empresa importante que queria lançar no mercado um tal aparelho de blindagem sob o seu nome e assegurar-lhe contratualmente a parte de leão nos lucros. Ele disse contudo ter recusado redondamente essa oferta.

Como já relatado, Irlmaier também sentia veios de água quando ia de carro com alguém. O filho de Conrad Adlmaier, Siegfried, um advogado de Traunstein, encontrou Irlmaier várias vezes. Sobre uma viagem de carro conjunta de Passau de regresso a Freilassing, ele conta numa conversa gravada pela Rádio Bávara:

»Como eu me interessava bastante por isso, ele disse: Quando passa por cima de uma nascente, então ‘a mão dá-lhe um esticão para baixo’, mesmo que não tenha um ramo de avelaneira ou algo do género com uma bifurcação na mão. Isso eu próprio vivenciei. Quando estávamos a vir para casa de Passau, de repente ele disse: ‘Agora passámos por cima de uma nascente, agora deu-me um esticão na mão para baixo’. Eu, como ia sentado à frente, não vi que a mão lhe tenha dado um esticão para baixo, mas ele disse aquilo de forma tão espontânea que não tenho dúvida nenhuma de que é verdade.«

Na Reichenhaller Straße apresentou-se no ano de guerra de 1940 — a 5 de novembro — como caçula a filha Rita (que depois, como a sua irmã mais velha Elsa, permaneceu residente em Freilassing). Por esta altura, a filha Maria, nascida em 1922, já tinha terminado o seu »ano de serviço obrigatório« em Triebenbach, perto de Laufen, e trabalhava agora na fábrica de ferro de Hammerau, não muito longe atrás de Freilassing, na estrada para Reichenhall. Para lá estava »mobilizada para o serviço de guerra«, forjava ferraduras para cavalos. Com o seu escasso ganho apoiava o pai, financiava a compra de ferramentas

urgentemente necessárias, garantia que o equipamento da empresa do pai se mantinha atualizado. Irlmaier foi salvo da ordem de incorporação devido aos seus ferimentos graves sofridos na Primeira Guerra Mundial.

O seu filho, por outro lado, serviu na infantaria desde o ano de 1942 até ao fim da guerra, tendo ficado — novamente na Rússia — gravemente 30 ferido. O seu pai, para a continuação do negócio, tinha-o feito aprender não menos de três profissões: serralheiro, torneiro e fundidor. Concluiu as três formações em Salzburgo com distinção e, após o seu regresso do cativeiro, trabalhou na empresa do pai.

À extraordinária sensibilidade à água de Irlmaier, muito acima da média, juntou-se ainda uma segunda e espantosa capacidade: a clarividência.

Siegfried Adlmaier, o advogado, conta que na altura em que foi com o seu pai e Irlmaier a Passau ficou a pernoitar em casa de uma antiga conhecida, a »Mãe Lang«. O seu pai, porém, prosseguiu com Irlmaier para o mosteiro de Windberg. No convento dos premonstratenses que ali existia vivia um parapsicólogo que se tornara conhecido por várias publicações sobre a matéria, o Padre Dr. Norbert Backmund. O encontro teve lugar em 1953 (sobre isso Backmund contou alguns anos mais tarde ao autor, quando o encontrou em Ravenna e Roma).

Backmund colheu nessa ocasião, tanto de Adlmaier como de Irlmaier, numa conversa pessoal, muitas declarações que vão além das publicações de Adlmaier sobre o tema Irlmaier. No seu livro »Hellseher schauen die Zukunft«, Norbert Backmund escreve sobre o dom da precognição de Irlmaier:

»Irlmaier foi soterrado na Primeira Guerra Mundial e sofreu um choque nervoso grave. Terá este acontecimento desencadeado aquele dom?« A seguir estabelece a comparação com o clarividente holandês (nascido em Dordrecht, mais tarde a viver

na Califórnia) Peter Hurkos, no qual o dom da clarividência fora desencadeado por uma queda de um andaime.

Em Irlmaier, Backmund duvida daquele fator desencadeador a situar no ano de 1918: »É difícil de presumir, pois só uma década mais tarde, no ano de 1928, é que ele (Irlmaier) começou a ver coisas extraordinárias.« Era o tempo do incêndio, da reconstrução, da maior penúria económica, da arrematação em hasta pública e das tentativas de singrar a partir de Salzburghofen como instalador.

Efetivamente, parece esquisito que o dom da clarividência em Irlmaier apenas se desencadeie em ligação com este incêndio e as solicitações dele resultantes. Contudo, Adlmaier professa a sua teoria de que também através deste choque se possa ter chegado a »essa disponibilidade do espírito para deslocar o equilíbrio regular«, de que este choque possa ter dado o »impulso para a clarividência, na qual as diferenças de tempo parecem estar abolidas«.

Talvez contudo, assim se pode também supor, este dom ou predisposição, de cuja existência a ciência está entretanto convencida, estivesse latente há muito tempo. Na fronteira entre a sensibilidade à água »normal« e a precognição situa-se aquele incidente já mencionado e comprovado que ocorreu antes da verdadeira »carreira« de Irlmaier: a superiora de um mosteiro na Argentina esteve de visita às suas confreiras bávaras (infelizmente não especificadas em pormenor por Backmund, a fonte). Ela tinha grandes preocupações, pois, apesar de muitas tentativas, não se encontrava água nas proximidades do seu mosteiro.

Chamararam Irlmaier e apresentaram-lhe uma planta de localização exata do mosteiro argentino. Irlmaier tateou o mapa e assinalou imediatamente um ponto na encosta, nas proximidades imediatas da instalação. Após o regresso da superiora à sua terra, chegou em breve uma carta com a confirmação de que a

escavação no ponto assinalado por Irlmaier tinha levado a um veio de água abundante.

O autor recorda-se de ter podido testar este dom da deteção à distância de água num lavrador que vivia solitário no Sauwald, acima de Wesenufer: apresentou ao lavrador uma planta o mais exatamente desenhada possível da sua própria casa, com a divisão e destino de todas as divisões do rés do chão. Este concentrou-se, recolheu-se durante algum tempo a rezar numa mesa secundária, aproximou-se por fim e indicou com traços seguros de lápis as três divisões sob as quais, como já era do conhecimento do autor, corria um veio de água. Um processo para ele misterioso.

Irlmaier sentia a água nas mãos, ela ficava nas palmas das suas mãos e dedos, como ele se exprimia, »wurlert«, as suas veias inchavam grossas. Mas o dom desenvolveu-se mais. Gradualmente e de forma cada vez mais clara notou que as veias de sangue das suas mãos também inchavam grossas e fortes por cima de zonas do corpo doentes. Ele conseguia, quando passava as suas mãos a uma certa distância ao longo do corpo de um ser humano, embora não diagnosticar as causas da doença, localizar de forma impecável o foco da doença.

À idade de 34 anos teve a sua primeira aparição inexplicável. Isso aconteceu imediatamente após a sua mudança para Salzburghofen, nas últimas semanas do ano de 1928. Esta primeira experiência assustou-o e ocupou-o durante muito tempo antes de falar uma vez sobre o assunto com um 32

Quando passava por cima de um veio de água, ficava »wurlert« nos seus dedos: Alois Irlmaier por volta de 1951

conhecido. Foi uma experiência com forte teor religioso, tal como doravante em todas as suas visões:

No inverno de 1928, Irlmaier trabalhava como instalador num lavrador austríaco no Salzkammergut. Um dia, quando veio para merendar, viu pendurada na sala uma imagem de Maria muito

bonita. De repente pareceu-lhe como se a Mãe de Deus saísse da imagem e olhasse para ele com bondade. Quando passou a mão atordoado pelos olhos, estava tudo novamente como antes.

O relato de Irlmaier sobre este incidente é transmitido pelos investigadores da altura do *Mittelbayerische Zeitung*, do *Donaukurier*, do *Bayerische Landeszeitung* e do *Neue Zeitung* em versões ligeiramente divergentes entre si. Uma vez diz-se que ele trabalhou no ano de 1928 na região de Salzburgo como construtor de poços e entrou na habitação do seu cliente. Estava sozinho na sala e observava uma imagem antiga da Mãe de Deus cercada por doze santos. De repente aconteceu: viu de um momento para o outro a Virgem pintada sorrir, os santos moverem-se, e ficou com isso apavorado de morte.

Receou ter ficado doente e não falou da sua experiência durante muito tempo. Mas a partir dessa hora as visões em imagens perseguiram-no. Via as imagens sobrenaturais nas nuvens, nas paredes das casas e dos quartos e, por fim, também ao ar livre, à frente das quais se interpunha uma cortina de fumo no momento das aparições. De ano para ano estas visões tornavam-se mais claras e frequentes.

Outra versão diz: no ano de 1928 Irlmaier construiu um poço num lavrador em Kuchl, na Áustria. À hora da merenda entrou na sala e viu no canto dos santos uma imagem da Virgem cercada por doze santos. Esta imagem atraiçoou-o imediatamente. De repente a Virgem saiu da moldura, mesmo em frente a ele, em tamanho natural, olhou para ele um momento, sorriu levemente e voltou para a sua imagem. »Fiquei ali parado como um cepo de madeira«, recordava-se Irlmaier, »mas desde essa altura vejo ora isto, ora aquilo. Ora são pessoas falecidas em vestes assim enevoadas, ora é o Senhor Deus na cruz e só coisas sagradas desse género, sem que eu quisesse.«

Desta Virgem a filha mais velha, Maria, supôs mais tarde que não se teria tratado de uma imagem, mas sim de uma estátua para

cuja veneração o seu pai queria construir uma capela perto do fim da sua vida. Mas não haveria aí uma confusão com aquela outra Virgem que, enlutada pelo incêndio, fora resgatada dos escombros do Bruckthalerhof? É de presumir. Numa terceira versão diz-se, efetivamente, que ele guardava uma imagem da Mãe de Deus que tinha pedido que lhe oferecessem porque, quando a observava, ela tinha saído da moldura, enquanto os doze apóstolos que rodeavam a imagem tinham movido as cabeças de um lado para o outro.

Esta imagem da Mãe de Deus tinha-a pedido para construir uma capela mariana »em redor dela«. — O que é convincente nesta versão é que os doze santos são agora especificados mais de perto como os doze apóstolos, com os quais a opinião popular gosta de confundir as doze estrelas apocalípticas ao redor da cabeça da Mãe de Deus. Habitualmente Maria é contudo representada — como no painel do altar principal de Seinsheim em Grünbach — juntamente com os catorze auxiliares nas horas de aflição.

Conrad Adlmaier perguntou-se após a morte de Irlmaier se o vidente teria recebido o seu dom concedido por Deus. A Virgem Maria como chave — com isto ele coloca-se em linha com outros visionários de motivação religiosa.

Desde esta aparição Irlmaier teve muitas visões que, de forma semelhante a um filme, se desenrolavam em todos os pormenores diante dos seus olhos. Via »figuras e paisagens, mortos como búzios cinzentos e vivos« e não tinha explicação para isso. De forma brusca as imagens surgiam e desapareciam rapidamente. Viu os falecidos como »figuras em véu«. Assim costumava dizer quando lhe mostravam fotografias destes: »Mortos como búzios«, de facto avistava falecidos como que atrás de um véu. Quando lhe mostravam a imagem de um soldado caído em combate, via a figura flutuar nessa vestimenta em forma de véu e sabia então que ele já não estava vivo. Os vivos conseguia reconhecê-los mais claramente.

Via as imagens de forma plástica como no cinema. Paisagens surgiam até aos pormenores com as características típicas de uma estação do ano. Via árvores em flor e neve nas montanhas. Ocorria-lhe, como ele dizia, um »estalido«: depois via pessoas, paisagens, traços e números. Estes estavam muitas vezes codificados ou incompletos e podiam ser mal interpretados. Irlmaier não sabia na maioria das vezes explicação para isso; as suas tentativas de interpretação falhavam com frequência suficiente. De forma quase cética se exprime uma vez o especialista Backmund: »Naturalmente que também acontecia Irlmaier falhar como clarividente. Por vezes dirigiam-se a ele e ele não via absolutamente nada. Simplesmente não lhe dava o estalido, a mudança de estado não resultava. Mas isso não diz absolutamente nada contra os casos de sucesso muito mais numerosos. Alois era cauteloso na interpretação, e em muitos pormenores das suas visões deixava em aberto a possibilidade de interpretação.« Isto acontecia especialmente quando se tratava de ocultar falecimentos aos familiares por compaixão.

Irlmaier tinha de se concentrar fortemente ao ver, o que o cansava muito. »Nem sempre via« — segundo Backmund — »igualmente bem e claro. Após uma solicitação prolongada manifestavam-se sintomas de fadiga.«

Contudo, os »casos de sucesso« predominavam; confirmando-se as suas previsões, a sua visão tornava-se cada vez mais certeira, de modo que finalmente o já mencionado proprietário de tipografia e redator de Traunstein Conrad Adlmaier prestou atenção ao construtor de poços de Freilassing. Para ele, tal como para muitos outros, era um mistério como é que este homem simples podia ver tão longe no passado e no futuro.

Novamente seja Conrad Adlmaier citado textualmente. Ele fiscalizou o vidente de Freilassing durante dezoito anos com precisão minuciosa. Foi provavelmente o único em condições de dar um relato autêntico:

»Primeiro encontrei-o em 1943 numa pequena cabana de madeira diante da qual dúzias de pessoas esperavam pacientemente até chegar a sua vez. Eram quase sempre mulheres e homens idosos, familiares de desaparecidos. A guerra, as noites de bombardeamento, as preocupações tinham marcado os rostos, a penúria e o medo aberto fundas rugas.

Irlmaier fazia o que podia para reanimar os aflitos, aliás alegrava-se visivelmente quando podia dizer: 'O teu marido, o teu rapaz volta para casa, eu vejo-o, está ferido, mas já anda novamente de bengala.' Visivelmente comovido tinha contudo muitas vezes de 'falar com rodeios', porque a verdade teria desencadeado um choque.

Quando os véus diante do futuro caem, então também o presente e o objeto distante no espaço não estão fechados ao olho do vidente. Isto prova-o Irlmaier com frequência suficiente quando morre alguém que ele conhece. 'Ora o que é que tu queres, a ti apanhou-te depressa', disse ele uma vez. Quando os presentes lhe perguntaram a quem se referia com a sua interpelação, Irlmaier disse:

'Ah, meu Deus, o lavrador X morreu de repente e agora vi-o. Como uma figura em véu ele veio por aí. Meu Deus, como ele olhava, por ter chegado tão depressa à eternidade. Ora vai lá novamente, eu já te ajudo na eternidade e digo à tua gente.' Quando lhe apresentam a imagem de um soldado caído em combate, ele vê igualmente o morto flutuar nessa figura em forma de véu e sabe então com certeza que o visado já não está entre os vivos. 36

Disso Irlmaier não faz segredo, embora tenha um coração compassivo e queira sobretudo ajudar. De outro modo não sacrificaria certamente o tempo e a oportunidade de trabalho aos milhares que já vieram ter com ele. Custa-lhe talvez bastante quando tem de dizer coisas que não significam precisamente um futuro cor-de-rosa. Assim, quando não há outro remédio, põe-se

em fuga e fica então invisível durante dias. Quem o pode censurar?«

Alois Irlmaier fez inúmeras previsões no âmbito privado mais estrito que são todas verificáveis. Em setenta a oitenta por cento foram confirmadas como corretas. Esta é a opinião de Backmund. Numa conversa com o autor ele prosseguiu:

»As suas declarações eram em geral próximas no tempo e no espaço; quero dizer, ele podia dizer: ‘O teu pai morre agora em breve’, ‘na vossa casa arde hoje’, ‘o teu irmão, esse ainda vive na Rússia’, ‘o bezerro que vos roubaram está no celeiro do vizinho’. E quando se ia verificar isso, então também estava certo.«

Na polícia em Freilassing pode saber-se que Alois Irlmaier lhes prestou grandes serviços. Precisamente ali esteve-se cético no início. Isso pode imaginar-se. Conrad Adlmaier confessa:

»Muitas vezes também o autor destas linhas teve de vencer uma incredulidade absoluta nestas coisas, até ser profundamente convertido. Com toda a firmeza se declare: ‘Aquilo que vi com os meus próprios olhos e ouvi com os meus próprios ouvidos, por isso posso dar a face a qualquer momento.’«

Alguns dos casos mais marcantes sejam apresentados. Norbert Backmund reconhece que deve a maior parte do que escreve sobre Irlmaier ao proprietário de tipografia e redator de Traunstein Dr. Conrad Adlmaier, mas que também coloca na base das suas publicações algumas comunicações orais de Adlmaier. O autor infelizmente não esteve na feliz posição de falar com Conrad Adlmaier, dado que o amigo e protetor de Irlmaier já não vive há muito tempo. Agradecido confirma contudo que muitos dos casos contados a seguir do dia a dia de Irlmaier foram tornados públicos pela primeira vez por Conrad Adlmaier.

Como fonte juntaram-se também as conversas com o filho de Conrad Adlmaier, o já mencionado advogado Siegfried Adlmaier, comunicações das três filhas de Irlmaier ainda vivas à data da

elaboração deste trabalho e de outras fontes, além de cartas que entram constantemente e que deram o verdadeiro impulso a este trabalho.

O AUXILIAR NAS HORAS DE AFLIÇÃO

Agora Irlmaier mora na Reichenhaller Straße, no número 41, arrendado no primeiro andar. E a partir de 1933 conta-se o tempo de Hitler. Pouco se falava de política em casa, recordam-se as filhas. As gerações posteriores não conseguem por regra imaginar que na altura uma única palavra aberta já era perigosa para a vida. Um pai que diante dos seus filhos falasse mal de Hitler tinha de contar com o facto de estes — de forma totalmente ingénua — tagarelarem sobre isso no intervalo da escola. O filho do chefe do grupo local andava na mesma turma. Poucos dias depois — isso podia acontecer — surgiam dois ou três homens em casacos de cabedal preto e levavam o pai...

De Hitler falava-se portanto pouco nos anos da ditadura, mas as crianças conheciam de qualquer modo a opinião do pai sobre o tempo do otimismo incessante. E no canto dos santos rezava-se como antigamente na sala de lavoura de Oberscharam. Backmund escreve:

»Era um homem simples, sem complicações, não propriamente um santo, mas de índole retamente cristã, bondoso e sempre pronto a ajudar.«

A cabana de madeira miserável de que Conrad Adlmaier escreve não ficava na Reichenhaller Straße, mas sim na Waldstraße. Mais exatamente: esta »rua« era apenas o caminho precariamente aterrado por uma mata negligenciada a sul da linha de caminho de ferro, onde na altura quase não havia uma casa. Aqui tinha Irlmaier adquirido um terreno a bom preço para ganhar

espaço para oficina, armazém e garagem — e para um barracão de madeira que serviu de cabana de obras enquanto os muros de uma casa subiam lenta, indescritivelmente devagar.

Nesta cabana procuraram conselho pessoas de todas as classes sociais no tempo de guerra e de pós-guerra; queriam saber o destino de familiares desaparecidos ou caídos em cativeiro. Irlmaier dava informações segundo o seu melhor conhecimento — mesmo quando a afluência de pessoas se tornava muitas vezes uma tortura para ele. 38 A esmagadora maioria das suas declarações atingia o cerne da questão, confirmando-se com espantosa precisão. O simples escavador de poços de Freilassing não era conhecido apenas no Rupertiwinkel, no Salzkammergut e no Chiemgau; a sua fama espalhou-se por todo o espaço de língua alemã, pela Suíça adentro e, quando a guerra chegou ao fim, até à América ultramarina.

O mencionado Simon Standl recorda-se com precisão:

»No dia em que lá estive, esteve lá uma data de senhores, mas não os contei. Esses vinham todos ao domingo. Como era durante a semana não sei, mas ao domingo as pessoas vinham de não sei onde, vinham de muito longe de carro! Mais tarde ouvi muitas vezes: esta e aquela pessoa contou isto e aquilo! Ele sabia fazer as coisas!«

Irlmaier confrontava os seus semelhantes com uma disponibilidade para ajudar muitas vezes comovente. Ocasionalmente já sabia das dificuldades de quem procurava conselho antes mesmo de apresentarem o seu pedido. A mudança de estado dava-se nele de forma brusca; depois via diante do seu olho mental, em rápida sequência, um acontecimento desenrolar-se como um filme a cores. A sua tarefa consistia apenas em traduzir em palavras aquilo que acabara de ver.

Apenas poucas das suas previsões privadas e pessoais permaneceram duvidosas. Sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial e nos anos do pós-guerra, familiares de combatentes

pediam informações sobre os seus destinos. O construtor de poços indicava incansavelmente o paradeiro de desaparecidos, conhecia em alguns casos até o dia do seu regresso a casa, sabia pormenores sobre prisioneiros e dizia como lhes ia o cativeiro. Após o regresso destes, confirmava-se quase sempre quão corretamente Irlmaier tinha visto até os menores detalhes.

Como homem simples, tratava por tu todos os que perguntavam, sem olhar a postos e nomes. As suas declarações eram próximas no tempo, pelo menos referentes ao local. Com franqueza dizia muitas vezes: »Não há crise nenhuma, o vosso rapaz está de boa saúde e vem para casa!« Ainda mais frequentemente evitava olhar para os consulentes e usava subterfúgios, porque a dolorosa verdade teria desencadeado um choque. A muitas mães tinha de dizer: »Minha senhora, eu também não sei tudo. Rezem lá, que há de correr tudo bem.« Elas adivinhavam então que tinham a temer o pior.

Conrad Adlmaier recorda-se:

»Quando uma mãe desesperada, um pai cheio de dor lhe dirigia a aflita pergunta: ‘Ainda vive?’, custava muitas vezes muito ao clarividente quando a conhecida figura em forma de véu 39 surgia diante do seu olho, muitas vezes mutilada e manchada de sangue. Então Irlmaier esquivava-se, falava com rodeios sobre o assunto, preferia deixar as pessoas na incerteza. Uma vez lamentou-se: ‘Quantas vezes me compadeço das pessoas quando vejo como têm de sofrer. E afinal não posso mudar as coisas!’«

Aqui Conrad Adlmaier chega a uma constatação que faz parecer a atividade de Irlmaier, apesar de toda a sua disponibilidade para ajudar, no fundo duvidosa — um pensamento que certamente atormentava o vidente de Freilassing em noites de insónia (ele comia mal e dormia mal):

»Por isso Deus fechou o futuro diante dos nossos olhos.«

Embora as suas visões durassem apenas um instante relâmpago, cansavam-no contudo. Muitas vezes centenas de pessoas faziam fila diante da cabana de madeira de Irlmaier, e ele tinha de parar subitamente sem forças.

Conrad Adlmaier recordava-se:

»Houve dias em que o clarividente foi literalmente bombardeado com perguntas de forma ininterrupta desde as seis da manhã até à uma da noite. Se se pensar no que significa, só em termos físicos de tensão, aguentar vinte e mais horas no espaço muito pequeno em que Irlmaier costumava receber os seus convidados, apenas a ouvir sem pausa as pessoas desgostosas, ansiosas, em parte desesperadas, pode-se imaginar que o homem ficava exausto. Além disso, cada esforço para 'ver' significava uma concentração mental, uma energia de vontade que com o tempo se tornava cada vez mais difícil de reunir. No entanto, Irlmaier era um homem completamente bondoso e prestável. Tentava ajudar onde podia.

Não se deve ocultar aqui que alguns consulentes ficaram desiludidos, ao contrário da sua previsão. O desaparecido nunca mais regressou a casa. Mas quem viu quantas centenas de pessoas rodeavam a pequena cabana do construtor de poços para pedir informações ao homem exausto até alta noite, pode compreender também isso. Como as visões apareciam mais claras ou mais esbatidas consoante a concentração despendida, eram observadas com um certo esforço e podiam esgotar mentalmente o vidente, especialmente em caso de sobrecarga das suas forças. Estas são as observações que o autor destas linhas fez numa fiscalização minuciosamente precisa de Alois Irlmaier de Freilassing ao longo de dezoito anos.«

O advogado Siegfried Adlmaier, filho de Conrad Adlmaier, pode confirmar a experiência do seu pai pela sua própria memória: »O meu pai achava que nos casos em que ele descrevia, por exemplo, os destinos de soldados desaparecidos, era de uma

precisão espantosa. E que, quando vinha muita gente, esse dom vidente, para lhe chamar assim em resumo, ficava um pouco esgotado. Ele ficava então cansado. E a precisão diminuía.«

Era de facto muita gente a que vinha ter com Irlmaier. O homem amplamente conhecido já não conseguia livrar-se de quem procurava ajuda e conselho. Quase se é tentado a recorrer à expressão gasta: não se livrava dos espíritos que invocava. A afluência, agora também de curiosos, tornou-se intragável. A isso juntaram-se hostilidades. Um ladrão que tinha roubado uma ovelha denunciou Irlmaier por difamação. Os vestígios foram apagados, já não foi possível fazer prova — Irlmaier teve de pagar uma multa.

Muito injustamente o acusavam de ganância. Mesmo quando passava dias inteiros a dar informações sobre familiares desaparecidos, nunca pedia um tostão por isso. Um »Deus lho pague« vindo do coração valia para ele mais do que tudo; por isso estava disposto a tudo. Ele respondia: »Deus abençoe«, e a sua energia regressava. Contentava-se com o ganho que a escavação de poços lhe trazia (no mau tempo isso não era muito). Apenas quando fazia uma viagem mais longa por causa de alguém tinha de pedir um reembolso insignificante das despesas de deslocação.

É provavelmente o único clarividente que pôde fazer a prova das suas capacidades em tribunal. Quando na primavera de 1954 [sic] foi citado perante o juiz com base no artigo da »charlatanice« — um processo na verdade apenas explicável pela »visão do mundo« dos governantes sucumbidos em 1945, uma vez que Irlmaier nunca tinha cobrado dinheiro pela comunicação das suas visões —, o Tribunal de Comarca de Laufen teve de se deixar convencer por depoimentos de testemunhas sob juramento sobre a aptidão de Irlmaier para perceções extrassensoriais.

Conrad Adlmaier recorda-se deste processo: »O que as testemunhas, na sua maioria de Freilassing, declararam aqui sob juramento foi de tal forma favorável ao clarividente que o tribunal

se deixou convencer de que não se podia falar aqui de charlatanice. O móbil da ganância ficou completamente excluído quando se soube que Irlmaier se contentava com um ‘Deus lho pague’ pelos seus serviços e a mulheres pobres, que o tinham procurado na sua aflição, oferecia até o dinheiro da viagem. Assim se confirmou o que o Lois tinha previsto ao juiz no início das sessões: ‘Não me podes fazer absolutamente nada!’ Foi absolvido.«

A fundamentação da sentença, que pode ser consultada nos autos judiciais históricos, dizia na altura: »O interrogatório das testemunhas Himpel, Stadler, Wallner, Hiebl e Käser forneceu testemunhos tão surpreendentes, dificilmente explicáveis pelas forças da natureza até agora conhecidas, para o dom vidente do arguido, que este não pode ser designado como charlatão.«

Quem, contudo, teria recusado categoricamente uma barra de chocolate ocasionalmente trazida para as crianças ou, nos maus tempos, talvez até um pedaço de manteiga caseira (pressionada do prático molde de madeira)? Quem teria querido ofender pessoas simples por se aterem a um antigo costume rural? O que é certo é que Irlmaier nunca pediu um tostão. Ouviu a todos, sem olhar a posição e nome. Até altas horas da noite deixava passar as longas filas, dava resposta e satisfação até já não poder mais. Ocasionalmente escapava-se por trás por cima da vedação, enquanto à frente as pessoas ainda esperavam; de outro modo não teria conseguido afastar-se de todo.

Sim, ele não soubera salvar-se da afluência de outro modo senão erguendo uma vedação em redor do seu terreno de construção. Não era uma vedação de estacas de madeira como antigamente em Oberscharam, mas sim, de forma mais moderna, uma estrutura de tubos de aço com rede de arame. De arame farpado ainda não se falava; esse viria a juntar-se mais tarde como consequência de outro acontecimento de que ainda se falará. Não raras vezes subia, portanto, por trás por cima da vedação e refugiava-se na Reichenhaller Straße.

Estava cercado dia e noite. Em casa, recordam-se as crianças, apoiava a cabeça na mão e gemia: »Já não vejo nada! Já não vejo nada!« Era para ele o mais terrível, este sinal de exaustão total: »Já não vejo nada!« Durante horas, até alta noite, e muitas vezes logo de manhã cedo, as pessoas esperavam diante da sua vedação. Apenas a constante repetição corresponde a um tal ostinato. Em casa Irlmaier raramente estava disponível para falar, recordam-se as crianças. Ou andava pelo país junto dos seus clientes — construía poços em toda a Alta Baviera, sobretudo no chamado *Saurüssel* entre o Salzach e o Inn — ou dava informações às pessoas, hora após hora. Quando se sentava em casa à mesa da sala, os olhos fechavam-se-lhe de cansaço.

Noutro ponto da sua brochura »Blick in die Zukunft«, publicada em três edições (1950, 1956, 1961), Conrad Adlmaier escreve: »Quem julgasse que o seu posto ou posição fazia dele uma pessoa privilegiada batia à porta errada em Irlmaier. Ele não conhecia qualquer diferença, quer rico quer pobre, quer alto quer baixo. À irmã do general Clay ele fazia esperar à porta da sua cabana exatamente da mesma forma que a uma qualquer pobre mulher de lavrador que quisesse perguntar pelo seu filho desaparecido.« (Que Irlmaier tenha sido interrogado sobre o curso do desenvolvimento do pós-guerra não apenas pela irmã do general Clay, mas pelo próprio general e pelo seu conselheiro político Robert Daniel Murphy (1894-1978), só se pode apontar como boato, à falta de testemunhas vivas ou de documentação de igual fiabilidade.)

»Os centenas de americanos que o visitavam tinham de levar um intérprete, pois Irlmaier só sabia falar o dialeto do Chiemgau, mas não inglês. E no entanto ele contava aos soldados, na sua maioria negros — talvez fossem sentimentos de saudades de casa relativamente aos familiares tão distantes que os levavam até ele —, com precisão de milímetro como estavam as coisas em sua casa, se estavam todos de saúde e o mais que queriam saber. Um americano rico veio até de avião para obter conselho e informação

por causa de um poço de petróleo.« (Irlmaier devia procurar jazigos de petróleo. O seu faro para jazigos subterrâneos de matérias-primas ainda será abordado.) »Que ao simples construtor de poços não faltavam ofertas tentadoras, entende-se por si só. Ele poderia ter-se tornado um homem famoso e também rico no estrangeiro. Mas recusou todas as ofertas desse género: 'Eu fico na minha terra natal, consigo ganhar com a minha escavação de poços tudo o que preciso, mais não quero', esse foi o seu parecer definitivo.«

Também a polícia pedia ocasionalmente a sua ajuda no esclarecimento de casos criminais misteriosos. Está comprovado que Irlmaier contribuiu para a resolução em vários casos que pareciam sem esperança. É um facto: desde que as autoridades, principalmente a polícia judiciária bávara e austríaca, se serviram do apoio bem-sucedido do construtor de poços clarividente, a sua fama ficou, por assim dizer, oficialmente selada.

»Muitas das visões de Irlmaier«, escreve Siegfried Hagl no seu livro »Die Apokalypse als Hoffnung«, »estão relativamente bem documentadas. No Dr. Conrad Adlmaier ele encontrou o seu cronista, que registou e em parte publicou muitas visões do construtor de poços. Relatos correspondentes existem também de outras testemunhas sérias, de modo que temos aqui a ver com profecias declaradamente documentadas com fiabilidade.«

Conrad Adlmaier anuncia a comunicação das muitas ocorrências por si próprio observadas com as seguintes palavras:

»Muitas vezes também o autor destas linhas teve de vencer uma incredulidade absoluta nestas coisas, até ser profundamente convertido. Apesar disso, declare-se aqui com toda a firmeza: aquilo que vi com os meus próprios olhos e ouvi com os meus próprios ouvidos, por isso posso dar a face a qualquer momento.«

OCORRÊNCIAS

Na introdução à sua seleção de acontecimentos inexplicáveis em redor do vidente de Freilassing, Conrad Adlmaier promete registar apenas casos conscienciosamente atestados, »apenas ocorrências indiscutivelmente apuradas«. Na sua terceira edição reafirma »apresentar apenas previsões de Irlmaier exatamente investigadas«, sobre as quais lhe foram disponibilizados documentos escritos.

O seu número tinha além disso aumentado de tal forma nos últimos anos que ele, por falta de espaço, se via obrigado a limitar-se às mais impressionantes. Em todo o caso, para ele, como cronista, já não era de todo possível listar exaustivamente à data da publicação quantas pessoas familiares de mortos e desaparecidos o vidente de Freilassing tinha consolado.

O proprietário da tipografia só ficou aliás verdadeiramente convencido de que »há coisas que escapam a uma explicação natural« quando Irlmaier, a seu pedido, lhe deu informações sobre a sua própria vida. Em todo o caso, escreve ele, a partir daí absteve-se de fazer perguntas a Irlmaier que lhe dissessem respeito a si próprio.

O tom simples, ocasionalmente demasiado simples, das ocorrências comunicadas por Conrad Adlmaier e Norbert Backmund foi aqui intencionalmente mantido. Outros acontecimentos (apurados e conscienciosamente verificados pelo autor deste livro) em redor das capacidades clarividentes de Irlmaier puderam ser acrescentados.

AS FIGURAS EM VÉU

A morte do soldado

»Que mães e esposas perguntassem a Irlmaier se o seu filho ou marido já notificado como morto não estaria afinal ainda vivo era o pão nosso de cada dia. A resposta a tais perguntas era sempre uma tortura para Irlmaier, já que o acontecimento da morte se lhe apresentava com cruel clareza. Mais de uma vez ele

se desviava então chocado: ‘Tira daí essa foto, já não posso ver isso! Pobre homem! Como é que eu vou dizer isto à mãe dele, ela cai para o lado com a dor!’

Assim ou de forma semelhante disse ele quando lhe apresentaram mais uma vez a foto de um soldado. Descreveu, a pedidos repetidos, como o visado tinha morrido. Tinha recebido um estilhaço de granada no ombro e um na têmpora. Tinha tido morte imediata.«

Conrad Adlmaier diz a este respeito: »Eu vi como testemunha como Irlmaier se desviava a tremer quando lhe perguntavam pelo destino de um desaparecido. O visado, segundo uma carta posterior do seu comandante de companhia, foi gravemente mutilado e morto por um impacto direto.«

TRÊS VEZES VINTE E SETE

»Mais uma vez Alois Irlmaier fora perguntado pelo destino de um prisioneiro de guerra. Durante muito tempo observou a fotografia do jovem. Por fim disse: ‘O homem vem em breve para a Alemanha e tem de ir para um hospital militar. Mas depois já não vejo nada.’

Como é compreensível, os familiares insistiram em saber quando seria isso. Irlmaier apenas repetia uma e outra vez que não sabia dizer, mas que via o número vinte e sete. Três vezes até. O que isso significava, não sabia dizer.

Esta previsão cumpriu-se da seguinte forma: a 27 de setembro o prisioneiro de guerra em questão foi posto em marcha nos Urais. Chegou gravemente doente a Frankfurt an der Oder. Foi internado no hospital militar e ali morreu a 27 de outubro do mesmo ano. A 27 de dezembro, finalmente, os familiares receberam a notícia da morte através do presidente do município da sua terra natal. Os outros dois vinte e sete foram confirmados porque pouco depois um camarada do falecido veio de visita e contou todo o sucedido.

Quando os familiares perguntaram mais tarde a Irlmaier por que razão não lhes tinha dito nada da morte do prisioneiro de guerra, ele respondeu: ‘Eu vi exatamente como ele foi ‘‘encoberto por um véu’‘, mas não vos quis dizer porque tive pena de vós.’«

O MORTO COM A MÃO NAS COSTAS

»Numa família havia disputas violentas. Tratava-se de questões de herança. Nesses casos os contrastes costumam chocar duramente uns contra os outros. Chegou-se a acompanhamentos desagradáveis, denúncias e queixas. O velho pai não sabia bem por quem tomar partido. Um dia sofreu um ataque cardíaco fatal. O seu filho, que morava noutro local, foi uma hora mais tarde, sem saber nada da morte do pai além de uma breve comunicação, ter com Irlmaier para obter conselho e ajuda na sua questão.

Após breve conversa Irlmaier disse: ‘O que é que tu tinhas com o teu pai? Agora teve de ir para o outro lado depressa e está tão inquieto. Agora arrepende-se de já não ter podido falar contigo. Anda sempre de um lado para o outro e tem a mão direita nas costas, a mão esquerda ele balança-a de um lado para o outro. Pede-te que lhe perdoes, e agora queria dar-te a mão. Dá-lha lá!’

O visitante não sabia o que dizer e fazer. Efetivamente o seu falecido pai tinha o hábito de colocar a mão direita nas costas e, quando andava, balançar o braço esquerdo de um lado para o outro. Totalmente chocado, o visado disse então a Irlmaier: ‘Eu não vejo nada, como é que posso dar a mão, embora perdoe ao meu falecido pai tudo de todo o coração o que ele me fez!’ A isto o clarividente pegou na mão direita do seu convidado e guiou-a até à da figura em véu por ele percecionada. ‘Vês, agora olha com um ar muito satisfeito’, disse Irlmaier, ‘e agora vai-se embora.’

Pode-se imaginar aproximadamente o que o filho pensou quando depois foi para casa e encontrou o pai morto já em câmara ardente.«

O PINTOR MORTO

»Irlmaier tinha, como construtor de poços, muito a fazer na região de Salzburgo. Por isso atravessava frequentemente a fronteira. Um dia estava lá de visita a uma família. Quando foi trazido o café, Irlmaier disse: ‘O que é aquele cliente ali atrás em pé? Sim, ele pertence a esta casa, deu-lhe um ataque junto ao portão do jardim. E agora pede uma coisa. Precisa de uma missa sagrada. Ele morou nesta casa, e lá em cima tinha a sua oficina de pintura. Agora já sei, é o pintor M., puseram o nome dele a uma rua no Salzach.’

Quando depois mostraram a Irlmaier, no andar superior, o autorretrato do pintor, ele disse: ‘Sim, é ele, o que está lá em baixo no quarto. Mandem dizer-lhe já amanhã uma missa nos Capuchinhos! Agora agradece com a mão, agora vai-se embora.’ Nenhum dos presentes sabia que a casa fora anteriormente o lar daquele famoso pintor. Só quando foram ter com o encarregado da casa e perguntaram se confirmou que tudo o que o clarividente afirmara estava certo até ao pormenor: a localização do atelier, a morte súbita do pintor por apoplexia junto ao portão do jardim. O falecido teve a sua missa sagrada nos Capuchinhos; os moradores da casa, contudo, não puderam doravante deixar de sentir um leve horror quando passavam pelo referido portão do jardim.«

SEM BÊNÇÃO NO PÃO

»Quando uma vez Irlmaier escavava um poço numa localidade de montanha, foi convidado pela lavradora para uma merenda. Ele olhou para o pão e disse: ‘Na verdade não devia comer nada, não há bênção nenhuma nele. Olha lá! Ali está o teu pai à porta e levanta as mãos a pedir, e a mãe, que morreu lá em cima no quarto de canto, pede à janela. Por que é que não rezam absolutamente nada pela vossa gente?’ A lavradora fugiu cheia de medo, também o lavrador se pôs a mexer, e da mesma forma os três filhos adultos, que não queriam saber muito de ir à igreja.

O mais extraordinário nisto é que o clarividente também vê falecidos. Como já relatado, eles surgem como ‘figuras em véu’

diante do seu olho mental. Uma vez, quando esteve com um conhecido na igreja, disse depois que nos bancos tinham estado sentados muitos falecidos, mas alguns tinham as costas voltadas para o altar, esses talvez estivessem no purgatório.«

(Uma e outra vez e em muitas ocasiões, assim é relatado concordantemente por numerosas testemunhas, Irlmaier apelava à oração pelas almas desamparadas.)

ELE TEM UM FATO BRANCO VESTIDO

Esta visão seja comunicada pela sua intensidade, embora o seu cumprimento tenha de ficar sem confirmação:

»O arquiteto diplomado Grannersberger, de Freilassing, apresentou uma vez a Irlmaier uma fotografia com a indicação de que se tratava de um cunhado que ainda estava em cativeiro. O que é que ele lhe podia dizer sobre isso? Irlmaier observou a imagem, olhou perdido em sonhos para a distância e disse com a voz a tremer levemente: ‘Este é um ‘‘graduado’‘ — vejo uma grande cidade — só escombros — um rio largo — é na Rússia — podia ser Estalinegrado; — vai-lhe mal — vejo-o a fugir — é apanhado outra vez — vai-lhe ainda pior — foge outra vez — salta para a água grande — vejo sangue — vejo sangue — está ferido; — agora de repente fica tudo muito branco — como um véu.’ E após uma pausa mais longa, virado para Grannersberger: ‘Ouve, ele já não vem — está morto — tem um fato branco vestido.’

Como o próprio Grannersberger nos pôde confirmar pessoalmente mais tarde, o seu cunhado está desaparecido desde Estalinegrado. A família nunca recebeu uma notícia sobre o seu destino. Agora parece estar esclarecido.«

O SALVADOR DE VIDAS

Na Segunda Guerra Mundial Irlmaier pôde, através do seu conhecimento prévio, salvar a vida a um número desconhecido de pessoas. Os seus serviços de auxílio vidente foram de grande valor prático e humano.

BÚNQUER EM ROSENHEIM

»Quando os terríveis ataques aéreos começaram, o pânico espalhou-se por todo o lado. Centenas de milhares caíram vítimas das bombas; nos abrigos na maioria apenas dotados de forma improvisada os que procuravam proteção ficavam soterrados e sepultados. Irlmaier avisava frequentemente os seus conhecidos em relação a determinados búnqueres. Na altura vinha muitas vezes de visita a uma parente em Rosenheim. Uma vez disse-lhe que em caso de alarme aéreo não fosse para o meio do búnquer na Salinenplatz, porque ali 49 via só cadáveres, ao passo que às pessoas à entrada da galeria nada aconteceria. Isto espalhou-se pela cidade, e as pessoas orientaram-se por aí.

Quando foi efetuado novamente um ataque aéreo pesado, os transeuntes fugiram para o búnquer, mas evitaram o meio. Quando as bombas já caíam, vieram ainda soldados que estavam de passagem, meteram-se no meio apesar dos avisos dos locais e caíram logo a seguir vítimas de um impacto direto. As pessoas à entrada da galeria ficaram ilesas.«

»AS BOMBAS NÃO VOS FAZEM NADA!«

Muitos casos deste género tornaram-se conhecidos. Irlmaier previu os ataques aéreos a Reichenhall, Rosenheim e Freilassing em todos os pormenores. Por volta do ano de 1944, quando a destruição das cidades por ataques de bombas tomava proporções cada vez mais devastadoras, o vidente esteve uma vez de visita a um parente em Freilassing. Naturalmente a conversa girava em torno da guerra e dos alarmes aéreos cada vez mais frequentes. Na pequena localidade (elevação a cidade apenas a 4 de setembro de 1954) havia apenas um único abrigo absolutamente seguro. Um vizinho, que à data da presença de Irlmaier tinha vindo dar uma breve ‘‘cavaqueira’‘, achou: »Para onde é que devemos correr se a coisa der estouro a valer, isso não sei.«

A isso Irlmaier disse: »Podes ficar sossegado na tua casa, ali não acontece absolutamente nada. Mas naquela e naquela zona é quase tudo arrasado, ali há também mortos que cheguem. Ali caem as bombas duas vezes. A vós não vos faz nada.« Em consequência desta previsão o vizinho ficou na sua casa em cada alarme aéreo. Quando depois contra o fim da guerra foram efetuados realmente dois ataques pesados, atingiu efetivamente com gravidade apenas aquela zona que Irlmaier tinha indicado, e houve numerosos mortos.

»HOJE À NOITE VEM O ATAQUE!«

Muitas pessoas Irlmaier tinha salvado durante a guerra por lhes prever que casas em Freilassing caíram vítimas das bombas: »Ali vai tudo pelos arcos até à cave! E na tua casa só te parte as vidraças!« Os moradores de Freilassing riram-se, mas cumpriram os seus avisos e constataram mais tarde que o construtor de poços tinha razão. 50

A casa na Reichenhaller Straße de Freilassing onde Irlmaier morou arrendado nos anos trinta e quarenta. A parte da frente da asa direita só foi anexada após a saída de Irlmaier.

Quando o piloto de um avião americano se despenhou sobre Freilassing e se salvou com o paraquedas, foi feito prisioneiro. O presidente do município de Freilassing, que não era local, um nazi fanático, recorreu à justiça pelas próprias mãos: a sangue-frio alvejou o americano prisioneiro. Um bombardeamento de retaliação assustador sobre Freilassing foi a consequência.

A localidade foi destruída em grande parte; Irlmaier avisou vários habitantes do local. Graças a isso escaparam em parte à morte certa. Na Reichenhaller Straße construiu à pressa, com a ajuda do seu filho e de outros homens, um búnquer à prova de bomba. Mas escavou-o, o que de início não foi compreendido, virado para a rua. A 25 de abril de 1945, pouco antes do fim da guerra, chegou o momento: »Hoje vem o grande ataque de bombas«, disse Irlmaier. »Hoje temos de ir para o búnquer!« — »Arrumem tudo, hoje vem o ataque!« Irlmaier foi com a sua família e os seus vizinhos para o búnquer. Nessa noite prevista o referido ataque devastador desabou sobre Freilassing. Foram, exatamente falando, dois ataques: às 17h30 e às 21h30 esquadrilhas de bombardeiros americanos descarregaram em sete vagas a sua carga destruidora sobre o município.

As paredes do búnquer, recorda-se a filha Maria, tremiam; contudo resistiram. Apenas a parte de trás da casa foi destruída. E de uma quinta situada virada para o Saalach sobraram meros escombros.

Falecimentos previstos

O folgazão divertido

»Em Hammerau (Adlmaier contenta-se, provavelmente por consideração para com a família, com um H.), uma pequena localidade perto de Freilassing, tinha-se reunido no restaurante

uma alegre roda de folgazões. Alois Irlmaier estava sentado sossegado no canto. Quando um coronel reformado lhe fez um brinde alegre e lhe gritou para não estar com um ar tão sombrio, mas sim beber com eles, ele disse: ‘Eu acho é que daqui a três dias o riso também já te passou, aí já não vais estar vivo.’ O interpelado assustou-se embora de início com esta profecia, mas depois desfez-se numa gargalhada sonora: ‘Não faça piadas de mau gosto! Sinto-me cheio de saúde e espero viver ainda muito tempo.’ Irlmaier não disse mais nada e foi para casa. Três dias mais tarde o folgazão supostamente cheio de saúde morreu de um ataque cardíaco.«

O FALECIMENTO NA FAMÍLIA

»Alois Irlmaier esteve uma vez de visita a uma família amiga em Salzburgo. De repente ‘viu’ novamente algo e calou-se a meio da conversa. Perguntaram-lhe o que se passava. Após hesitação prolongada ele disse: ‘Na vossa família vai ocorrer em breve um luto. Vejo um homem deitado no chão. Tem algo no ventre e vai morrer disso.’

Andou-se na família a adivinhar de um lado para o outro quem poderia ser o candidato à morte. Por fim supôs-se que estaria em causa um parente que tinha uma úlcera no estômago. Mas esta suposição falhou. É que passadas quatro semanas outro parente, um rapaz novo e forte, foi atingido no ventre de forma tão violenta por um coice de cavalo que morreu das lesões internas que ali sofreu.«

QUANDO O SOL ESTIVER NO PONTO MAIS ALTO

Uma das mais extraordinárias previsões de Irlmaier determinou até o dia de um falecimento. Para fazer uma brincadeira, um conhecido do redator de Traunstein Conrad Adlmaier enviou a sua fotografia ao vidente de Freilassing e pediu para lhe comunicar algo sobre o seu futuro. Não obteve resposta. Mas ao transmissor deste acontecimento — Conrad Adlmaier — Irlmaier disse o seguinte:

»O teu amigo já não vive muito tempo. Sobre o dia da morte dele vejo o sol na vertical. Não lhe digas contudo nada disso!« Como o homem tinha um aspeto forte e era um homem desempenado — comunica Adlmaier —, passaram ainda dois anos após esta previsão até junho de 1956. No domingo a seguir ao Corpo de Deus, a 3 de junho, ele morreu muito subitamente de um ataque cardíaco, embora ninguém tivesse podido prever este falecimento. O morto era totalmente desconhecido do vidente, Irlmaier nem sequer sabia o seu nome. Como é que ele sabia a hora da sua morte? Pelo solstício desse ano ocorreu a morte! Como pôde o vidente determinar a hora com tanta precisão? São mistérios para os quais não há explicação.

OUTRAS PARTICULARIDADES

O HORÁRIO PARA O CIDADÃO DE BERLIM

»No início de 1948 apareceu um jovem em casa de Irlmaier. Vinha de Berlim. Como antigo membro da SS passava por dificuldades particulares e não sabia o que fazer. Foi portanto ter com o construtor de poços. Este olhou para ele durante algum tempo, depois disse: ‘Estiveste preso muito tempo, um, dois, três traços, três anos estiveste preso, mas não fizeste mal a ninguém. Por isso ajudo-te! Queres ir para a Áustria, e isso vai ser também a tua vantagem. A tua mulher está sepultada na Áustria. Vais conhecer outra mulher, uma viúva, em Salzburgo, que te arranja papéis. E por fim vais casar com ela, depois vai-te correr bem, voltas a ter mais para comer. A tua primeira mulher tinha este e aquele aspeto, ficou doente. A doença dela não foi reconhecida e por isso teve de morrer. Vês, ali está ela ao teu lado e sorri com ar triste. Agora presta atenção ao que te digo! No próximo domingo [sic / tradução fiel do texto: *Montag* = segunda-feira] entre as 12 e as 4 horas passas a fronteira. Se fores antes ou depois, apanham-te. Depois das 4 horas da tarde um guarda de fronteira austríaco vai querer prender-te. Nessa altura tens de contar do teu tempo de tropa; se o fizeres, ele deixa-te ir embora outra vez; isso é às 4

horas e 12 minutos, porque vejo o teu relógio. Portanto faz o que te digo, e agora fica com Deus. Reza pela tua mulher!'

A instrução de Irlmaier foi seguida à risca. O cidadão de Berlim passou a fronteira em Schwarzbach; nisto veio um guarda aduaneiro austríaco por ali e perguntou-lhe com bastante dureza pelos papéis. O cidadão de Berlim disse frontalmente: 'Não tenho licença de fronteira, mas estive agora três anos preso. O senhor também foi soldado; só queria visitar a sepultura da minha mulher, que está sepultada em X. Camarada, ajuda-me, que eu não quero nada de mal.' Nisso o coração do gendarme amoleceu e ele deixou ir o cidadão de Berlim. Este olhou para o relógio: eram 4 horas e 12 minutos. Contente, prosseguiu a caminhada.«

Desenrolou-se depois tudo exatamente como Irlmaier tinha previsto. Encontrou a viúva além da fronteira e achou junto dela um lar, como contou mais tarde a Conrad Adlmaier.

O IRMÃO MORTO

»Numa reunião ao fim da tarde, em hora adiantada, um funcionário do Governo Militar de Tölz foi ter com Irlmaier e perguntou em tom de brincadeira: 'E comigo o que se passa?' Irlmaier olhou para ele durante alguns segundos e disse depois: 'Se não fazes por ir para casa, em breve já não tens camisa nenhuma no armário!'

O americano 54 abanou a cabeça e pediu mais explicações. Sentaram-se. Irlmaier olhou para o teto e relatou após uma pausa, a espaços: 'Vejo uma casa, uma casa de dois andares com um telhado baixo, em cima, uma, duas, três, quatro, cinco janelas redondas. Ao lado está uma árvore de ramos largos. Nessa casa

jaz um homem morto. É o teu irmão. A mulher dele está sentada a uma mesa, está a escrever..., quer arrancar para si toda a herança, que pertence em metade a ti. Quer apropriar-se da casa toda, quer ter tudo...'

A estas palavras o americano ficava cada vez mais pálido. Mecanicamente tirou do bolso do peito um telegrama no qual no dia anterior lhe fora comunicado o falecimento inesperado e súbito do seu irmão. Depois colocou, da mesma forma sem palavra, uma fotografia da sua casa no Midwest dos Estados Unidos sobre a mesa. Era idêntica ao milímetro àquela que Irlmaier tinha descrito. No segundo dia a seguir embarcou de avião para a América. Passadas semanas chegou uma carta de agradecimento que confirmava tudo o que Irlmaier tinha 'visto'.«

PREVISÃO ESQUISITA

»Um homem de negócios cuja mulher tinha adoecido foi ter com Irlmaier para obter conselho. O clarividente disse-lhe: 'Vai já para casa, com a tua mulher a coisa não está boa. Daqui a três semanas estás à beira da sepultura dela. Mas daqui a um ano já estás casado outra vez!' Efetivamente a mulher morreu no prazo indicado. Quando o viúvo passado um ano voltou a ir ter com Irlmaier, apresentou a sua noiva que tinha vindo com ele.

Os banhos para o casamento já estavam marcados. Mas Irlmaier apenas se riu e disse: 'Não, não é essa que eu vi há um ano. Vai lá de regresso para casa, vocês os dois não ficam juntos.' Os dois noivos entraram efetivamente em disputa logo no regresso a casa e separaram-se. Outra noiva subiu ao altar com o homem de negócios.«

A RAPARIGA DO AMMERSEE

»Uma vez veio uma rapariga da zona do Ammersee ter com Irlmaier e pediu-lhe conselho. Sem mais ele disse o seguinte: 'Tu

tens um filho de um mau sujeito. Naquele e naquele sítio estiveste junta com ele. Duas vezes deste-lhe dinheiro, à terceira vez, como ele queria dinheiro outra vez de ti, já não lhe deste nada. Deixa ir o mau sujeito. O teu pai é moleiro. A vossa casa fica junto à água; do outro lado da rua está uma vala de água malcheirosa. Quando chegares a casa dizes ao teu pai para drenar a vala e conduzir a água em tubos, é melhor para vós. A tua mãe é uma senhora idosa que tem um tumor no ventre. Ela deve operar-se, e aí não precisam de ter medo, ela aguenta facilmente e volta a ficar boa.' Depois Irlmaier descreveu ainda toda a propriedade com muitos pormenores. À rapariga irrompeu o suor de tanta agitação, pois tudo era tal como Irlmaier tinha descrito. Por fim disse-lhe ainda para outra vez não ser mais tão tola e ingénua.«

A CAIXA SOB O MONTE DE CARVÃO

»Uma mulher tinha uma grande lavagem de roupa. Isso em qualquer lar era um acontecimento, pois custava esforço e trabalho suficientes manter a roupa preciosa em bom estado nesses tempos caros. Por isso a mulher ficou contente quando a última peça pendia limpa na corda. Feito o trabalho, dedicou-se a outra ocupação. Quando voltou a ir ver a roupa, esta tinha desaparecido até à última peça. Um ladrão tinha aproveitado uma oportunidade favorável para se pôr em fuga com ela. Pode-se imaginar o susto da mulher. A lamentar-se foi ter com o marido. Este pensou logo em Irlmaier.

O mais rapidamente possível foi-se pedir conselho ao 'Alisi'. 'Onde está a minha roupa', perguntou a mulher desgostosa, 'Irlmaier, peço-te, ajuda-me!' E o clarividente ajudou, como aliás gostava de ajudar onde podia: 'Tu sabes onde fica a casa do Y, aí entras e desces à cave. Mas não na primeira cave, por essa passas, aí há ainda uma segunda cave, nessa entras. E ali há carvão, um monte grande. Tens de o tirar com a pá, depois voltas a encontrar a tua roupa', disse o clarividente. A mulher não precisou que lho dissessem duas vezes. Pediu a um polícia para ir com ela e pôs-se a caminho da referida casa. Os moradores da casa ficaram muito

indignados por vir ali um gendarme, por se falar sequer de um roubo de roupa, mas por fim foram todos juntos para a cave.

Mas eis que na segunda cave se encontrou o grande monte de carvão. Uma pá esteve rapidamente à mão. Em pouco tempo apareceu uma caixa grande; lá dentro estava, ainda molhada como tinha saído da corda, a roupa roubada. Que a mulher se retirou radiante de alegria qualquer dona de casa pode compreender. O que aconteceu depois é irrelevante. Os factos foram verificados em Freilassing.«

DESCRIÇÃO DE UM QUARTO DE DOENTE

»A mulher de um mestre oleiro em Laufen de nome R. tinha um filho que servia na Waffen-SS e mais tarde se tornou Sturmführer. Quando a guerra acabou, este homem foi internado por causa da sua pertença à SS. Quando mais tarde adoeceu, foi para o hospital de internados de Traunstein. Os pais faziam grandes preocupações pelo seu filho, e a mãe veio ter com Irlmaier para obter conselho. O clarividente disse: ‘O teu filho está num hospital. Tem um gesso até cá a cima ao ventre. Vejo-o, está deitado na cama e parece doente. Tem algo no intestino.’ Depois Irlmaier descreveu o quarto do doente em todos os pormenores, como as camas estavam colocadas, como o filho olhava cheio de saudades pela janela fora. Reconheceu também que a doença do doente parecia ser incurável, contudo não quis dar sobre isso informações mais pormenorizadas. A mulher foi depois a Traunstein e encontrou o quarto do doente exatamente ao milímetro como Irlmaier o tinha descrito.«

ENCONTRO ESTRANHO

»Mais uma vez alguém perguntava pelo destino de um prisioneiro de guerra. O homem tinha o número: Moscovo 3956. Irlmaier predisse o seguinte: ‘Em frente à vossa casa tendes um pequeno campo. Nesse campo semeia-se trigo no outono. Quando esse trigo for cortado no próximo ano e os restolhos estiverem no

campo, ele regressará a casa. Mas ele está muito doente. Apesar disso, voltará a ficar de saúde.' Isto foi no ano de 1947.

No outono deste ano, semeou-se trigo no pequeno terreno. Quando o trigo foi cortado em 1948, e os restolhos ainda estavam no campo, o prisioneiro regressou efetivamente a casa. No entanto, ainda sofria de um edema de fome e teve de ser internado num estabelecimento de cura. Ali sarou.« O informador Conrad Adlmaier escreve: »Hoje vive saudável no seio da sua família. O seu nome é conhecido. Às vezes olha para o pequeno campo em frente à casa e pergunta-se ainda como Irlmaier pôde prever tudo aquilo.«

OS TRÊS DESAPARECIDOS

»Um lavrador de Chiemgau foi a Freilassing ter com Irlmaier para perguntar pelo seu filho desaparecido. Aconteceu-lhe o mesmo que a tantos outros: o Alois não estava lá, uma vez mais. Ele esperou em vão durante muito tempo e acabou por ir a uma estalagem comer. Ali encontrou um expulso da sua terra natal a quem tinha acontecido o mesmo. Este também era agricultor de profissão e declarou que ficaria em Freilassing até atingir o seu objetivo. Perante isto, o homem de Chiemgau deu ao homem a fotografia do seu filho desaparecido com o pedido de obter junto de Irlmaier informações sobre o seu destino, visto ele próprio não ter mais tempo para esperar mais tempo.

Quando o refugiado foi finalmente admitido junto do vidente, apresentou-lhe três fotografias de desaparecidos. Alois deu informações sobre todos os três. 'Um', disse ele, 'tombou em

1944.* Por aí se confirmou uma notícia que os familiares tinham recebido de outro lado.

O segundo*, disse Alois, ‘está num campo de prisioneiros perto de Moscovo. Ele voltará a casa. O terceiro é filho de um grande lavrador. Ele deu-te cinco marcos, não foi, para que me interrogasses. Diz-lhe que o seu rapaz ainda vive, mas está muito longe, já tão longe que nem podes imaginar. E esse vai demorar muito a voltar. Podes dizer-lhe isso. E a ti conto-te agora como é a tua antiga terra natal. Ali está a tua casa, e ao lado corre um pequeno ribeiro, e ao lado da porta está uma árvore grande.* – E assim Irlmaier descreveu a propriedade do refugiado até ao mais pequeno pormenor, de modo que este não saía do seu espanto. Os dois prisioneiros de guerra regressaram mais tarde efetivamente.«

A MULHER COM VONTADE DE CASAR

»Algumas esposas queriam, com base num ouvisse dizer talvez bastante vago de que o seu marido desaparecido tinha tombado, contrair novos laços matrimoniais. De qualquer modo, uma mulher em X. tinha a possibilidade de fazer um chamado ‘bom partido*. O seu marido estava desaparecido há anos. Nisto, um outro homem em boas condições financeiras pediu a sua mão.

Estaria o desaparecido morto? Podia ela casar? De qualquer modo, foi com a imagem do seu marido desaparecido ter com Irlmaier e perguntou-lhe o que devia fazer. Este olhou para a fotografia e depois disse: ‘Queres voltar a casar, não é? Mas o teu marido vive no cativeiro russo e regressa a casa em 1951. Se casares com outro, haverá uma desgraça. Por isso espera, não te vais arrepender.*

A partir daí, a mulher voltou para casa consolada e esperou pelo desaparecido, apesar das preocupações e da necessidade, a quem provavelmente na Rússia só uma coisa mantinha de pé: o pensamento nos seus entes queridos na pátria. E a sua paciência foi recompensada; ele regressou efetivamente.«

QUANDO UMA MULHER
É DEMASIADO IMPACIENTE

»Nas suas declarações, Irlmaier era em regra de uma naturalidade refrescante. Quando um dia uma senhora elegante de Salzburgo o visitou para saber se o seu marido ainda vivia, ele descreveu exatamente a aparência do homem e descreveu a sua estatura pequena e gorda. Nem sequer se esqueceu do ‘gorro de capuchinho’ preto, uma especialidade particular do procurado. Antes da despedida, porém, não pôde reter uma pequena ‘amabilidade’ e disse à sua visitante: ‘... e ainda tens um *Loder* (um amante)/ (O que visivelmente foi desagradável para a senhora.)

A uma mulher de Rosenheim, contudo, cujo marido estava desaparecido e que queria voltar a casar, mandou dizer: ‘Aquela nojenta que espere, ele vai voltar/«

UM SEIS E UM NOVE

»Após a guerra, os julgamentos das comissões de desnazificação eram por vezes motivo para más intrigas. Assim, certa vez, um homem simples, que tinha sido apenas membro da NSV, devia voltar a ser rotulado de ‘nazi ferrenho’, porque uma parente gostaria de se ter apoderado da sua bela casa. Ele foi inclusive internado no infame campo de Moosburg. O homem amedrontado dirigiu-se a Irlmaier: ‘Como vai terminar a coisa?’ – O vidente disse: ‘Não tenhas receio. A tua coisa vai terminar bem. Ela (ou seja, a parente) e o teu vizinho gostariam de te afundar, mas vai ser diferente, e ele que se ponha a pau para não ir ele próprio lá para dentro. E aí ainda vejo um seis e um nove, ainda se há de demonstrar o que isso significa/

O julgamento decorreu tal como Alois tinha previsto. O resultado foi uma multa de 600 RM. As custas judiciais

ascenderam a 300 RM, o que perfazia em conjunto 900 RM. Assim, também o seis e o nove se tinham cumprido.«

A SÉTIMA CRIANÇA

»Alois Irlmaier tinha uma visita. Era um desconhecido, como tantos que vinham diariamente. Falava-se de veios de água. Nisso, Alois descreveu, sem nunca ter entrado na habitação do seu visitante, exatamente a localização do seu quarto de dormir, a posição das camas, sob as quais passava um veio de água (o que mais tarde foi provado por radiestesia). De repente, Irlmaier interrompeu-se e disse sem rodeios: 'Tu tens sete filhos/ O interlocutor perplexo contradisse: 'Não, tenho quatro filhos vivos e dois morreram/ Ao que Irlmaier respondeu: 'Esqueceste-te de que a tua primeira mulher teve um aborto espontâneo/

Isso era verdade, mas já lá ia muito tempo. Além dos envolvidos, ninguém no mundo poderia saber isso, muito menos o abridor de poços de Freilassing.«

IRLMAIER CORRIGE

Ele não evitava as estalagens quando andava em viagens como construtor de poços e gostava então de conversar, podendo ser divertido com os outros. Nisso, não era raro acontecer que corrigisse alguém que contava uma experiência própria ou uma ocorrência da sua família, acrescentando pormenores que só o narrador poderia saber. Quando em Laufen alguém o pediu satisfações por causa disso: »Como é que sabes isso?«, ele respondeu: »Como é que eu sei isso? Não posso dizer, mas sei-o, e também nunca mais tornarei a falar disso.«

A MULHER NO COMPARTIMENTO DO COMBOIO OU O PASSAGEIRO PREVISTO

Irlmaier olhava para o futuro, para a distância, para o passado. Era capaz de reconhecer »o que acontecia amanhã«, conseguia prever coisas do dia a dia totalmente imprevisíveis e casuais que se haveriam de suceder em poucas horas.

»Certa vez viajava com um conhecido para Munique. Em Freilassing, o compartimento do comboio em que se tinham sentado estava vazio. Irlmaier disse ao seu acompanhante da frente: ‘Fica atento, em Rosenheim entra uma mulher/ Até Rosenheim o compartimento permaneceu desocupado, mas ali entrou efetivamente uma mulher. Irlmaier cumprimentou-a com as palavras: ‘A senhora há de estar contente por ter saído agora do hospital/ Admirada, a mulher perguntou: ‘Como assim, viu-me, também esteve lá dentro?’ ‘Não’, respondeu Irlmaier, ‘mas sei-o’ e contou-lhe todo o decorrer da sua estadia no hospital. Correspondia ponto por ponto aos factos. Irlmaier nunca tinha visto a mulher.«

UMA BRINCADEIRA DE RAPAZES

»Algures junto ao Traun, Irlmaier estava sentado a merendar, pois abrir poços é um trabalho duro. O seu velho ‘Wanderer’, no qual costumava carregar os tubos e as ferramentas, estava à porta da estalagem. Nisso, entraram três rapazes jovens ‘para um meio litro’ e olharam com algum escárnio para o homem simples de blusão de trabalho, que bebia pausadamente a sua cerveja e cortava da sua chouriça. Quando Irlmaier acabou a sua merenda, levantou-se, foi ter com os rapazes e disse: ‘Pronto, agora vão comigo lá para fora para ao meu carro e voltem a encher de ar o que esvaziaram. A bomba de ar está no carro!’

Os três ficaram tão perplexos que se levantaram sem uma palavra, foram lá para fora e encheram de ar. Para fazerem uma brincadeira, tinham desapertado uma válvula para construir um ‘pneu furado’ e pregarem uma partida ao condutor Felber.«

A NOTA DE CEM ESCONDIDA

»Quando certa vez uma lavradora, que tinha recebido uma informação de Irlmaier, perguntou o que lhe devia, ele fez um

gesto de recusa e disse: ‘Não me deves nada/ A lavradora agradeceu e observou: ‘Ainda bem, porque de qualquer modo não trago dinheiro comigo.’ Nisso, Irlmaier comentou secamente: ‘Olha bem, não percas a tua nota de cem que tens dentro do teu bolso/ A lavradora ficou vermelha e embaraçada. Ela tinha a nota de cem marcos consigo.«

HOMICÍDIOS ESCLARECIDOS

O HOMEM COM A PLACA DE PRATA

»Um dia, um automóvel encostou junto a Irlmaier; três polícias saíram. O Lois recebeu-os com as palavras: ‘O que é que vocês querem de mim com o vosso carro roubado?’ O automóvel tinha sido efetivamente expropriado indevidamente, como se veio a verificar mais tarde, só que os três polícias não sabiam de nada. Mas não era disso que se tratava na visita.

Tinha ocorrido um homicídio e o cadáver tinha desaparecido. Irlmaier descreveu então aos polícias exatamente o lugar onde o assassinado estava enterrado. As suas palavras foram: ‘Ali e acolá está ele com a placa de prata na barriga, aí o encontrais.’ Efetivamente, o cadáver foi encontrado no local descrito. Na autópsia, verificou-se que o assassinado transportava uma placa de prata sob o peritoneu, o que ninguém sabia. O homicídio foi totalmente esclarecido.«

HOMICÍDIO EM ZURIQUE

»Em Zurique, dois bandidos tinham atraído um diretor de banco para fora do escritório e assassinaram-no brutalmente. A polícia procurava-os em vão. As pistas tinham sido apagadas. Todos os esforços não traziam sucesso. Irlmaier encontrava-se nessa altura precisamente na Suíça para procurar em P. (abreviatura de Adlmaier) um veio de água para uma central hidroelétrica. Ele também encontrou um. Foi então que ouviu falar do crime. Imediatamente fez chegar à polícia, através de um local seu conhecido, uma descrição exata dos autores e nomeou

também o seu local de permanência. Todas as indicações se verificaram corretas. Os dois puderam ser detidos em sequência disso. Eles prestaram confissão.«

O ASSASSINO NO CORTEJO FÚNEBRE

»Em Estugarda, uma mulher tinha sido encontrada assassinada. Como ela não tinha mantido propriamente um casamento feliz com o seu marido, surgiu a suspeita de que poderia ter sido assassinada pelo seu cônjuge. A investigação começou com toda a severidade, embora o homem assegurasse a sua inocência em extrema agitação. Um interrogatório seguia-se ao outro e levava o suspeito ao limite do desespero.

Por fim, ele fez a proposta ao juiz de instrução de que se chamasse o vidente Irlmaier de Freilassing, que então a sua inocência se haveria de demonstrar. A polícia criminal aceitou o desejo do homem atormentado. Assim, um dia, dois agentes viajaram com o homem para Freilassing ter com o vidente. Um polícia de Freilassing e os dois de Estugarda entraram para junto de Irlmaier, o suspeito teve de esperar lá fora.

Depois, foi apresentada ao construtor de poços a imagem do casal com a pergunta de se o homem tinha matado a sua mulher. Imediatamente Irlmaier disse: ‘Não, não, ele não a matou, esse foi outro, deem-me a outra imagem que ainda aí tendes!’ Efetivamente, o agente da Polícia Criminal ainda tinha uma segunda imagem na sua pasta, uma fotografia do cortejo fúnebre, quando a assassinada foi levada à sepultura com grande comoção da população. Nisso, Irlmaier apontou para um homem que ia em penúltimo lugar no cortejo fúnebre e disse: ‘Aquele ali é que foi, ele é que a matou. Ele roubou as joias, um anel e uma máquina fotográfica, mas isso vós já podíeis ter descoberto, vós tendes uma carta em casa, está lá escrito. Ele deu a outra mulher algo das coisas roubadas. Ide ter com essa, aí o apanhais, o verdadeiro.’

Quando os agentes voltaram a Estugarda, relataram ao juiz de instrução a informação de Irlmaier. Numa verificação atenta dos

autos, encontrou-se uma carta sem assinatura na qual uma mulher tinha sido suspeita pela posse de um anel valioso. Verificou-se que esse anel tinha sido propriedade da assassinada; o assassino tinha-o oferecido à sua amante.

Detido, confessou o seu crime. Ele tinha tido a lata de participar no enterro da sua vítima. Na imagem do cortejo fúnebre, ele podia ser reconhecido exatamente no local para o qual Irlmaier tinha apontado. Este incidente pode ser verificado no Ministério Público de Estugarda.«

O HOMICÍDIO POR ENVENENAMENTO EM TRAUNSTEIN

Para concluir estes episódios, Conrad Adlmaier descreve um caso que ele próprio não só viveu do princípio ao fim, mas no qual até o assassinado e todos os envolvidos lhe eram pessoalmente conhecidos – com exceção da envenenadora. O homem mais tarde assassinado passou com Adlmaier um período prolongado na estância balnear de Adlholzen e conversava frequentemente com ele em passeios sobre a evolução da sua doença, que era conhecida e estava registada clinicamente. Os autos do processo no tribunal estadual de Traunstein estão disponíveis. Trata-se, portanto, de factos conhecidos do tribunal, nos quais, como escreve Adlmaier, não há nada a interpretar nem a abalar. O julgamento ocorreu a 24 de janeiro de 1950. A história prévia decorreu, resumida brevemente, assim:

Um dia, uma certa senhora Vogel de Berlim foi ter com Irlmaier e relatou-lhe o seguinte: »Vivo separada do meu marido Erhärt Vogel. Tínhamos nos perdido num ataque bombardeamento em Berlim, e ele alegou não saber se eu ainda estava viva. Ele abriu uma drogaria em Traunstein.

Uma senhora Paula Kratzer tornou-se sua empregada, depois sua gerente e finalmente sua amante. Ele já lhe tinha dado a promessa de casamento quando eu reapareci subitamente. Houve

graves discussões entre nós. Ele promove o divórcio e eu estou agora sem saber o que fazer. A Paula procura chantagear o meu marido com a ameaça de que o vai denunciar aos americanos porque ele omitiu no questionário a sua pertença à SS.«

Irlmaier consolou a senhora Vogel: »Não faças nada agora.« Depois revela-lhe: »O teu marido morre em breve.« Isto veio a verificar-se realmente a 23 de janeiro de 1948. Na abertura do testamento, verificou-se que o falecido tinha nomeado Paula Kratzer como herdeira única. Como a senhora Vogel ganhou por isso suspeitas e voltou a viajar ter com Irlmaier, este disse-lhe, depois de ter observado a imagem de Vogel: »Vejo o teu marido deitado numa campa fresca. Na barriga dele há comprimidos de veneno; se o mandares desenterrar, saberás ainda mais. Três vezes aconteceu, e vejo uma mulher grande e negra junto disso, ela é que lhes deu.« Mediante denúncia ao procurador do Estado em Traunstein, o cadáver foi exumado. Foi detetado tanto arsénico nele que até a terra debaixo do caixão estava impregnada dele. Mostrava trinta vezes mais arsénico do que a outra terra do cemitério. Paula Kratzer, que era efetivamente uma figura imponente de cabelos pretos, foi presa e o processo seguiu o seu curso.

Recaídas inexplicáveis no estado de saúde do doente Vogel tinham ocorrido de cada vez após as visitas da sua amante. »Três vezes aconteceu.« Primeiro, a misturadora de veneno tinha levado um »xarope« ao hospital de Adlholzen, depois Vogel sofreu um golpe duro após uma excursão na montanha com Paula Kratzer porque alegadamente, com calor, tinha bebido a água gelada de uma fonte da montanha, e finalmente ela convenceu Vogel a deixar o hospital e tratou do resto no apartamento.

Conrad Adlmaier estava sentado na bancada da imprensa, Irlmaier estava como testemunha perante o juiz. Que o advogado de defesa tenha tentado ridicularizar o simples construtor de poços para salvar a sua constituinte, já irrevogavelmente desmascarada como envenenadora, já não desempenhou qualquer

papel no processo. Certo é: a sensacional audiência do tribunal de júri tinha sido desencadeada pelas indicações de Alois Irlmaier à esposa do assassinado. Sem o dom clarividente do construtor de poços, os bastidores em redor da morte de Erhärt Vogel teriam permanecido por descobrir.

ROUBOS ESCLARECIDOS
POR CAUSA DE OITO MIL

»A uma mulher na Alta Francónia tinha sido roubado todo o seu património de 8000 DM. Ela tinha, é certo, suspeitas de outra mulher, mas nenhuma prova. Assim, na sua aflição, dirigiu-se a Irlmaier e decidiu fazer a longa viagem até Freilassing. Irlmaier disse-lhe imediatamente: 'O teu dinheiro não foi roubado por nenhuma mulher, mas sim por um homem.' Depois descreveu o ladrão tão exatamente que a mulher soube imediatamente quem era referido. 'Foi aquele que roubou, agora vais para casa e dizes-lho frontalmente, que assim recebes o teu dinheiro de volta!'

A mulher seguiu o conselho. O ladrão, que tinha uma grande família para sustentar, confessou que tinha sucumbido à tentação numa oportunidade favorável e tinha efetivamente roubado a soma. Ele devolveu a quantia em dinheiro e pediu encarecidamente que se abstivesse de uma denúncia. A mulher roubada satisfez o pedido, mas enviou logo um telégrafo de agradecimento e uma carta detalhada para Freilassing.«

OS TUBOS ROUBADOS

»Depois da guerra, quando o dinheiro não valia nada e os bens materiais eram tudo, um homem de Chiemgau tinha adquirido com muito custo tubos de água. Um dia, eles já lá não

estavam. Ele encontra o Alois, que fuma o seu cachimbo e está prestes a sair para abrir um poço. Desenrola-se então a seguinte conversa: ‘Alois, imagina só, um grande cão roubou-me os meus belos tubos, foram-se, desapareceram. Não me podes dizer onde é que os devo procurar?’ ‘Isso posso eu’, diz o Irlmaier, ‘agora vais e entras no celeiro do X, está lá um carro dentro com uma data de cavacos, uma carga inteira. E quando tiveres descarregado a madeira, aí estão os teus tubos.’

O roubado não esteve com meias medidas, foi buscar rapidamente um polícia como ‘reforço’, e lá foram eles para o celeiro do X. Ali estava realmente um carro, altamente carregado de cavacos. Apesar dos protestos violentos do proprietário, a madeira foi descarregada e, veja-se só, os tubos vieram ao cimo.«

O SOBRETUDO DE INVERNO NOVO

»Porque esta história dos tubos se espalhou, um rapaz agricultor de Ainring achou que bem poderia saber pelo Alois onde tinham parado os dois cobertores de lã militares que lhe tinham sido roubados. ‘Para que seja mais fácil’, meteu um saco de cem quilos de carne fumada na sua mochila e foi com um companheiro ter com Irlmaier. Este estava precisamente sentado na estalagem diante de um meio litro de cerveja.

‘‘Irlmaier, roubaram-nos uma coisa.’‘ – ‘‘Sim, sim, senta-te aí’‘, disse o Alois. ‘‘Já sei, tinhas isso dentro do teu armário, o pacote estava lá em baixo à esquerda. Foste dançar, depois foste embora com uma e, quando chegaste a casa e olhaste para dentro do teu armário, o pacote tinha desaparecido. Mas isso já não o recuperas. Tu próprio o adquiriste por vias travessas, e sobre a pequenita escura que te roubou isso também não podes dizer nada, já sabes porquê.

E a tua carne fumada também a podes levar de volta, que isso é daquela porca preta da qual metade ainda está pendurada na

vossa cave. Tu e o teu pai, vós sois uns contrabandistas de primeira categoria! Os dois cobertores até já estão a tingir em Salzburgo, que a pequenita vai fazer um sobretudo de inverno com eles. Por isso, cala o bico e põe-te a andar, adeus!'' – O interrogador perplexo não disse nem mais uma palavra, atirou a carne fumada para cima da mesa e desapareceu.«

O CAVALO ROUBADO

»Em Freilassing contavam-se ainda outras coisas sobre Irlmaier. Como a do lavrador de Bayerisch-Gmain a quem tinham roubado um cavalo. Ele foi ter com Irlmaier e lamentou-lhe a sua dor. ''Sim, meu caro, estás no limite do tempo'', disse Irlmaier, ''o talho de cavalos já está a afiar a faca e quer degolar o cavalo. Agora corre o que puderes para que ainda chegues a tempo!'' Efetivamente, o cavalo roubado estava no talho de cavalos e ia ser abatido no preciso momento em que o lavrador chegou. Cheio de alegria, o roubado seguiu para casa com o seu cavalo.«

''ATRÁS DO TIJOLO SOLTO''

»Abatida e com os olhos cheios de lágrimas, uma mulher refugiada de Lichtenfels estava diante de Irlmaier, a quem tinha sido roubada, escassos dias antes, uma quantia de 6000 DM. A mulher refugiada tinha ganho o dinheiro no totobola e guardava-o no forro de um casaco até à sua utilização definitiva. Irlmaier, que tranquilizou logo a mulher, pôde dar-lhe a informação de que já via o local onde a quantia em dinheiro estava guardada: o dinheiro encontrava-se na casa vizinha, na lavandaria. Textualmente, o vidente disse à mulher refugiada: ''Vai pelo caminho mais rápido para casa – entra na casa vizinha – ali mora um refugiado com 5 filhos – vais ter com ele e pedes-lhe que vá contigo à lavandaria – ali, debaixo da caldeira da lavagem, por cima da porta do fogão, está um tijolo solto – puxas esse tijolo para fora – lá dentro estão as tuas 6000 DM.''

Cheia de alegria com esta informação, a mulher viajou para casa com o seu último dinheiro, que lhe tinha sido disponibilizado pela Cáritas para esse fim, e seguiu o conselho de Irlmaier. Após alguma resistência, o vizinho foi com a mulher refugiada à lavandaria e teve de constatar, para sua grande consternação, que a mulher tinha descoberto o roubo. Ele pediu-lhe encarecidamente perdão e solicitou-lhe que não fizesse qualquer comunicação do incidente à polícia, pois caso contrário a sua família cairia na maior aflição.«

OS PNEUS DE AUTOMÓVEL ROUBADOS

Quase todos os acontecimentos e eventos aqui comunicados transportam o selo de autenticidade dos anos de aflição e preocupação após a Segunda Guerra Mundial, tal como a seguinte ocorrência: Um senhor H. (abreviatura segundo Adlmaier) não queria saber de todo de videntes. Não acreditava em semelhante burla. No entanto, quando lhe roubaram os pneus do seu camião, foi com o seu cunhado ter com Irlmaier. Mal não fazia.

»O Irlmaier não sabia quem nós éramos«, contou o senhor H., »nem sabia o que me tinha levado até ele. Antes de eu poder dizer uma palavra, declarou-me: ‘‘Desmontaram-te os pneus do teu camião. São quatro! Se não tivessem sido interrompidos, tinham levado também os restantes. Vejo o carro parado numa cova de areia. Porque é que não tens o teu carro na garagem? Está assente em três pés, no chão. Foi um carro de passageiros transformado que levou os teus pneus.

O carro dos ladrões veio pelo lado da encosta e não pela estrada, onde se procuraria por vestígios.’‘ A isto seguiu-se a descrição exata dos ladrões: ‘‘Um deles é um estírio. Os teus pneus já não os voltas a ter. Um ele trocou por géneros alimentícios, os outros estão escondidos debaixo do feno num celeiro. Com esses os ladrões não podem fazer grande coisa; só parecem bons por fora, mas já não prestam para muito. No pneu

da roda traseira esquerda tens um furo provocado por uma pedra.'' – Também este pormenor insignificante estava certo. Até a descrição das pessoas, as relações de lugar e de parentesco dos dois ladrões, que Irlmaier acrescentou a seguir, foram acertadas com precisão.«

O PROTETOR DE ÁGUA

ATELIER EM SOMMERAU

Irlmaier também foi chamado uma vez para procurar água em Sommerau, atrás de Ramsau. Will Klinger-Franken, o pintor da região entre o Inn e o Salzach, queria construir ali uma casa-atelier. Irlmaier impediu que a casa fosse construída numa cova aprazível e até convidativa; sugeriu como local uma pequena elevação num prado ali perto. Dois anos após a conclusão da casa, surgiu inesperadamente pela cova uma torrente de montanha em remoinho que arrastou tudo consigo: árvores, arbustos, cabanas e pedregulhos. Irlmaier tinha sentido, com as suas mãos sensíveis, um lago subterrâneo. O nível da água tinha subido e subido, até que o lago acumulado transbordou e se derramou pela superfície vale fora.

VISITA DO ALGOVIA

Por fim, Irlmaier voltou a ter tempos em que ficava muito esquivo e falava inconscientemente de coisas, às vezes apenas as insinuando ou interrompendo-se chocado a meio da frase. Outras vezes falava com toda a confiança, apontava a um lavrador do Algovia, que tinha ido ter com ele com uma planta do terreno para perguntar onde poderia encontrar água, para um determinado ponto da planta, e recebia mais tarde um postal com a

confirmação de que se tinha encontrado a água rigorosamente naquele ponto. O sucesso continuava a verificar-se, tal como no caso da abadessa da Argentina.

O VEIO DE ÁGUA NEFASTO

»Um funcionário dos caminhos de ferro tinha construído uma casinha algures na Alta Baviera (presumivelmente na zona de Perlach) e tinha casado. Na guerra passada tinha-lhe sido amputada uma perna. Usava uma prótese que, no entanto, assentava tão bem que nem os seus amigos sabiam de tal coisa. A sua mulher andava doentia e todos os meios da medicina tradicional que os médicos aplicavam não ajudavam. Conhecidos chamaram-lhe a atenção para Irlmaier. Sobre esse encontro ele contou depois:

Como eu entro na cabina dele, não se pode dizer quarto porque a cabana é tão pequena, diz o Irlmaier: ‘‘Senta-te aí, não precisas de me dizer nada, já sei ao que vens. A tua mulher está doente.’‘ Depois, este homem, que vejo pela primeira vez na minha vida, descreve-me a minha casa tão exatamente com todos os pormenores que fico simplesmente pasmado. Diz-me que passam veios de água por baixo da casa, que no nosso quarto de dormir, de qualquer modo, a cama da minha mulher está por cima de um desses veios. Quando ele for a Munique, aproveitará a oportunidade para me provar isso com a vara. ‘‘Tendes de arrumar a cama noutro sítio’‘, disse este homem estranho, ‘‘que assim a tua mulher melhora logo.’‘ Agradeci-lhe.

Depois passámos a falar do futuro. Irlmaier voltou a confirmar-me o que eu já tinha ouvido de outro lado, que ele previa um acontecimento terrível que terminaria com um confronto de exércitos inimigos. E disse ainda que todos os homens até uma certa idade seriam inspecionados nessa altura; na verdade, nenhum iria para o combate porque tudo correria tão depressa. Para pôr o vidente à prova, perguntei-lhe: ‘‘Também me

vai tocar a mim, visto eu ainda não ter atingido o limite de idade? Também vou ser inspecionado nessa altura?''

O vidente comentou à minha pergunta: ''Sim, sim, inspecionar inspecionam-te, mas o que é que queres fazer com a tua perna artificial, já não podem precisar de ti! Vai mas é para casa, que eu vou ter contigo um dia destes de qualquer maneira. Depois logo vemos a questão do veio de água.'' Pasmado, fui para casa e contei tudo à minha mulher. Como estas coisas acontecem: adiámos a mudança das camas, mas na cama da minha mulher dormiu entretanto a minha cunhada, enquanto nós próprios montámos o nosso leito noutro quarto. Não demorou muito até que a minha cunhada começasse a queixar-se de todo o tipo de dores, se queixasse de um sono agitado e mau e se convertesse, afinal, à convicção de que Irlmaier realmente não tinha estado errado com a sua opinião sobre o veio de água. A cunhada tinha considerado toda a história como um devaneio e não tinha acreditado.

Um dia, Irlmaier veio ter connosco e indicou com a sua vara e um pedaço de giz exatamente por onde passava o veio de água. Convencemo-nos de que a sua declaração tinha sido rigorosamente exata. Ele disse-nos ainda mais. ''Tens aí um frigorífico, não é, em que tens reparações a toda a hora e as coisas estragam-se. E tens aí uma campainha com uma bateria.

Quantas vezes é que a bateria pifa? Não é verdade que de quatro em quatro semanas tens de chamar o canalizador e nenhuma bateria te dura? Sabes porquê? Olha para aqui, o teu frigorífico está diretamente sobre o veio de água e a bateria da tua campainha também a tens dentro deste veio de água. E se não puserdes a cama noutro sítio, a tua cunhada tem de ir para o hospital e continua sempre doentia e atormentada com dores.''

Na casa junto ao ribeiro de Haching (que, como se sabe, continua a fluir subterraneamente após o seu ponto de infiltração), mudaram então algumas coisas de sítio, como Irlmaier sugeriu.

Desde aí acabaram-se as queixas descritas. Também as reparações cessaram.«

Não pouco impressionado, Conrad Adlmaier resume:

»Irlmaier, o trabalhador simples e sem instrução, um construtor de poços sem preparação médica prévia, afirma que a ação de um curso de água subterrâneo, consoante a natureza do leito do rio, é prejudicial para a pessoa que permaneça prolongadamente nesse local e favorece uma doença. Ele está a qualquer momento pronto a apresentar a prova disso. Centenas de casos pode ele citar que apoiam a sua afirmação.

Ele assinala que fruta em conserva e enlatados muitas vezes se estragam em locais sobre veios de água, afirma que as pilhas das lanternas se gastam ali rapidamente e que também os aparelhos de rádio nesses locais apresentam maiores perturbações do que em qualquer outro lado. Se tais danos materiais ocorrem realmente, é contudo evidente que também o corpo humano reage aos veios de água.«

DECLARAÇÕES

Alois Irlmaier tornou-se conhecido por todo o lado, não menos devido à sua prontidão em ajudar e à sua natureza simples. Para a precisão do seu dom existem muitas testemunhas. Algumas declarações particularmente prestáveis sejam aqui resumidas. Para garantir a sequência cronológica, é preciso recuar uma vez mais no tempo, até ao ano de 1933.

Heinz Waltjen, conservador do património local de Rabenstein, perto de Zwiesel, teve vários encontros com Irlmaier. Ele lembrou-se disso numa conversa com o autor a 24 de julho de 1975. O texto exato do seu comovente relato, que foi gravado em fita magnética, pode ser verificado a qualquer momento no arquivo sonoro da Bayerischer Rundfunk na fita documental ‘‘Waltjen’‘:

»Isso terá sido por volta de 1933. Nessa altura eu tinha uma quinta arrendada em Arlaching, no Chiemsee, perto de Seebruck. E ali havia um prado, um prado inclinado em direção à altura. Eu esperava que houvesse veios de água lá dentro para aumentar a água da quinta, que nos verões quentes se tornava sempre pouca para mim. E então perguntei por aí: Tendes algum buscador de água na região? – Pois bem, vais ter com o Irlmaier a Freilassing, ele sabe fazer isso, ninguém o faz tão bem como ele. –

E então escrevi para lá, e ele veio um dia de bicicleta, olhou para a coisa e disse: Sim, eu faço isso, e depois construo logo o poço, capto a água e encaminho-a para o estábulo ou até onde a quiser; faço tudo no conjunto. – E depois ele começou, e veio de manhã, outra vez de bicicleta. Aí disse eu: Sim, Irlmaier, vamos a isso agora? Diz ele: Sim, agora vamos a isso. – Aí digo eu: Mas não tem nenhuma vara, nenhuma vara de salgueiro para procurar água? Diz ele: Ah, isso não preciso nada.

Digo eu: Não precisa disso? – Aí disse ele: Não, não, eu limito-me a afastar os meus dedos e seguro as mãos à minha frente, e depois vou andando devagarinho para a frente, e depois já sinto nos dedos quando há alguma coisa, quando vem água lá por baixo. Mas quando anda gente atrás que gosta de ver alguma coisa, porque eles não sentem isso na mão, então pego numa vara de salgueiro qualquer ou, se essa não estiver à mão, pego simplesmente num arame, no primeiro que estiver por ali, tiro um pedaço dele e faço um laço. –

E então lá foi ele com o laço para eu ver alguma coisa quando ele passava pelo prado. E a mim ordenou-me: Devia preparar um braço cheio de estacas, assim pequenas de um arbusto, de uns 40 ou 50 cm de comprimento, e ele vai espetando essas estacas sempre onde encontrar água no prado. E então ele começou, passou muito em breve por cima de um veio de água, o laço de arame dele andava justamente a dar saltos, e ali tive de espetar uma estaca, e depois ele deu uma volta em círculo ao redor da

estaca, e logo a seguir espetou duas e três; a entrada e a saída desse círculo ele também as apanhou.

E assim descobrimos em pouco tempo por onde fluía subterraneamente – não visível – uma linha de água. ... Depois, quando já tínhamos a nossa água, ele voltou a dizer: Ora bem, agora gostaria de percorrer toda a cerca por fora do seu prado para ver se talvez ainda há outro veio que possamos aproveitar também. Lá foi ele outra vez. De repente a vara reage, ele fica parado, faz uma cara parva e saboreia assim com a língua, deitando a pontinha da língua um bocado para fora. Digo eu: O que é que tem, o que é que se passa? Pois é, diz ele: Sim, há metal no chão. Disse eu: Ora essa, o senhor encontrou porventura algum tesouro de ouro lá em baixo? Isso é que era! Dividimo-lo quando ele sair! Diz ele: Não, não, não, isto é – sim, infelizmente acho que não. E olha assim em redor, e ali vê uma linha de alta tensão que passa talvez a 40 ou 50 metros, e diz ele: Ah, podia ter visto logo isso. É a ligação à terra daquele poste alto lá em cima, foi isso que encontrámos aqui. Eu sinto este arame quando passo por cima dele.

E depois, à noite, ficávamos muitas vezes sentados juntos, e eu perguntava-lhe: Os sábios andam todos atrás do senhor para que lhes mostre alguma coisa dos seus dons e artes.

Diz ele: Sim, sim, uma vez meteram-me num avião. Estava um ao meu lado com o contador Geiger, e ali tivemos de determinar, num curso de água, numa curva no curso de água, se as forças de radiação da água fluente se desviavam para fora ou para dentro da curva, e a que altura e com que intensidade. E então o helicóptero voou por cima a 40 metros de altura, depois a 80 e 120 metros de altura e assim sucessivamente para trás e para a frente. Outro estava lá com o mapa e determinou-se como corre a radiação. E por isso ele teria recebido 50 marcos, diz o Irlmaier. Isso é que o teria deixado contente. Mas ele não gosta de fazer essas coisas, porque prefere procurar água.

Depois começámos a falar de tudo quanto é coisa, e aí disse ele: Pois é, valha-me Deus, se eu contasse aos médicos o que sei fazer, eles também me iam atormentar e chatear. Eu posso, por exemplo, dizer sem mais nada se alguém está doente, se lhe falta alguma coisa. Digo eu: É? E quanto a mim, será que estou doente? Diz ele: Parecer parece bastante saudável; mas se o senhor quiser – E aí levantou-se, pôs-se à minha frente, segurou os dedos a 15 ou 20 centímetros de distância de mim, a começar pela cabeça, no ar e tateou-me sem me tocar, ou seja, cabeça, peito, barriga e tudo. Nisso não teve nada a apontar. Continuou sempre assim. E depois desceu até à minha coxa direita.

Aí disse ele: Sim, aqui o senhor teve uma vez uma fratura na perna, não foi? Digo eu: Não, não tive fratura nenhuma na perna. Eu queria enganá-lo. Aí ele continuou a tatear até lá abaixo às barrigas das pernas e aos pés, voltou a subir e depois voltou a passar muito devagar e cuidadosamente por esse local. Depois disse ele: Esteve aqui qualquer coisa, o senhor teve aqui alguma coisa, não me venha com histórias! O senhor partiu a perna uma vez e não quer dizer! Ora, digo eu, Irlmaier, não parti a perna, mas ainda hoje tenho cá dentro um tiro, um estilhaço de granada do ano de 15, ainda lá está um pedaço de estilhaço. O Irlmaier encontrou aquilo através da minha roupa e de tudo!«

Norbert Backmund confirma a declaração de Heinz Waltjen:

»Falei com muitas testemunhas presenciais e auriculares que viveram as coisas dele, coisas completamente espantosas. Ele era capaz de entrar num quarto vazio de onde se tinha tirado tudo e depois dizia exatamente quem ali morava e que doenças as pessoas tinham. Ele nunca tinha visto essas pessoas, nem sabia quem eram.«

Heinz Waltjen prossegue no seu relato:

»Ele olhava para mim com um ar tão sabedor muitas vezes, pensativo e cheio de reflexão olhava-me nos olhos, simpático, amável, não fixando nem criticando, mas observando. Quando ele

nos olhava assim com o seu olhar calmo, penetrante, mas não exigente, ficávamos interiormente profundamente tocados pela bondade deste homem simples, que podia e sabia mais do que deixava transparecer por fora...«

O que impressionava particularmente todas as pessoas que conheciam o buscador de água nessa altura e mais tarde eram os seus olhos. Conrad Adlmaier lembrava-se:

»Sobre os olhos deste construtor de poços poder-se-ia dizer todo o tipo de coisas. Quem os viu tinha de ficar com a impressão de que eram um pouco grandes demais. Que pareciam quase penetrantes podia observar-se frequentemente nas suas visões. Mesmo no cadáver de Irlmaier estes olhos ainda estavam meio abertos, como se olhassem para aquelas distâncias eternas que estão fechadas aos terrenos.

Quando o vidente se concentrava, o olhar adquiria algo de perfurante. Habitualmente Irlmaier olhava para o chão pelo lado do coração quando via alguma coisa. Nessa altura a sua voz adquiria um tom cantado, e ele já não falava o seu dialeto habitual e genuíno de Chiemgau, mas sim numa linguagem um pouco mais elevada que soava estranha.«

O filho, o advogado Siegfried Adlmaier de Traunstein, sente o mesmo. Como jovem — era no ano de 1953 —, viajou uma vez com o seu pai e Irlmaier para Passau, a casa da ‘‘Lang-Mutter’‘, uma velha conhecida. Ali já tinha folheado várias vezes um álbum de fotografias no qual estavam coladas muitas fotos de soldados do círculo de parentes e conhecidos. Das conversas com a filha e alguns conhecidos, sabia o destino dos retratados. Lembrou-se, numa conversa gravada à letra a 14 de abril de 1989 com a jornalista radiofónica Rosemarie Raab:

‘‘Agora eu sabia, embora não conhecesse as pessoas em si, os seus destinos pelas narrativas da Lang-Mutter, da sua filha e das suas amigas. E estava lá um de quem diziam que um impacto direto de lança-minas lhe tinha arrancado metade da cabeça. Isso

ficou-me, naturalmente, na memória. E enquanto estávamos assim sentados à mesa, pensei cá para mim que gostaria de ver uma vez o que havia de verdade nessas profecias, e então mostrei-lhe (ao Irlmaier) primeiro umas tantas outras fotos e depois esta foto.

E disse: Este ainda vive? E depois o Irlmaier olhou para a foto, virou a cabeça para o lado, pôs a mão assim à frente do rosto e disse: Nem posso olhar para aí, que ferimento tão pavoroso ele tem! Então disse eu: Mas ainda vive? Ao que ele respondeu: Qual quê, ele tem um ferimento pavoroso na cabeça.''

(Ao autor, o advogado confirmou a 16 de janeiro de 1990:

''Ele não disse: Na perna ou na mão, não, embora nunca tivesse visto a imagem antes, disse: na cabeça.'') ''E depois continuei a perguntar-lhe por onde é que ele sabia que este já não vivia. Ao que ele disse: Veio assim em véus. Ou seja, como que em véus de nevoeiro.''

O advogado completou depois o julgamento do seu pai sobre os olhos de Irlmaier:

''O curioso eram os olhos dele. Isso era de todo o mais interessante e curioso nele: olhos muito esquisitos (estranhos), que nunca mais vi em nenhum outro ser humano. Estes olhos estavam, especialmente quando ele olhava para a foto, e quando depois olhava brevemente para aqui e punha a mão à frente do rosto, estavam, como hei de dizer, tão ausentes, completamente ausentes, não concentrados como é quando as pessoas se olham mutuamente, não, estes olhos estavam muito curiosamente dirigidos de algum modo para o vazio ou ausentes. É difícil de descrever.''

No decorrer da mencionada conversa com Rosemarie Raab, o advogado de Traunstein abordou mais em pormenor as suas impressões da altura:

‘‘Isso talvez também tenha sido caraterístico no Irlmaier, que ele nunca, o que em si seria óbvio, tivesse dito: Olhaste bem?!! Ou algo do género. Ele nunca se gabou. Tudo isso veio com toda a naturalidade. Gostaria até de dizer que o Irlmaier, segundo a minha recordação, era exteriormente um homem totalmente discreto, que falava de forma completamente normal, que era divertido, que tinha humor e que nunca se gabava: passava sempre muito normalmente à ordem do dia. Se não tivesse aqueles olhos curiosos! Isso, contudo, destacava-o. Como disse, nunca mais vi um ser humano com tais olhos. Mas de resto, em todo o seu comportamento, no seu exterior, era um homem totalmente normal, gostaria de dizer — um homem do campo. Nem se repararia nele.’‘

Siegfried Adlmaier continuou:

‘‘O Irlmaier era, gostaria de dizer, um homem bastante bem-humorado. Sei disso por várias observações. Quando estávamos a descer para lá, fizámos uma pausa numa estalagem durante a viagem para Passau. A estalajadeira reconheceu-o; e aí ele comportou-se com a estalajadeira de uma forma extremamente divertida e cheia de humor. Não que se pensasse agora que ele andava por ali soturno ou algo do género. Contudo, se bem me lembro, ele deu a entender que toda esta situação o sobrecarregava de algum modo: ou seja, ele não era feliz.

Outro diria talvez: Homem, formidável, consigo ver o futuro! Consigo ver o passado! Não era de todo assim. Ele disse uma vez que isso por vezes o oprimia muito, especialmente quando vinham pessoas — vinham ter com ele muitas mulheres depois da guerra cujos maridos estavam desaparecidos ou que de momento não tinham contacto com eles. Quando ele via então que estes homens estavam mortos, isso era pavoroso para ele, e ele rodeava então a coisa de algum modo para não fazer demasiado mal às mulheres.’‘

Também a mulher do antigo diretor do tribunal estadual de Traunstein, Wilhelm Wintergerst, perguntou a Alois Irlmaier pelo seu marido, desaparecido desde o fim da guerra. Wilhelm Wintergerst lembrou-se em abril de 1988:

‘‘À minha mulher disse ele: ‘Não precisas de ter grandes preocupações por ele, ele vive, e vive numa cidade branca junto ao mar azul; e fala o dia todo numa língua estrangeira. Ele está bem, mas tu não estás tão bem. Ele volta em breve a casa. Vejo-vos num belo jardim. Ainda ides ter um filho e ter muita alegria com ele. Cuida agora de ti própria.’ Agora a explicação: Eu era nessa altura prisioneiro de guerra na cidade portuária francesa de Marselha e trabalhava ali como intérprete.’‘

(Marselha surge branca ao sol, o mar reluz azul; a designação ‘‘Côte d'Azur’‘ expressa-o. Wintergerst era intérprete junto dos americanos e falava inglês o dia todo.)

‘‘Após o cativeiro regressei a casa para a minha mulher; tivemos um filho que hoje é dentista e do qual ambos temos muito orgulho.’‘

Um testemunho eloquente sobre as espantosas capacidades Psi (fenómenos Psi, segundo o ‘‘Kleiner Brockhaus’‘: ‘‘Parapsicologia: fenómenos da 'perceção extrassensorial' e da psicocinese’‘) do construtor de poços Alois Irlmaier é dado por uma carta reproduzida a seguir (publicada pela primeira vez no livro ‘‘Das dritte Weltgeschehen’‘) do político do FDP e empresário Peter Utz:

5 de jan. de 1980

‘‘Caro Senhor Bekh!

Eu próprio não conheci Irlmaier, mas o meu pai, Hans Utz, que foi deputado estadual e diretor estadual do Partido da Baviera, que viajava muito pela Baviera e conhecia muita gente, encontrava-se frequentemente com Irlmaier, que era igualmente um convicto patriota bavaro.

Assim, Irlmaier afirmou ao meu pai que na Baviera havia muitíssimas riquezas do subsolo, que as via muito claramente debaixo da terra, mas que não revelava nada, pois era melhor que ficassem ali até que a Baviera voltasse a ser independente, no que ele obviamente acreditava.

Antes de relatar o resto que o meu pai me contou da sua própria experiência com Irlmaier, devo antecipar que o meu pai era um homem extremamente realista e cético, que não acreditava em nenhum hocus-pocus e não se deixava enganar por nada.

Mas o meu pai viu com os seus próprios olhos que Irlmaier, com um coador normal sobre o qual mantinha a mão, tirava água de um poço. A água ficava no coador enquanto Irlmaier mantivesse a mão por cima dela, e escorria assim que ele tirava a mão. Irlmaier, que tinha olhos muito azuis-claros, sentia a água fisicamente. Encontrava cada veio de água e previa a profundidade exata, o local preciso e o rendimento. Era o único buscador de água que assumia a garantia pelas suas indicações e estava pronto a assumir os custos de uma construção de poço em vão, o que contudo, tanto quanto sei, nunca foi necessário.

O pai tinha também um bom conhecido e companheiro de partido em Weilheim chamado St. Este era um rico empresário de autocarros.

Eu próprio ainda me lembro de que, como rapaz pequeno, as suas calças de couro bordadas com arte e, sobretudo, o seu trabalhado fogão de azulejos me impressionavam. Os azulejos eram feitos à mão e mostravam, em cerca de quarenta imagens em relevo, a história de vida do Senhor St.

O homem rico tinha tudo o que se podia imaginar, o que nos parecia um milagre tão pouco tempo depois da reforma monetária. No entanto, St. não era de invejar, pois gostaria tanto de ter tido um filho e sucessor para o seu negócio, mas tinha apenas uma filha com deficiência mental que nem sequer conseguia falar.

Como Irlmaier também já tinha ajudado doentes que eram, por exemplo, atormentados por dores de cabeça, constatando que a cama deles estava sobre um veio de água, e visto nenhum médico conseguir curar ou explicar a doença da filha de St., St. pediu ao meu pai que trouxesse Irlmaier. Este não tinha sido previamente esclarecido pelo meu pai sobre o motivo das preocupações e o problema. Quando falavam com St. na sua sala de estar, a filha também não estava presente.

Com um cantochão monótono falava Irlmaier, com os olhos postos na distância:

É da tua filha que se trata! Não precisas de dizer nada,

aconteceu há vinte anos, vejo-o exatamente,

e a culpa é de uma mulher.

No cemitério está ela, a quinta campa, a terceira fileira!'

Quando se foi verificar quem estava na campa, constatou-se que ali jazia a parteira que tinha realizado o parto vinte anos antes. Irlmaier, contudo, regressado da sua visão, já não sabia nada do que tinha dito e também não podia dar mais informações ou esclarecimentos.

Com os melhores cumprimentos,

O seu Peter Utz'‘

Como nota final a estas comunicações de todo em todo inacreditáveis, talvez seja necessária uma clarificação: Peter Utz não é um fantasista, mas sim um empresário sólido e um político municipal de sucesso em Eldering, distrito de Erding. Pelo menos notáveis são as palavras de Irlmaier sobre a independência da Baviera recuperada no futuro; no contexto das transformações na Europa Central iniciadas no momento da criação deste livro, ela parece pelo menos já não estar inalcançável. Quanto ao experimento do coador, comunicado como fiável, poderia, caso seja de todo possível uma explicação, sugerir esta: a água não só

exercia sobre Irlmaier uma força de atração fortíssima, como ele, inversamente, também atraía a água. De outro modo, o ‘‘estado de flutuação’‘ documentado por Utz é dificilmente interpretável. Mas não era apenas a água que se transmitia às mãos de Irlmaier: Peter Utz dá no seu relato informações de que Irlmaier sentia tão bem as ocorrências de riquezas do subsolo (petróleo, gás natural, carvão e minério).

Tal como em ‘‘Eisenärz’‘ na Estíria, com os seus banhos de escória, altos-fornos e comerciantes de ferro, também na área da cidade de Eisenärzt, na Alta Baviera, junto ao Weißen Traun, se tinha encontrado e transformado ferro. Já na sua antiga terra natal se lhe deverão ter transmitido não só veios de água, mas também camadas de minério.

Após a ‘‘ascensão’‘ de Irlmaier a provavelmente o mais famoso vidente do seu tempo, Conrad Adlmaier, que não esteve totalmente alheio a esta evolução, dá na sua brochura do ano de 1950 uma visão esclarecedora da situação oprimida de Irlmaier:

‘‘Pedimos ao leitor tanta compreensão que não pense: ‘Olha, temos aqui um profeta do futuro, portanto vamos lá com perguntas, com cartas, com visitas.’ Irlmaier não é feliz com o seu dom estranho. Ele está a colapsar. 1500 cartas estão empilhadas há meses sem abrir na sua cabana, centenas e centenas de visitantes viajaram muitas vezes de longe para Freilassing sem resultado. Tiveram de voltar para trás.’‘

Em contradição com isto está, contudo, a indicação de Adlmaier:

‘‘Quem se quiser... manter ao corrente, remetemo-lo para o jornal publicado em Traunstein ‘Traunsteiner Nachrichten’, que relata regularmente sob a rubrica 'Experiências em redor de Irlmaier' em determinados intervalos de tempo.’‘

De pouco serve quando ele continua:

‘‘O autor garante a verdade dos factos indicados individualmente; eles foram em parte verificados até ao mais pequeno pormenor. Tudo foi filtrado com uma exatidão minuciosa. O que, por exemplo, fosse explicável de forma natural, foi excluído.’‘

Verso da capa de proteção, o editor tem de mandar imprimir à última hora uma indicação extremamente oposta:

‘‘A pedido do Senhor Alois Irlmeier (sic!) em Freilassing, pedimos a todos os leitores deste livrinho que não enviem qualquer carta a Irlmeier, nem façam a tentativa de falar com ele pessoalmente. O Senhor Irlmeier já não tem possibilidade de receber ninguém. Ele quer apenas exercer a sua profissão de construtor de poços e buscador de água. Também o autor desta brochura já não pode reencaminhar cartas para o Senhor Irlmeier.’‘

Embora Irlmaier não pudesse negligenciar a sua atividade profissional como construtor de poços, nem que fosse pelos rendimentos necessários, deixava-se levar uma e outra vez a fazer uso do seu dom. Ele simplesmente não conseguia agir de outra forma. A causa residia sempre na sua prontidão em ajudar. Com o que tinha, era generoso. Na maior parte das vezes ajudava de forma totalmente espontânea e como que de passagem.

O que Irlmaier via e sabia, não conseguia ocultar. Se estava vezes suficientes perto do colapso físico, a culpa residia na sua própria inconsequência. Ele tinha de ajudar as pessoas — como comunicado no relato seguinte do lavrador Hans Stahuber —, ou digamos mais simplesmente: ser útil. Só para o fim da sua vida é que ele se recusou. Sobre isso ainda se há de falar.

Relato do lavrador Hans Stahuber

de Reisachöd

junto a Großhöhenrain

26.12.1989

‘‘Exmo. Senhor Wolfgang Johannes Bekh!

Tento escrever tão exatamente quanto me é possível após cerca de quarenta anos. Na altura tinha saído no nosso jornal diário, que vinha de Rosenheim, uma série em folhetim sobre Irlmaier. Hoje em dia ainda tenho os jornais guardados em algum lado. Através desses relatos de jornal, Irlmaier tornou-se conhecido também aqui em cima entre nós. Ocorreram então os seguintes eventos:

Na laticínia Bichler em Feldkirchen era precisa mais ou melhor água. Para esta laticínia nós também entregávamos o nosso leite. Bichler era nosso parente. Bichler foi buscar o construtor de poços Irlmaier para a busca de água e a construção do poço. Na altura em que Irlmaier trabalhava junto de Bichler, foi roubado um relógio de ouro na padaria e pastelaria Huber, também em Feldkirchen. Isso na altura era uma preciosidade. Huber informou a polícia e, nesta questão, o aprendiz do Huber foi muito gravemente suspeito.

O aprendiz chorava e assegurava uma e outra vez não ter roubado este relógio. Alguém disse então: o Irlmaier está ali à frente no Bichler, perguntai-lhe uma vez. A polícia disse em sequência disso: Muito bem, perguntemos uma vez ao Irlmaier. Também a eles Irlmaier era conhecido através dos relatos no jornal. Irlmaier disse, depois de a polícia lhe ter relatado o caso: Este rapaz é inocente, mas ide uma vez até à estrada principal, que vem aí uma moça jovem de bicicleta; ela tem o relógio consigo.

A polícia foi em sequência disso para a estrada e vinha uma moça de 19 anos de bicicleta e tinha efetivamente esse relógio consigo. À pergunta de onde tinha tirado esse relógio, disse ela: Foi o meu noivo que mo deu. Este noivo era oficial de oficial na casa Huber. Como a coisa continuou, se o homem foi punido, não sei. Exatamente como descrevi se passou este caso entre nós.

Gostaria de lhe pedir que não mencione o nome do padeiro. Não gostaria que o ladrão do relógio ou a sua noiva de então fossem parar à boca do mundo ao fim de quarenta anos, caso ainda vivam. Eu não conhecia os dois. Conhecia contudo o velho Bichler e o atual padeiro (que é o filho do velho padeiro).

Com amigáveis cumprimentos,

Hans Stahuber com família''

(O nome do padeiro foi alterado conforme solicitado.)

Johann Hönegger, pároco e conselheiro espiritual

em Anthering, lembra-se

22 de abril de 1990

''No ano de 1950 fui como coadjutor para Adnet, perto de Hallein. O meu primeiro posto! Além da juventude, também me ocupei dos homens e das mulheres. Numa dessas reuniões de homens viemos a falar de radiação terrestre, veios de água, etc., e também de capacidades humanas escondidas que estão apenas 'encobertas', mas cuja disposição está em cada ser humano. Assim viemos a falar de Irlmaier, porque este também era um buscador de água e de radiações. O Hupfaufbauer sénior disse então:

O Irlmaier vem ter comigo! Primeiro ao Bottler em Waidach e depois para a nossa quinta!' Eu pedi-lhe que me avisasse, porque o queria conhecer melhor.

Em 1952 a igreja paroquial foi restaurada no exterior, eu trabalhava no conjunto num fato-macaco azul. Às três horas da tarde veio o Hupfaufbauer e disse: 'Agora está cá ele, o Alois!' Eu respondi:

''Já vou. Mas não lhe digas quem eu sou! Vou no fato azul e cheio de pó!''

Assim entrei na sala dos Hupfauf, e todos lá dentro fizeram de conta que eu era um estranho. O Irlmaier estava sentado no canto do Oratório, do lado direito. Reconheci-o imediatamente, porque já o tinha visto na Baviera. Dei a mão a todos. Quando a dei a Irlmaier, disse ele: ‘‘Esta mão devia eu beijá-la, o senhor é um senhor padre, eu sinto isso!’‘ Todos tiveram de rir, e eu pedi ao Alois: ‘‘Posso perguntar uma coisa, de mim pessoalmente?’‘ ‘‘Sim, com certeza!’‘, foi a resposta. Disse-lhe eu: ‘‘Onde é a minha terra natal, em que região do país?’‘ Irlmaier pôs as mãos postas no colo, esteve muito quieto, olhou apenas para um ponto na mesa, permaneceu quieto e disse depois:

‘‘Belo vale entre montanhas íngremes, um vale em bacia! As duas montanhas mais altas do Niedere Tauern olham para o vale calmo!’‘ Estava certo: Isso é Lessach no Lungau, a norte de Tamsweg!

Perguntei mais: ‘‘Onde fica a casa dos meus pais?’‘ Ao que ele deu por resposta: ‘‘Sobre o ribeiro num ligeiro terraço, murada até ao primeiro andar, de resto tudo madeira e uma varanda redonda. Em frente à casa está um celeiro de cereais e um jardim cercado!’‘ ‘‘Certo!’‘, tive de confirmar. Insisti mais: ‘‘Os meus pais estão vivos?’‘ Ele: ‘‘Ambos são uma sombra, morreram, já há mais tempo.’‘

Voltei a perguntar: ‘‘Os meus irmãos e irmãs ainda vivem?’‘ Ele, após uma pausa: ‘‘Três estão na sombra, morreram, cinco vejo-os bem, estão vivos!’‘ Estava tudo rigorosamente certo! Testemunhas disto foram Georg Schnöll, Hupfaufbauer, a sua esposa Kathi e Lorenz Schnöll, que tinha chegado a casa como carteiro, o filho deles.’‘

Relato sobre um prisioneiro de guerra

(igualmente de Johann Hönegger)

‘‘Numa instrução doméstica em 1980 em Kuchl falámos sobre aparições e intervenções do outro mundo na história do

tempo, como Fátima ou anteriormente Lurdes. Também sobre disposições naturais no homem que estão apenas soterradas e vêm ao de cima através de experiências profundas, como por exemplo a clarividência.

Aí disse o velho pai Doser de Kuchl, Georgenberg, residente na vila: ‘‘No fim de maio de 1945, o construtor de poços Irlmaier fez-me uma visita e eu perguntei-lhe como é que ele podia vir da Alta Baviera para Salzburgo.’‘ Ele respondeu: ‘‘Os americanos já me conhecem!’‘ Pedi-lhe que me ajudasse. Do meu filho, que estava na Rússia, não tínhamos qualquer notícia: não sabíamos se vivia ou se já não vivia; assim falava eu muitas vezes com a minha esposa.

Eu tinha uma foto do Simon, assim se chamava o filho. Irlmaier olhou para a foto e disse: ‘Ele vive no sul da Rússia e trabalha de momento num campo de milho, fora de uma cidade. Ele vai voltar a casa.’ Ficámos contentes e demos-lhe uma garrafa de aguardente caseira. Ele ainda ficou um bom pedaço de tempo e disse depois: ‘Tenho de ir andando, senão os americanos zangam-se.’

Simon Neureiter, o atual Doserbauer, regressou do cativeiro no primeiro transporte em 1946. Ele confirmou que as indicações de Irlmaier estavam certas, que em maio e junho teve de trabalhar perto de Armavir, no sul da Rússia, em campos de milho com muitos outros! Portanto, Irlmaier tinha falado verdade.’‘

25 de abril de 1990

Carta de uma professora de Landshut

Landshut, 5 de março de 1988

‘‘Lembro-me de uma pequena ocorrência que me foi contada há muitos anos por uma colega da altura — éramos nessa altura ambas jovens professoras nas Ursulinas em Landshut. Com o consentimento desta colega, quero relatar-lhe: esta colega, que provém de uma quinta de dimensão considerável nas

proximidades de Trostberg, contou-me (há cerca de 35 anos), após um fim de semana que tinha passado em casa, que o seu irmão tinha mandado vir Alois Irlmaier porque precisava de um poço.

Irlmaier esteve lá no domingo e, nessa altura, ocorreu algo que a todos admirou e divertiu. Irlmaier terá ficado subitamente, no meio da conversa, totalmente ausente do seu espírito e, depois, terá dito à irmã dela:

Agora vi-te numa grande quinta, a linha do comboio passa ao lado e tiveste seis filhos.' Esta declaração terá deixado a todos bastante admirados, visto a irmã estar noiva de um músico de Munique, não havendo, portanto, a menor ideia de que Irlmaier pudesse ter razão.

Algum tempo mais tarde o noivado foi desfeito, a irmã casou mais tarde com um agricultor, ao lado da quinta passa o comboio e têm seis filhos.

Com amigáveis cumprimentos,

Mathilde Dreisbusch'‘

Traunreut

Ao lavrador Johann Reiter de Hinterau, Irlmaier predisse a fundação da cidade de Traunreut.

(Segundo um relato textual no programa de rádio ‘‘Há 30 anos morria o vidente Alois Irlmaier'‘, a 4 de junho de 1989):

‘‘Lá em Traunreut. Estávamos lá fora, que aquilo lá era tudo só floresta, não é. Nem havia vivalma que pensasse que realmente um dia se ia construir ali alguma coisa. 'Um dia vem para aqui uma cidade!', disse o Irlmaier, isso é verdade, não é. Ainda há pouco contámos isso outra vez! Hoje em dia Traunreut está lá efetivamente. O Irlmaier dizia isto uma e outra vez por volta de 1940 a 42.''

Como Walter Freinbichler de St. Leonhard conheceu Maria Irlmaier

Maria veio de visita a St. Leonhard com duas amigas.

As raparigas fizeram uma pausa no Simmerlwirt, uma conhecida e abastada estalagem de excursão ao lado da igreja da aldeia. Um grupo de rapazes também lá tinha entrado. Walter Freinbichler, filho de um mineiro com uma pequena propriedade agrícola em terreno arrendado, estava entre os rapazes.

Há décadas que está casado com a filha mais velha de Irlmaier e vive numa pequena aldeia perto de Hallein. Ele pode relatar por experiência própria mais do que uma ocorrência com Irlmaier. Os acontecimentos contados a seguir foram por ele comunicados ao autor por ocasião de uma visita à sua casa.

As galinhas do guardador da eclusa

‘‘O guardador da eclusa do Almkanal (Königsache) não tinha sorte com as suas galinhas. Elas mudavam a pena no verão e não punham ovos. Irlmaier, consultado sobre o assunto, constatou que a capoeira estava sobre um forte veio de água. Após uma mudança da capoeira de local, o prejuízo foi remediado quase instantaneamente.’‘

O Jeep em chamas

‘‘O Zollhäusl junto à ponte velha do Saalach servia de estalagem. Ali, Irlmaier adquiriu uma vez, na presença de Freinbichler, o conhecido olhar ausente. Ele olhava como que através de Freinbichler e balbuciava: ‘As duas pobres pessoas! As duas pobres pessoas, têm de sofrer tanto!’ Subitamente deu um gemido, os olhos dilataram-se num pavor límpido: ‘Agora está a arder! Agora está a arder! Ai de mim, ai de mim, agora está a arder!’ E outra vez: ‘Os dois pobres! Estão cobertos de sangue e estão a arder lentamente!’ Profundamente perturbado até ao âmago, Irlmaier interrompeu-se. Freinbichler olhou para o relógio. Na manhã seguinte, o emissor Rot-weißrot noticiava:

Exatamente assim e no mesmo minuto tinha ocorrido um acidente tal como Irlmaier o descrevera. No Roßfeld, um Jeep americano tinha despenhado, capotara e entrara em chamas. Ambos os ocupantes, soldados americanos, tinham ardido até ficarem irreconhecíveis.‘‘

Encravado no Saalach

‘‘A polícia de Salzburgo dirigiu-se a Irlmaier: ‘‘Falta um homem.’‘ Irlmaier a isso: ‘‘Ele está encravado no Saalach.’‘ Ele conduziu os agentes ao local onde o suicida se tinha prendido numa raiz de árvore sob a superfície da água.‘‘

Mais uma vez: O juiz de comarca de Laufen

Walter Freinbichler sabe também do processo de charlatanice um episódio menos tornado público:

‘‘O juiz de comarca de Laufen sorriu quando Alois Irlmaier, denunciado por ‘‘charlatanice’‘, lhe foi presente, e perguntou-lhe zombeteiramente: ‘‘Então o senhor quer ser um vidente? Pode provar isso?’‘ Irlmaier, pronto para tal, respondeu: ‘‘A sua mulher está sentada em casa a tomar café. Um senhor estranho está sentado à frente dela e também está a tomar café. A sua mulher tem vestido um belo vestido vermelho.’‘ O juiz enviou imediatamente um oficial de diligências à sua habitação para verificar a veracidade desta indicação. Tudo se passava tal como Irlmaier tinha visto. Quanto ao homem descrito, tratava-se de um antigo prisioneiro de guerra que tinha regressado a casa ao fim de muito tempo e queria visitar o juiz, seu velho conhecido.‘‘

Até aqui o relato de Freinbichler.

Visita a Irlmaier

No Oberbayerisches Volksblatt de 13 de outubro de 1949 é relatado de forma bastante vívida sobre as circunstâncias domésticas de Irlmaier:

‘‘Na sua habitação na Reichenhaller Straße, a filha de dezoito anos, Elisabeth, está justamente a lavar a loiça. O pai viajou, afirma ela com teimosia. Nem voltaria tão cedo e também não diria nada! Não valia a pena escrever!

Após longa busca, a sua pequena oficina no bosque, cercada por máquinas arrebentadas e peças de automóveis enferrujadas, é encontrada. Um cão farpado corre furioso na sua corrente. Um grande carro americano acabou de se ir embora sem resultados. De um palheiro de madeira, um homem de cerca de sessenta anos observa-o em segredo.

Olá! Senhor Irlmaier!’

Hesitante, o velho sai para fora. ‘O que é que querem? Eu já não digo nada!’ — Acaba contudo por se estabelecer uma escassa conversa por cima da vedação. Que ele descobre veios de água sem vara de condutor, apenas com a sensação do corpo, e que ajudou a descobrir as fontes minerais de Bad Schachen, ele conta, mas nem uma palavra sobre clarividência, exceto que simplesmente a consegue fazer se tiver à frente uma imagem do desaparecido. A uma romena ele descreveu a terra natal de forma tão exata que a mulher correu de volta para a localidade meio louca.’‘

Outras impressões de uma visita a Irlmaier

De forma fiável relata Herbert Frank na edição de sábado/domingo de 22/23 de outubro de 1949 do Münchner Merkur:

‘‘Ele mora numa barraca de madeira, nas proximidades da estação de comboios. Um portão de vedação de arame, no qual balança uma pequena placa com a inscrição: ‘Alois Irlmaier, construção de poços e instalações’, conduz a um pátio rodeado por armazéns e atravancado com ferramentas de construção, no qual um rafeiro farpado salta ladrando zangado.

Por uma porta baixa e estreita num dos palheiros chega-se ao escritório de Irlmaier, uma cabina semelhante a um camarote de carruagem-cama, na qual se podem espremer, na melhor das hipóteses, três pessoas. Por uma vigia meio baça entra um raio de sol poento. De resto o espaço é escuro. Mas não reina a atmosfera falsamente fantasmagórica de um salão de cartomante ou adivinho, mas sim acredita-se estar numa modesta sala de lavradores.

Irlmaier está sentado hirto numa cadeira de madeira e convida o visitante a tomar lugar no sofá trôpego que está em frente.''

Noutro ponto, Irlmaier é descrito com muita barba por fazer em redor do queixo e com uma ponta de charuto que se apaga uma e outra vez na boca já não muito abundante em dentes. Herbert Frank vê Irlmaier assim:

''Ele é um homem de estatura média, robusto, vestido de forma simples e campestre, de 55 anos, semelhante a um lavrador ou pastor. Primeiro saltam à vista os seus olhos de um azul radiante, claros como a água, que se encontram fundos sob sobrancelhas espessas. Eles, o nariz fortemente curvado, o fino bigode escuro e a boca estreita e comprimida dão ao seu rosto algo de corujino, uma impressão que com o tempo se intensifica de forma cada vez mais opressiva. Ele fala alto, diretamente, num dialeto arcaico da Alta Baviera e trata todos por tu. Por isso a conversa entra rapidamente em curso.

Irlmaier cravou o seu olhar em mim, reclinou-se para trás, encrespou a testa, fechou quase por completo os olhos, que pareciam recuar para as suas órbitas, ficou a fitar para a sua frente e começou: »Eu vejo...« E depois seguiram-se descrições do meu percurso de vida, experiências individuais, traços de caráter, indicações sobre pessoas próximas de mim... Uma vaga de sangue saltou-me para a cabeça, o bater do coração parou, julguei perder o chão debaixo dos pés. Ele falava como se eu próprio estivesse a

desembalar os meus segredos mais íntimos. Já não fui capaz de dizer uma única palavra.‘‘

Não é difícil depreender de tais comunicações a inconsequência — ou mais corretamente a bondade — de Irlmaier. Nomeadamente os funcionários das fronteiras e das alfândegas gostavam que ele lhes previsse as datas de promoções, demissões de serviço ou afazeres de contrabando; na maioria das vezes confirmavam-se ao dia exato. No círculo dos amigos mais íntimos, que conhecia desde a juventude, continuava sempre disposto a interpretar o futuro gratuitamente. Como por causa disso tinha forçosamente de negligenciar o seu negócio, o filho e a esposa deram o seu contributo para que já não fossem demasiadas pessoas a incomodá-lo.

Para se conseguir penetrar até Irlmaier, tornava-se necessária uma porção de sorte cada vez maior. Àquela que se sacrificava pela blindagem e poupança de Irlmaier e que, devido à sua natureza inacessível, era proverbial, e talvez também temida, em metade da Alta Baviera, dedicou o ensaísta e narrador Korbinian Lechner no Silvester-Merkur de 1949 um comovente retrato sob o título:

Eu sou a mulher do vidente!

Para a biografia completa do construtor de poços de Freilassing pertence uma referência a esta mulher ‘‘extremamente boa’‘, que colocou a sua vida como poucas ao serviço do seu marido e da sua família. Lechner escreve:

‘‘No dia antes da véspera de Natal, um homem caminhava para trás e para a frente, à espera, numa pequena rua que, bem no meio de Freilassing, sai da grande estrada estadual alcatroada entre arbustos e árvores em direção a um parque de material. Era por volta da altura em que começava a escurecer, e o homem já esperava há horas a fio que o portão para o parque de material finalmente se abrisse.

Na armação de grade do portão estava pendurada uma folha com a lacónica comunicação: »Informações só podem voltar a ser tratadas a partir de 8 de janeiro.« Ao lado desta folha estava também afixada uma pequena placa esmaltada: »Atenção, cão raivoso«, e este cão, que corria para trás e para a frente numa corrente sem fim atrás do portão de grade, mostrava ameaçadoramente os dentes assim que o homem se aproximava.

Uma mulher mais idosa, um pouco gordinha, que estava sentada em frente ao portão num monte de pedras e de vez em quando olhava com olhos saudosos para uma foto de soldado, disse consoladoramente ao homem: »Temos de esperar, é mesmo assim e não de outra maneira, pois aqui cada um tem de esperar, seja quem for. O principal é que ele próprio ainda nos veja, que assim ainda lá entramos. Eu, seja como for, vou tentar esgueirar-me para dentro assim que o camião lá dentro no pátio estiver descarregado e voltar a sair.«

Precisamente por este momento esperava também o homem, mas antes de a coisa chegar a esse ponto, ele, que agora voltava a caminhar para trás e para a frente, teve um encontro extremamente curioso. Muito subitamente, uma mulher magra, que devia ter vindo com a sua bicicleta da estrada grande, estava diante dele e dirigiu-se-lhe de forma nada amigável: »O que é que o senhor está aí parado a fazer? Trate de se pôr a andar! Não está bem claro na grade que ele não está? Marcha daí, digo eu, ande! Nós queremos sossego.«

Este foi, portanto, o meu primeiro encontro com a Senhora Irlmaier, a mulher do vidente de Freilassing já quase conhecido no mundo inteiro. Certamente eu já tinha sido informado sobre a inacessibilidade da Senhora Irlmaier e provavelmente também prevenido contra isso, mas ainda assim nunca teria acreditado que a minha entrevista começasse de forma tão desesperada. Ela tinha-me corrido dali de forma suficientemente clara antes mesmo de eu ter tido a oportunidade de dizer uma palavra.

Ainda assim, quando ela voltou a regressar do parque de material passados poucos minutos, pus-me resolutamente no seu caminho, mas também desta vez não cheguei a ter a palavra, pois a três metros de distância ela já me rosnava ao meu encontro: ‘Saia daí, digo eu!’ Com isto fiquei agora, para ser honesto, um pouco melindrado, e a partir desta disposição perguntei-lhe o que é que ela afinal queria de mim e quem era ela afinal. Ela contudo já estava novamente sentada na sua bicicleta e gritou-me, nada amigável e refilona, rapidamente por cima do ombro ainda: ‘Se é que não o sabe: Eu sou a mulher dele!’ E depois já tinha desaparecido, como uma sombra na noite.

*Quando o construtor de poços Alois Irlmaier vai ao encontro do visitante estranho, a sua grande bondade já vai uns passos à sua frente. Eu senti isto de forma quase percetível até ao toque.

Lá dentro, no pequeno escritório, ele contou-me então de forma extremamente vívida sobre a sua atividade como construtor de poços e buscador de água com vara. Nisso contudo o seu filho, um homem atarracado de cerca de 30 anos, tomava conta como um vigilante atento para que não entrássemos subitamente na navegação clarividente. Apenas sob a condição de que eu não perdesse uma palavra sobre a clarividência, este ponto sensível de toda a família Irlmaier, é que o jovem Alois me tinha possibilitado o acesso ao seu pai.

Também no decorrer da conversa ele voltou a abordar o facto de que o seu pai era precisamente um homem que, na sua bondade ilimitada, nunca conseguia dizer não, mesmo que quase meio mundo o atormentasse ‘apenas para ver um bocadinho do futuro’. Mas isso não só lhe custava muito tempo, para o qual haveria no negócio utilizações muito melhores, como também prejudicava em medida muito considerável a sua saúde, sobretudo porque ele ‘dos nervos já estava de todo arruinado de qualquer modo’.’‘

Para terminar, Korbinian Lechner faz inteira justiça à mulher que o tratou de forma tão pouco amigável:

‘‘A uma simples e honesta dona de casa, que de manhã à noite apenas procura que a vida da casa esteja em ordem, tudo o resto está mais distante do que ser interessante. No caso de Irlmaier, a mulher tem mais do que suficiente só da singularidade do marido. E a este marido tem ela agora, para que ele não colapse definitivamente um dia sob o peso e o poder do seu dom misterioso, de proteger e guardar, como lhe compete enquanto mulher e mãe. Que ela, por assim dizer, levante os espinhos logo a direito assim que alguém pergunta por ele, é compreensível...’‘

Do tempo em que Irlmaier construiu a sua casa na Waldstraße, mais precisamente das semanas em que esta construção se aproximava da sua conclusão, ou seja, do verão e outono de 1950, relata a carta de um filho de lavradores:

Moosham, 6 de janeiro de 1986

‘‘Venho de meios simples. Os meus pais eram lavradores. Tínhamos em casa uma quinta, com mais sete irmãos, com 73 Tagwerk de terra, na qual trabalhei até à incorporação militar e também depois de 1945 até 1949. Aprendi depois como aprendiz sénior o ofício de eletricista e exerci-o até novembro de 1957. A partir daí pude então trabalhar como encarregado da água num abastecimento de água na altura ainda muito modesto e continuo a trabalhar hoje em dia como diretor técnico de exploração.

Depois de me ter apresentado, gostaria de descrever as minhas experiências com o conhecido Alois Irlmaier da forma que me for possível.

O meu primeiro encontro com Irlmaier foi logo em criança na nossa quinta; tínhamos sempre falta de água e por isso o Alois teve de vir. Ele veio logo e nós estávamos muito curiosos para ver como é que ele ia fazer aquilo. Eu na altura não sabia nada sobre as suas capacidades como vidente, mas sim sobre o dom como buscador de água. Ele procurou logo por toda a quinta com uma simples forquilha de salgueiro e encontrou a água pretendida. Ele estava também sempre disposto a brincadeiras e disse logo de

forma exagerada que a água que passa no local procurado é um artesiano (poço artesiano). Ele disse também assim de passagem ao meu pai: a tua mulher sofre do fígado, o que era verdade; ela dorme sobre um rio, como ele lhe chamava. Após a busca do mal, ele tinha ordenado a futura posição das camas e a minha mãe ficou cheia de saúde, vindo a atingir uma idade de 84 anos.

Em 1950 Irlmaier construiu uma casa de habitação em Freilassing. Eu nessa altura estava empregado como eletricista no Vordermaier, Starzmühle. E como estas coisas acontecem, recebemos a encomenda para instalar o novo edifício. Eu na altura ainda era jovem e não dava muito valor às capacidades sobrenaturais do Irlmaier. Ouvia-se uma coisa ou outra de vez em quando, mas eu não me interessava e era muito indiferente. Portanto, trabalhámos lá vários dias e observámos nisso mais do que uma coisa desagradável. Irlmaier tinha cercado o seu terreno com uma vedação alta para afastar as muitas pessoas que queriam vir ter com ele.

Também um cão de pastor não muito amigável guardava a casa. Alegadamente Irlmaier mandou fazer a vedação porque pessoas maldosas, e isto principalmente na sua vizinhança próxima, afirmavam que Irlmaier explorava as pessoas e por isso conseguia construir a casa. A sua mulher e o seu filho Alois ficavam muito zangados com tais afirmações. Vinham constantemente pessoas ao portão em frente à vedação. Era sempre a mesma coisa: o cão ladrava, depois vinha a Senhora Irlmaier ou o filho e corriam de forma bastante indelicada com as pessoas que estavam junto à vedação e queriam ir ter com o Alois por causa de um assunto qualquer.

Às vezes também acontecia que o próprio Irlmaier ia ao portão quando por acaso a mulher ou o júnior não estavam por perto. Aí mais do que um tinha sorte e podia perguntar algo ao Alois, que era sempre muito simpático e dava a informação pretendida.

Foi por volta de setembro de 1950, numa segunda-feira, cheguei ao meu mestre e ele disse: tens de ir imediatamente para Freilassing ter com o Irlmaier e terminar os trabalhos restantes no piso superior. Com esta pressa, o meu mestre esqueceu-se de me dar o salário da última semana e eu infelizmente não tinha dinheiro no bolso. Quando por volta do meio-dia pensei no almoço, é que me dei conta de que hoje não posso comprar almoço nenhum. O que fazer?, pensei cá para mim. Tenho de deixar lá qualquer coisa como penhor no restaurante para pagar mais tarde. Mas isso não foi necessário.

Pois quando desci do piso superior para baixo, tive de passar pela porta do escritório; o piso inferior já estava habitado. Sai o Alois do escritório e pergunta-me: 'Então, o que vais fazer agora?' Eu disse-lhe assim ao passar: Almoçar. Bom proveito.' Dei mais uns passos, depois disse ele: 'Espera aí um bocado!' Pensei que ele me quisesse dizer mais alguma coisa por causa do trabalho, mas quando me virei, vi o Alois a abrir a carteira e a esfregar-me 4,50 DM na mão. Eu primeiro não queria aceitar, aí disse ele: 'Toma lá, aceita lá isto para poderes comprar um almoço.' Agradeci depois de forma muito simpática e fui-me embora.''

''Eu pensei para mim: precisamente 4,50 DM, o que na altura custava um almoço com pão e uma cerveja. Como é que ele se lembrou de me pagar o almoço logo neste dia? Ele de resto também não o fazia. Saber disso ele não podia por ser humano nenhum, porque eu tinha estado a manhã inteira sozinho. Eu fiquei muito contente, porque nessa altura também não tinha nada e pensava em construir casa.

Tinha uma namorada e um filho que tinha um ano e meio. Como isto das 4,50 DM me parecia algo estranho, pensei: se ele sabia isso, tem de me dizer mais. Dito e feito. Estive a pensar durante o trabalho a tarde inteira: como é que organizo isto? A mulher e o filho dele não deviam dar por nada. Mas isso foi mais fácil do que eu pensava. Perguntei ao filho assim de passagem o

que é que ele diria a isso e ele não teve nada contra. E a mulher dele estava precisamente ocupada noutro lado... Quando arrumei a minha ferramenta, por volta das 5 horas, o Alois estava sempre perto de mim. Eu já estava um pouco agitado; como devia começar? Ele aproximou-se um pouco e disse depois: 'Então, estás pronto?' Sim, disse eu. Agora tenho de te perguntar uma coisa. 'Como foi aquilo hoje ao meio-dia?* – Como que disparado de uma pistola veio a resposta: 'Sim, sim, eu já sabia que não tinhas dinheiro contigo.' Eu disse depois: 'Sim, se sabias isso, então tens de me dizer mais. Quero construir uma casa e ainda não tenho terreno para construção. O que devo fazer?* Irlmaier: 'Dá tempo ao tempo, alguém vai oferecer-te um terreno para construção, mas ainda tens de esperar um bocado.' Eu disse depois: 'Ele há de ser tão caro que não o poderei pagar.' Irlmaier: 'Esse podes pagá-lo facilmente, aí há alguém que te ajuda.' ... A minha pergunta depois: 'Quando vou casar?* 'Na primavera*, disse ele.

Eu disse: 'Não achas que é no outono?* É que eu pensava: construir no verão de 51 e casar no outono. 'Não', disse o Alois, 'não vais terminar a casa.' 'Com que tipo de mulher vou casar então?* Irlmaier: 'Há duas, uma morena e uma loira, a loira tem um pouco mais de dinheiro, mas tu casas com a morena.' Ele elogiou depois muito a minha futura mulher. E de repente disse: 'Ainda vais ter de ser incorporado mais uma vez.'

Eu respondi depois: 'Eu, ser incorporado? Eu já nem sequer sou apto!' Irlmaier: 'Pode ser que te esgueires.' E aí abandonou-me a coragem; já não lhe perguntei mais nada. Pensei que ele me diria algo desagradável que eu não queria ouvir. Despedi-me depois e mais tarde já não tive oportunidade de falar com ele.

Quanto às previsões, só posso dizer: todas se tornaram realidade. Pude adquirir o terreno para construção a bom preço e o meu pai pagou-o. Devido ao início precoce do inverno já não

pudemos colocar os soalhos e por isso já não pudemos casar. A 15 de abril, ou seja, ‘na primavera’, como Irlmaier disse, casámos. E quanto à pergunta: qual delas? Quem conhece a minha mulher sabe que ela tem cabelos pretos. Ganhei cada vez mais respeito por Irlmaier. Se a última declaração de Irlmaier ainda não se cumpriu até agora, só posso estar contente. Mas não estou totalmente seguro, embora já tenha 59 anos, em caso de emergência também os homens mais velhos poderiam ser recrutados.

Agora tenho de terminar. Com amigáveis cumprimentos,

Alois Kraller.

Até aqui falou-se das muitas declarações clarividentes de Alois Irlmaier, que ele fez para um âmbito espacial e temporal restrito, ou seja, relativamente fácil de verificar. Mas como é com as suas previsões para o futuro? Para o mais distante em especial?‘‘

O Vidente

No ano de 1947, Irlmaier teve as primeiras visões de uma catástrofe mundial vindoura no futuro. Quanto mais claras se tornavam precisamente estas imagens de guerra, estas impressões da morte de centenas de milhares em escassos minutos, tanto mais questionável, e até mesmo repugnante, se lhe tornava a ideia de uma comunicação do que tinha visto. Deveria ele pôr povos inteiros em fuga à procura de uma região presumivelmente segura, poupada à Terceira Guerra Mundial, de uma ‘‘ilha dos bem-aventurados’‘? ‘‘Por isso Deus fechou o futuro diante dos nossos olhos!’‘ Mais convincente do que agora nunca esta justificação lhe tinha parecido. ‘‘Porquê’‘, perguntava-se ele, ‘‘é que Deus o abriu precisamente a mim?’‘ E mais ainda: ‘‘Poderá ser? Será de todo possível?’‘ Exatamente esta pergunta fez Conrad Adlmaier retoricamente na introdução do seu primeiro escrito publicado em 1950 sobre o ‘‘Vidente do Saalach’‘. Quando as imagens dos acontecimentos mundiais vindouros

começaram a atormentar insuportavelmente, Irlmaier tinha-se confiado à esposa e, por conselho desta, também ao amigo de Traunstein. ‘‘Haverá de todo tal coisa’‘, pergunta Conrad Adlmaier no início, ‘‘ou serão meros devaneios de loucos inteiros ou meios que imaginam ser profetas?’‘ ‘‘Esta visão do futuro’‘, assim responde ele próprio depois, ‘‘é um facto há muito conhecido e provado, que contudo ainda necessita de posterior investigação. Conhecemos há muito tempo o fenómeno, sabemos que ocorre, mas não conhecemos a causa. Após anos de vigilância do vidente Irlmaier pelo autor deste livrinho, foi estabelecida a seguinte teoria:

Deve haver no espírito do homem um plano no qual o conceito ‘tempo’ (passado, presente e futuro) é possível no estado intemporal da sombra como na eternidade. Passado e futuro passam para o presente. As imagens desta ‘visão’ podem ser muito nitidamente delineadas, mas podem também apresentar-se diante do olho do vidente escuras, semelhantes a sombras e indistintas, de modo que não estão excluídas falsas interpretações, especialmente quando o eidético (observador de imagens) tenta interpretar por si próprio as imagens vistas (datas, números de anos, estações do ano).’‘

Albert Paul escreve no seu livro ‘‘Der geniale Mensch’‘, publicado em Berlim em 1908:

‘‘Como uma ilusão da imaginação muito simples temos de considerar a muito mencionada ilusão dos sentidos de Goethe, a qual ele próprio nos descreve em ‘Dichtung und Wahrheit’. ‘Na cavalgada para Sesenheim’, diz o poeta, ‘vi-me a mim próprio vir ao meu encontro a cavalo pelo mesmo caminho, e com um trajo como nunca tinha usado, era cinzento-lúcio com algum ouro. Assim que me despertei deste sonho, a figura tinha desaparecido por completo. É contudo curioso que, passados oito anos, com o trajo com que tinha sonhado e que usava não por escolha, mas por acaso, me encontrei no mesmo caminho para visitar Friderike mais uma vez. De resto, seja como for com estas coisas, a

admirável imagem ilusória deu-me alguma tranquilidade naqueles momentos da despedida.’’‘

Paul prossegue:

‘‘Que não se tratava aqui de uma verdadeira ilusão dos sentidos, mas sim de uma simples imagem da imaginação, é indubitável se considerarmos a imaginação extremamente vívida de Goethe...’‘

É realmente curioso – conclui Adalbert Schönhammer no seu livro ‘‘Psi e a Terceira Guerra Mundial’‘ –, ‘‘quanto perspicácia se aplica muitas vezes para afastar da discussão factos 'que não podem ser porque não podem existir': um exemplo ainda mais claro de clarividência é de facto dificilmente concebível. Mas o homem revolta-se contra tudo o que não pode justificar logicamente. Tais relatos ele remete-os depois, sem olhar, para o reino da imaginação e dos sonhos.’‘

Simplesmente não entra na cabeça dos sábios do antigo estilo que possa haver uma força imaterial que vença a escuridão da mesma forma que o aço e o ferro, o tempo e o espaço. Preferem recorrer às hipóteses mais absurdas do que admitir que um homem com dons mediúnicos possa ler um documento até mesmo sem a utilização dos órgãos dos sentidos. No exemplo ‘‘O Assassino no Cortejo Fúnebre’‘ foi descrito como Irlmaier pediu aos polícias que mostrassem uma imagem com o assassino. Ele podia, portanto, já ‘‘ler’‘ a imagem de cuja existência na verdade ainda nada podia saber.

O homem está em geral muito orgulhoso da sua elevada inteligência, razão límpida como vidro e lógica afiada como uma navalha. Não há também dúvida de que estas qualidades são úteis e necessárias para explorar o nosso mundo. Infelizmente, porém, isto só se aplica ao mundo material. Mesmo a mais elevada inteligência humana não tem obviamente acesso ao mundo imaterial, ao superespaço. Aqui a perceção extrassensorial (PES) parece prestar serviços essencialmente mais valiosos.

Conrad Adlmaier assegura:

‘‘O que aqui está escrito foi registado estenograficamente em conversas confidenciais. O autor reproduz tudo exatamente como lhe foi dito por Alois Irlmaier, sem omitir nem acrescentar nada. É livre a cada leitor deste livrinho acreditar no que quiser. Em cada frase o autor submete-se ao julgamento da Igreja.’‘

Noutro ponto Conrad Adlmaier prossegue:

‘‘Pessoalmente, Irlmaier era o tipo de um homem do campo simples, com inteligência média e uma pitada de humor, como é próprio dos habitantes de Chiemgau, um homem de bom coração, simples e a todo o momento pronto a ajudar. O perigo de ele ter porventura inventado aquilo que previa não existia com certeza. Para isso, disse um amigo dele, ‘o Lois teria sido muito burro...’’‘

Bem, burro Irlmaier não era propriamente, mas com os dons espirituais que tinha à sua disposição dificilmente poderia ter produzido algo como as suas previsões. Das realizações paragnósticas de Irlmaier existem, por outro lado, tantas testemunhas verificáveis, na sua grande maioria já aqui comunicadas, que não se pode colocar em dúvida a capacidade especial deste homem.

A sua própria experiência no campo da telepatia e paragnose era o mais reduzida possível, para não dizer igual a zero. Ele não sabia quase nada, não possuía livros.

O padre Norbert Backmund escreve com veneração, contudo sem ilusões, sobre Irlmaier:

‘‘Os amigos dele achavam que ele era tão pouco dotado que nunca teria podido inventar as suas visões. A imaginação dele era limitada. Ele era também tudo menos esperto e astuto.’‘

Numa conversa a 21 de julho de 1975 — no estúdio 2 da Bayerischer Rundfunk —, Backmund confirmou ao autor deste livro:

‘‘Dificilmente encontrará um intelectual que seja vidente. Uma exceção faz — Backmund amplia o exemplo de Goethe — por exemplo Annette von Droste-Hülshoff, que era dotada da Segunda Visão e sofreu muito com isso. Mas em geral são pessoas muito simples, primitivas, como por exemplo Irlmaier foi. Acho que no seu próprio intelecto nunca poderia ter crescido tudo o que ele disse.’‘

Ora Backmund não só cita das brochuras de Adlmaier, como também faz aditamentos tal como os soube da boca de Adlmaier (‘‘Adlmaier não aproveitou de todo todo o material, como ele próprio me disse, ele ainda poderia ter vindo com muito mais coisas’‘), e cita Irlmaier com declarações até aí desconhecidas que este fez diante dele quando o visitou em 1953, juntamente com Adlmaier, em Hunderdorf e no mosteiro de Windberg (sendo que Backmund em Windberg só se encontrou com Adlmaier. Para ver Irlmaier teve de se dar ao trabalho de descer à estalagem em Hunderdorf).

O autor do presente livro, por sua vez, não se serve apenas das três edições de Adlmaier e dos aditamentos orais comunicados por Backmund, quer de Adlmaier quer de Irlmaier; ele aproveita além disso comunicações do tesouro de memórias dos descendentes, versões duvidosas, opiniões de contemporâneos e análises dos vindouros.

Questionado sobre os paralelismos que existem entre as previsões de Irlmaier e as de videntes anteriores, disse Norbert Backmund ao autor na mencionada conversa:

‘‘As visões de Irlmaier são, a meu ver, totalmente independentes. Ele não conhecia Mühlhiasl nem Stormberger. E quando ele veio para a nossa região, juntamente com o Senhor Adlmaier de Traunstein, apresentaram-lhe a profecia de Mühlhiasl, e aí disse ele: ‘Isso que ele vê, também eu vejo...’

Considero Adlmaier fiável, foi essa a impressão que tive dele. Ele era, naturalmente, jornalista e queria de certeza apresentar por

uma vez sensações, mas devo dizer que tive a impressão de um homem muito consciencioso...

Ele visitou-me. Nessa altura também o próprio Irlmaier estava em Hunderdorf; mas ele não subiu até aqui. Aí ele pôs as pessoas selvagens na estalagem lá em baixo em Hunderdorf. Disse ele: ‘Ali vejo um russo a espreitar por cada janela, aquilo vai andar em alvoroço!’‘‘

O construtor de poços de Freilassing disse em 1947 que após a Segunda Guerra Mundial viria a terceira. Adlmaier dá uma explicação sobre o erro principal de Irlmaier em matéria de números, partindo da datação incorreta do terceiro acontecimento de guerra:

‘‘... e nomeadamente ele pensava seguramente no ano de 1950. Quando lhe chamaram a atenção para o facto de se ter enganado, ele admitiu isso sem mais nada e confessou que tinha calculado ele próprio o número 1950 a partir de vários presságios. Ele achava que através do dogma da Assunção de Maria ao Céu em corpo e alma e pela intercessão da Santíssima Virgem a desgraça iminente tinha sido desviada.’‘

De forma esclarecedora, o padre Norbert Backmund aborda esta linha de pensamento:

‘‘O eclosão da Terceira Guerra Mundial está em Johansson (ver índice bibliográfico) tal como em Irlmaier mal fixada (para os anos 50). Era contudo possível em 1949, quando em Moscovo se votou sobre uma guerra mundial por causa da Jugoslávia e de Berlim. Ficou muito próxima a 27 de novembro de 1958, quando Khrushchev rescindiu o estatuto das quatro potências de Berlim, e a 27 de outubro de 1962 por causa de Cuba. Segundo o general checo Sejna, o chefe político supremo do exército, que fugiu em 1968, desde 1960 estivemos por quatro vezes à tangente com a guerra (artigo na ‘‘Paris Match’‘ em 1971). Por isso datas proféticas podem também remeter para possíveis eclosões de guerra que contudo são uma e outra vez adiadas.’‘

De forma igualmente reservada expressa-se Conrad Adlmaier na sua primeira edição: ‘‘Não está dito que as visões do vidente de Freilassing se concretizem todas. O futuro está na mão de Deus. Mas sempre existiram, especialmente no tempo antes de grandes acontecimentos, presságios e previsões. Se foram um aviso, então cumpriram o seu propósito... Deus proteja a pátria! Traunstein, Sebastiani 1950’‘

Mais claramente coincide a sua opinião com a de Backmund na terceira edição:

‘‘Como razão pela qual uma catástrofe ou punição indicada ou vista não ocorre, pode ser determinante no plano espiritual qualquer alteração, uma intercessão, um dogma, por exemplo a melhoria da disposição dos que iam ser punidos (Jonas e os ninivitas: ‘Fizeram penitência e converteram-se!’) O dom da clarividência não está ligado à ‘santidade’ do vidente, é antes uma gratia gratis data (uma graça concedida sem condição especial). Se apesar disso sempre existiram videntes e profetas, isto deve ser um aviso para os de boa-fé de que estão iminentes acontecimentos especiais. Enganar-se pode, claro está, qualquer homem, e os horrores podem ser desviados pela oração e pela intercessão dos santos.’‘

Quando em 1959, no seu ano de morte, perguntaram a Irlmaier se ele ainda mantinha a sua previsão de 1947, respondeu ele:

‘‘Não mudou absolutamente nada nisso. Apenas porque se aproximou mais, vejo-o muito mais claramente.’‘

Segue-se uma reprodução completa da visão de futuro de Irlmaier, na qual ele resume introdutoriamente acontecimentos que ocorrem a curto prazo antes do ataque do Pacto de Varsóvia ou do império soviético (que com os seus meios militares enceta, de certo modo, a fuga para a frente) sobre a Europa Ocidental:

‘‘Dois homens assassinam um terceiro, ‘alguém de alta posição’. Eles foram pagos por outras pessoas.’‘

Esta formulação é questionável, pois noutro ponto fala-se de um ‘‘terceiro de alta posição’‘: Teria de se tratar, portanto, de um total de três homicídios de pessoas de alta posição, como políticos ou chefes de Estado. Há a forte suspeita de que os três homicídios estejam relacionados entre si causalmente, temporalmente ou sob qualquer outra qualidade. Os três homicídios são presságios de guerra. Pelo menos o terceiro e último ocorre a curto prazo antes da eclosão da guerra.

É possível que fotografias, imagens ou descrições da pessoa dos dois assassinos sejam difundidas pela televisão:

‘‘Um dos assassinos é um homem pequeno e escuro, o outro um pouco maior, com cor de cabelo clara. Penso que será nos Balcãs, mas não posso dizer exatamente.’‘

Norbert Backmund — a quem, segundo declarações próprias, Adlmaier fez por ocasião da sua visita ao mosteiro de Windberg (1953) muitas comunicações orais sobre declarações não publicadas de Irlmaier —, Backmund dá a nota de rodapé:

‘‘Alois vê três homicídios desses antes da terceira guerra. Adlmaier — ou terá sido o próprio Irlmaier? — designou os dois primeiros como já ocorridos: Gandhi e o Conde Bernadotte. Nessa altura Kennedy ainda vivia. Acredito muito mais que se trate deste. O terceiro homicídio ocorre alegadamente no sudeste.’‘ Backmund acrescenta: ‘‘Disso já os árabes se encarregarão!’‘

O autor pensou nos nomes Feisal e Haile Selassie.

‘‘ O janeiro é uma vez tão quente que as moscas dançam (nessa altura algo inimaginável, hoje um fenómeno já não raro). Pode ser que entremos já num tempo em que entre nós já não haja de todo um inverno a sério.’‘

(Publicado por Adlmaier em 1950.)

Irlmaier prossegue:

‘‘ À guerra precede um ano fértil com muita fruta e cereais. Após o assassinato do terceiro a coisa começa de um dia para o outro. Os assassinos escapam-lhes, mas depois há tempestade. Vejo muito claramente três números, dois oitos e um nove. O que isso significa não sei, um tempo não posso dizer.

A começar começa do nascer do sol. Vem rapidamente por ali fora. Os lavradores estão sentados a jogar às cartas na estalagem, e aí os soldados estranhos espreitam pelas janelas e portas. Muito preta vem uma coluna de exército de leste, mas vai tudo muito rápido. Vejo um três, mas não sei se são três dias ou três semanas. A partir da Cidade Dourada (Praga; nota do autor) a coisa parte. O primeiro verme vai da água azul (Danúbio) para noroeste até à fronteira suíça. Até Ratisbona já não há nenhuma ponte sobre o Danúbio, ao sul da água azul eles não chegam.’‘

Para esclarecimento: ‘‘A coisa começa de um dia para o outro.’‘ Isto significa menos a indicação de uma hora do dia do que um presságio de guerra a extremamente curto prazo, um ataque totalmente surpreendente. Para comparação: o abade Curique disse em 1872: ‘‘À noite ainda clamarão paz, paz, mas no dia seguinte estarão à nossa porta.’‘

Nisso coincidem a maioria das profecias, em que a guerra vem quando se pensa ter escapado com sorte ao perigo de guerra. Knopp von Ehrenberg disse: ‘‘Haverá guerra quando ninguém o julgar.’‘ Não vê a coisa de outra forma o vidente Matthias Lang de Hunderdorf, vulgo do Moínho: ‘‘De um dia para o outro a coisa começa, ninguém quer acreditar.’‘

Norbert Backmund acrescenta, segundo as declarações de Irlmaier que lhe foram comunicadas oralmente:

‘‘Pelo Danúbio o inimigo não passa, mas vira para noroeste; no vale do Naab, no Alto Palatinado, Irlmaier vê o seu quartel-

general. A cidade de Landau no Isar sofre gravemente por causa de uma bomba perdida.‘‘

Quando Irlmaier esteve em 1953 numa aldeia da Floresta BavarPhysical (Hunderdorf), perto da referida estrada de acesso, disse ao seu acompanhante: ‘‘Ora bem, vamos embora já daqui, isto vai ficar feio, vejo um russo a espreitar por cada janela.’‘

Irlmaier: ‘‘O segundo golpe vem pela Saxónia para oeste em direção à região do Ruhr’‘ – (se aqui são referidas tropas alemãs? Johansson disse de facto: ‘‘Alemães lutam contra alemães’‘) ‘‘exatamente como o terceiro exército, que vai do nordeste para oeste através de Berlim.’‘ Irlmaier desenhou três setas numa folha de papel.

Backmund acrescenta, segundo a comunicação oral de Adlmaier:

‘‘Dia e noite os russos correm, imparáveis, o seu objetivo é a região do Ruhr.’‘

Outros extratos de indicações de Irlmaier, segundo as três edições de ‘‘Blick in die Zukunft’‘ de Conrad Adlmaier, correspondentes a Erich Retlaw assim como a Arthur Hübscher (ver índice bibliográfico), dizem:

‘‘... Vejo três cunhas de ataque a afluir: o exército inferior (sul) vem pela Floresta (Baviera), mas depois estende-se para noroeste subindo o Danúbio. A linha é aproximadamente Praga, Floresta Bavaricâ e noroeste. A água azul (Danúbio) é a fronteira sul. A segunda cunha de ataque vai de leste para oeste através da Saxónia, a terceira de nordeste para sudoeste.

Agora vejo a Terra como uma esfera à minha frente, na qual se destacam as linhas dos aviões, que agora voam da areia como bandos de pombas brancas. O russo corre nas suas três cunhas por ali fora, não se detêm em lado nenhum. Dia e noite correm até à região do Ruhr, onde estão os muitos fornos (altos-fornos) e chaminés...’‘

Pelo facto de Irlmaier ter repetido as suas declarações em intervalos de tempo, surgiram diferentes versões. A escolha das palavras varia, mas refere-se sempre ao mesmo processo, à mesma sequência:

‘‘Vejo a Terra como uma esfera à minha frente, na qual agora aproximam-se a voar as pombas brancas, um número muito grande a subir da areia.’‘ (Backmund segundo Adlmaier: ‘‘Vindas do sul.’‘) ‘‘E depois chove um pó amarelo numa linha. A Cidade Dourada é destruída, aí começa. Como um traço amarelo vai subindo até à cidade na baía. Será uma noite límpida quando começarem a projetar.

Os tanques ainda andam, mas os que estão lá dentro já estão mortos’‘ (‘‘ficaram completamente pretos’‘). ‘‘Onde aquilo cai, nada mais vive, nenhuma árvore, nenhum arbusto, nenhum gado, nenhuma erva, aquilo murcha e fica preto. As casas ainda ficam de pé. O que é aquilo, não sei e não posso dizer. É um traço longo. Quem passar por cima, morre.

Os que estão deste lado não podem passar para o outro e os que estão do outro lado não podem passar para este. Depois, nas colunas do exército deste lado, tudo colapsa. Têm de ir todos para norte. O que trazem consigo, atiram tudo fora. De volta já ninguém regressa.’‘

Segundo a versão de Arthur Hübscher, Irlmaier disse além disso: ‘‘Vai muito depressa. Do Danúbio até à costa reina o horror. Dois comboios de refugiados ainda conseguem atravessar o rio. O terceiro está perdido e é cercado pelo inimigo...’‘ Que a visão seja mítica não tem de prejudicar a sua fiabilidade: três pessoas de alta posição, três cunhas, três comboios de refugiados...

Após curto tempo ocorre agora o já mencionado contra-ataque do Ocidente. Irlmaier vê primeiramente uma ofensiva de aviões vinda do sul:

‘‘... depois vêm as pombas brancas, e chove de repente tudo amarelo do céu para baixo... É um traço longo... Da Cidade Dourada vai subindo até à grande água (Mar Báltico) numa baía. Nesse traço está tudo destruído. Onde aquilo começa (= onde o traço começa), uma cidade é um monte de pedras. O nome não posso dizer...’‘ (Mas não o terá dito afinal, quando falou da ‘‘Cidade Dourada’‘?)

Pergunta-se também se Irlmaier, com a sua ‘‘baía’‘, tinha em mente a Baía da Pomerânia ou a Baía de Lübeck. Tome-se um atlas como ajuda para visualizar a linha Praga – Baía; ela é militarmente muito significativa.

Reinhold Ortner interpreta em 1982, provavelmente por engano:

‘‘Obviamente estes aviões combatem os tanques com a ajuda do emprego de armas de neutrões. Irlmaier não podia ter o mínimo conhecimento desta arma desenvolvida apenas em tempo recente. Contudo, ele descreve o seu efeito de forma assustadoramente exata: ‘Será uma noite límpida quando começarem a projetar. Os tanques ainda andam, mas os que estão lá dentro já estão mortos... As casas ainda ficam de pé.’’‘

Trata-se contudo, a julgar pelas consequências, provavelmente não de um efeito de bomba de neutrões, mas sim do efeito do pó amarelo, ou seja, do efeito de guerra química.

A suposição de Ortner não é, contudo, totalmente errada. Em 1981 foi publicada nos EUA uma entrevista com o inventor da arma de neutrões. Sem que lhe fosse perguntado, ele revelou ao repórter que estava a trabalhar numa nova arma, numa combinação de raios laser e substâncias químicas que são transportadas no raio laser. Ela deveria ser empregue onde um possível ataque fosse de esperar, por exemplo nas zonas de fronteira da Alemanha.

É explicável que o Presidente Reagan se tenha interessado pelo texto de Irlmaier: a embaixadora americana Helene von Damm entregou-lhe em 1983, em Viena, uma tradução em inglês.

Noutra versão, Irlmaier diz:

‘‘Os aviões lançam entre o Mar Negro e o Mar do Norte (não o Mar Báltico?) um pó amarelo. Com isso é criada uma faixa da morte, reta como uma seta do Mar Negro até ao Mar do Norte, tão larga como metade da Baviera. Nesta zona nenhum pé de erva pode voltar a crescer, quanto mais um ser humano viver. O reabastecimento russo é interrompido.’‘

Temos com isto as primeiras impressões do ataque do Pacto de Varsóvia (ou de um império em desagregação que toma a fuga para a frente), que deve ser surpreendente sobretudo para a população civil. Também a dimensão e as terríveis consequências da guerra química moderna se tornaram reconhecíveis.

Depois, nos atacantes que se introduziram para oeste, tudo colapsa, porque o longo traço intransponível (a linha amarela) interrompe eficazmente o reabastecimento vindo de leste. No momento do traçado da linha, contudo, já substanciais forças do leste fluíram para o oeste.

Segundo Irlmaier, um sinal celestial impressionante, provavelmente não antes, mas durante a guerra, será visível para grandes partes da Baviera ou da Europa.

Neste acontecer, disse Irlmaier, ele vê uma grande cruz no céu, e haverá um terramoto com relâmpagos e trovões que fará tudo tremer de susto. E ele ouve as pessoas exclamar aterrorizadas: ‘‘Existe um Deus!’‘

Backmund comunica que Adlmaier lhe reproduziu textualmente esta afirmação de Irlmaier:

‘‘Durante ou no fim da guerra vejo no céu um sinal: o Crucificado com as chagas. E todos o verão. Já o vi três vezes, vem com toda a certeza.’‘

Adlmaier conta que nesta previsão de Irlmaier se lembrou do Milagre do Sol em Fátima de 13 de outubro de 1917 e da aurora boreal vermelho-sangue que cobriu metade do céu na noite de 20 para 21 de janeiro de 1938.

Outra vez Irlmaier disse:

‘‘Sobre o quartel-general atiram algo para baixo; vejo uma igreja num monte; o altar olha para norte; vejo a igreja a arder. As pessoas da cidade vão para o campo ter com os lavradores e tiram o gado do estábulo.’‘

À pergunta sobre que estação do ano seria, Irlmaier disse:

‘‘Isso só posso ler nos sinais. Nos cumes das montanhas há neve. Está nublado e chuvoso e neve misturada. Cá em baixo está sem neve. (Aper, segundo o Dicionário Bavarês de Schmeller: de aperire, aberto, descoberto; quanto ao solo: quando a neve se vai ou se foi; nota do autor.) Amarelo parece isto. A guerra na Coreia já terminou há muito. (Esta declaração data de dezembro de 1952.) Durante a guerra vem a grande escuridão, que dura 72 horas.’‘

Em comparação com isto, Josef Stockert (‘‘Der mahnende Finger Gottes’‘):

‘‘A grande catástrofe começará naturalmente e terminará sobrenaturalmente.’‘

Na última conversa com Irlmaier, que teve lugar na primavera de 1959, o vidente falou em pormenor sobre este fenómeno:

‘‘Vai ficar escuro num dia durante a guerra. Depois surge uma granizada com relâmpagos e trovões, e um terramoto sacode a Terra. Nessa altura não saias de casa! As luzes não acendem, exceto a luz de velas, a corrente (elétrica) cessa. Quem inalar o pó apanha uma cãibra e morre. Não abras as janelas, tapa-as com papel preto. Todas as águas abertas ficam venenosas e todas as comidas abertas que não estejam em latas fechadas. Também não

comidas em frascos de vidro, esses não aguentam. Lá fora (fora das casas) anda a morte pelo pó, morrem muitíssimas pessoas. Após 72 horas tudo passou de novo. Mas mais uma vez o digo: não saias, não olhes pela janela, deixa a vela benta ou o rolo de cera a arder. E rezai. De uma noite para a outra morrem mais pessoas do que nas duas guerras mundiais.‘‘

Quando Irlmaier fala do pó, temos de distinguir primeiramente dois tipos diferentes de pó: o pó descrito por último aqui, que traz a morte certa por cãibra respiratória, é presumivelmente de origem cósmica e um fenómeno acompanhante da escuridão de 72 horas. (No ‘‘Lied von der Linde‘‘ diz-se: ‘‘Vem o inverno, três dias de escuridão, relâmpago e trovão e a fenda da Terra.‘‘) O pó cósmico não deve ser confundido com o pó amarelo igualmente mortal ‘‘numa linha‘‘, que segundo a previsão de Irlmaier é lançado pelas ‘‘pombas brancas‘‘ (aviões) como medida de guerra química.

É tentador comparar as palavras de Irlmaier com uma profecia de Anna Maria Taigi. Também Franziska Maria Beliante escreveu: ‘‘Toda a Europa será envolta numa névoa amarela... O gado nas pastagens morrerá desta névoa.‘‘

À pergunta: o que devem as pessoas fazer para ultrapassar a grande escuridão e o pó cósmico, Irlmaier respondeu:

‘‘Comprai umas latas de folha de flandres soldadas com arroz e leguminosas. Pão e farinha mantêm-se, o húmido estraga-se, como carne, exceto em latas de conserva de folha de flandres. Água da torneira é potável, mas não leite. Muita fome as pessoas não terão assim, durante a catástrofe e a escuridão. Não abras nenhuma janela durante as 72 horas. Os rios terão tão pouca água que se pode passar facilmente a pé. O gado cai redondo, a erva fica amarela e seca, as pessoas mortas ficam completamente amarelas e pretas. O vento arrasta as nuvens da morte para leste.‘‘

A indicação: ‘‘Água da torneira é potável‘‘ poder-se-ia restringir: desde que da torneira ainda corra de todo água. Um

recipiente totalmente metálico esterilizado, previamente cheio com água fervida ou conservada, é a preparação mínima. Também outras preparações para proteção contra a escuridão e para o pós-guerra se poderiam fazer. Importantes são medidas bem pensadas contra o pó, pois há pela guerra e consequências da guerra não apenas os dois tipos de pó descritos por Irlmaier, mas sim três: pó químico, pó cósmico da escuridão e pó de radiação radioativa.

Especialmente notável é uma concordância entre as cartas de correio militar do soldado bavarês Andreas Rill, publicadas pela primeira vez em 1953 nas folhas de missões de Sankt Ottilien (acessíveis a um círculo de pessoas relativamente limitado), e as previsões de Alois Irlmaier iniciadas já em 1946/47. Em Irlmaier diz-se: ‘‘Os rios terão tão pouca água que se pode passar facilmente a pé’‘, em Rill: ‘‘Os rios são todos tão rasos que já não é precisa ponte para passar para o outro lado.’‘ Se Irlmaier com isto (esta reflexão fez o autor num livro anterior) poderia ter querido dizer a secagem das zonas húmidas naturais decretada pelas autoridades e o constante descimento do nível da água subterrânea?

À pergunta de quanto tempo duraria esta guerra, Irlmaier respondeu:

‘‘Vejo claramente um três, mas se são três dias, três semanas ou três meses, não sei. No Reno vejo uma meia-lua que quer devorar tudo. Os cornos da foice querem fechar-se. O que isso significa, não sei.’‘

Neste ponto seja mencionada a profecia dos papas do Bispo Malaquias, nascido em 1094. ‘‘De Pedro até ao fim do mundo’‘, ele atribuiu símbolos a cento e doze papas. ‘‘Flos florum’‘ (flor das flores) é segundo Malaquias a palavra-chave para o Papa Paulo VI. ‘‘De medietate lunae’‘ (da metade da lua) significaria segundo esta simbólica o papa seguinte. (Pode também significar com isto o meio de um mês.) Seja também assinalado que o nome seguinte na sequência soa ‘‘De labore solis’‘ (do eclipse solar).

Norbert Backmund manifesta no seu livro ‘‘Hellseher schauen die Zukunft’‘ dúvidas perante algumas declarações de Irlmaier. Se são justificadas, permanece em aberto:

‘‘Entre as profecias de Irlmaier há algo que desafia a nossa oposição. A cruz visível a todos no céu, a escuridão de três dias, a circunstância de que pão e água são os únicos alimentos que não ficam contaminados atomicamente, que os russos nos invadam tão velozmente que a nossa Bundeswehr aparentemente não desconfie de nada e não oponha resistência, que a poderosa Rússia seja tão rápida e tão cabalmente derrotada, que depois venha um tempo bonito, que entre nós cresçam figos e limões, que as pessoas depois se tornem todas devotas e virtuosas e a fé volte a ser honrada – não posso acreditar bem em tudo isso. Alois, não te enganaste aí? Não voltaste a falhar o alvo? Bem, logo veremos.’‘

No contexto da pergunta de Backmund, sobre se seria possível aos russos ‘‘invadir-nos tão velozmente’‘, merece menção que sob Gorbachev – segundo o general de brigada reformado Paul Scherer – foram produzidos mais tanques do que a OTAN possui no seu conjunto. (A chocantemente elevada quantidade de vítimas soviéticas da guerra de Hitler não pode, contudo, ser deixada de fora como causa fundamental de tal rearmamento sem precedentes.)

Backmund já não precisa de ‘‘ver’‘ cá em baixo; morreu a 1 de fevereiro de 1987. Contudo, o autor recebeu a 19 de novembro de 1989 a carta de um alto oficial da Bundeswehr, que afasta em parte as dúvidas de Backmund. A carta está presente, o seu autor tem de permanecer não nomeado por razões compreensíveis:

‘‘Ser oficial nos dias de hoje é uma matéria amarga. Quando aos dezanove anos me tornei soldado, ainda tinha desta profissão ideias bastante idealistas. Entrementes, a tecnologia de armas fez no seu desvario tais ‘progressos’ na extinção de vidas humanas

que causa horror. Já não está homem contra homem, mas sim às máquinas é deixado o campo.

A decisão de matar é transmitida a microchips inteligentes que agem automaticamente e sem mais intervenção extinguem a Criação de Deus: a começar em minas de dispersão inteligentes, passando por pequenos aviões sem piloto, até bombas de satélite. E eu estou presente e sou culpado. Por outro lado, o Urso Vermelho continua a ameaçar a nossa pátria como antes. Lança laços cor-de-rosa e comeu giz. A supremacia convencional do Pacto de Varsóvia é imensa. (Ponto da situação em 1990)

União Soviética: 217 divisões

RDA: 6 divisões

Polónia: 15 divisões

Hungria: 5 divisões

Checoslováquia: 10 divisões

Bulgária: 5 divisões

258 divisões apenas de tropas de combate contra

Bundeswehr: 11 1/2 divisões

EUA: 9 divisões, mas dessas apenas partes na Europa.

Não são mais!! Isso quase ninguém sabe. A isto uns quantos britânicos, belgas, dinamarqueses, holandeses. Eventualmente os franceses, que não estão na OTAN, com quinze divisões. Um ataque surpreendente no verão apanha a República Federal quando 50% dos soldados estão de férias. No fim de semana está tudo em casa de qualquer modo! Na caserna estão apenas onze soldados de guarda, uns quantos postos telefónicos e dois socorristas. No fim de semana e de noite, os vermelhos estão mais depressa nas casernas da fronteira do que a massa das tripulações dos tanques.

Mas os nossos políticos de um dia partem de uma crise que nos deixa abundante tempo de preparação. Vai acontecer exatamente como os videntes descreveram. Também o traço amarelo está certo. Os EUA vão separar com isso o 1.º e o 2.º escalão estratégico. No Pentágono trabalha-se na solução deste problema há dez anos; assim não temos o inimigo inteiro de uma vez ao pescoço.‘‘

No leste muito se pôs em movimento, mas isso aumenta antes o perigo do que o diminui. E o destino do mundo?

Irlmaier disse:

‘‘Na terra da bota (Itália) estala uma revolução, acredito que seja uma guerra religiosa, porque matam todos os clérigos. Vejo padres de cabelos brancos mortos no chão. Atrás do Papa está uma faca ensanguentada, mas acho que ele lhes escapa em traje de peregrino. Ele foge para sudoeste ou para além da grande água, exatamente não posso ver.‘‘

Na versão de Backmund diz-se noutro ponto:

‘‘Vejo uma massa vermelha, e rostos amarelos vejo no meio disso, e em direção ao sul. Mas o Papa escapa-lhes e foge disfarçado para além da água. Após curto tempo regressa contudo de novo, quando a tranquilidade estiver reestabelecida. Depois celebrará a coroação. Temos de rezar muito para que os horrores sejam encurtados. A cidade com a torre de ferro torna-se vítima das próprias pessoas. Incendeiam tudo.

Há revolução e a coisa anda feia. As ilhas junto à costa (presumivelmente ilhas do Mar do Norte) afundam-se porque a água está completamente descontrolada. Vejo grandes buracos no mar, que voltam a fechar-se quando as ondas gigantescas regressam. A bela cidade junto à água azul (Veneza? Não será antes Marselha?) afunda-se quase inteiramente no mar e na sujidade e areia que o mar projeta para fora. Três cidades vejo

afundarem-se em direção ao sul, em direção a noroeste e em direção a oeste.‘‘

Adlmaier comunicou a Backmund a seguinte afirmação de Irlmaier:

‘‘Uma parte da Inglaterra desaparece quando a coisa cai no mar, aquilo que o aviador atira lá para dentro. Depois a água levanta-se como um pedaço sólido e volta a cair. O que é aquilo, não sei.’‘

Irlmaier também viu que homens amarelos invadem o Canadá e os EUA através do Alasca, mas são repelidos. (Para o eventual papel da China na Terceira Guerra Mundial remete-se no anexo deste capítulo.) Ele viu que uma grande cidade é destruída por projéteis de foguete. À pergunta sobre se com isso se queria dizer Nova Iorque, ele não pôde responder.

Mais disse Irlmaier:

‘‘Na Rússia estala uma revolução e uma guerra civil. Os cadáveres são tantos que já não se conseguem retirar das ruas. A cruz volta a ser honrada. O povo russo volta a acreditar em Cristo. Os grandes entre os líderes do partido suicidam-se e no sangue é lavada a longa culpa. Vejo uma massa vermelha, misturada com rostos amarelos, é uma revolta geral e um assassínio horrendo. Depois cantam o cântico de Páscoa e queimam velas diante de imagens negras de Maria. Pela oração da cristandade morre o monstro do inferno; também a gente jovem volta a acreditar na intercessão da Mãe de Deus.’‘

(Quanto desta profecia, em 1947 e também de 1950 a 1959 ainda totalmente inacreditável, já se cumpre em 1990 ou em 2005, fique ao critério do leitor.)

A perguntas repetidas, Irlmaier reafirmou: ‘‘O terceiro homicídio aconteceu.’‘ (Será então errónea a versão por vezes defendida de que dois assassinam um terceiro? Haverá realmente, como é de presumir por esta versão, três tipos de homicídio?)

‘‘Depois há guerra. Por uma catófia natural ou algo semelhante, os russos retiram-se subitamente para norte.’‘ Noutro ponto: ‘‘Os russos têm de ir para norte porque a natureza intervém.’‘

‘‘Em redor de Colónia deflagra a última batalha. Após a vitória, um imperador é coroado pelo Papa em fuga. Quanto tempo tudo isto dura, não sei. Vejo três nueves. O terceiro nueve traz a paz.

Quando tudo passar, aí uma parte dos habitantes já era, e as pessoas voltam a ser tementes a Deus. As leis que trazem a morte às crianças ficam inválidas após a limpeza.’‘ (Destaque do autor.)

Sabiamente: Isto previu Irlmaier em 1947.

‘‘Haverá paz então. Um bom tempo. Três coroas vejo reluzir, e um velho e magro ancião será o nosso rei. Também a antiquíssima coroa no sul volta a ser honrada.’‘

Adlmaier coloca entre parênteses a seguir a pergunta: ‘‘Hungria?’‘ O autor gostaria de perguntar: Baviera? Ou a Baviera é referida de qualquer modo e a palavra ‘‘também’‘ aponta para outro país? (Arthur Hübscher — famoso investigador de Schopenhauer, nos anos vinte redator de folhetins do ‘‘Münchener Neuesten Nachrichten’‘ — formula o texto de Irlmaier tal como resulta de uma comparação das diferentes tradições: Vejo que ainda três reis são coroados: o húngaro, o austríaco e o bavarês).

‘‘O Papa, que não teve de fugir por muito tempo para além da água, regressa. Flores florescem nos prados quando ele regressa e chora pelos seus irmãos assassinados.’‘

Adalbert Schönhammer (ver índice bibliográfico) comunicou em 1978:

‘‘Após a publicação de um autor, um padre católico que prefere manter-se anónimo, Irlmaier viu o eclosão da guerra assim: ‘Tudo clama paz, Shalom! Aí é que vai acontecer. — Uma nova guerra no Médio Oriente deflagra subitamente, grandes

formações da frota enfrentam-se ostensivamente no Mediterrâneo — a situação é tensa. Mas a verdadeira faísca que acende o pavio é atirada para o barril de pólvora nos Balcãs:

Vejo um ‘Grande’ cair; uma adaga ensanguentada jaz ao lado. (O Irlmaier, que gosta de abrandar as coisas, designa aqui possivelmente um dos realmente muito Grandes.) — Depois vai tudo num piscar de olhos. Formações de tropas massificadas marcham em Belgrado vindas do leste e avançam para a Itália. Logo a seguir, três cunhas blindadas avançam como um relâmpago a norte do Danúbio através da Alemanha Ocidental em direção ao Reno — sem aviso prévio.

Isto vai acontecer tão inesperadamente que a população foge em pânico selvagem para oeste. Muitos carros vão entupir as estradas — se ao menos tivessem ficado em casa ou desviado para caminhos rurais! O que nas autoestradas e vias rápidas for um obstáculo para as pontas dos tanques em rápido avanço é esmagado. (Uma fuga tardia é uma fuga em pânico e termina em muitos casos num fracasso.) Já não vejo nenhuma ponte sobre o Danúbio acima de Ratisbona.

Da grande Frankfurt quase nada resta. O vale do Reno será devastado, mais a partir do ar. — Instantaneamente vem a vingança sobre a grande água. Ao mesmo tempo o dragão amarelo invade o Alasca e o Canadá. Contudo não vai longe.’’‘

Um leitor da Vestfália, cujo nome e morada são conhecidos, escreveu ao autor a 26 de novembro de 1977. Ele referia-se ao vidente de Freilassing, sobre o qual desejava indicações mais pormenorizadas:

‘‘De Irlmaier o senhor sabe com toda a certeza ainda coisas que não podem ser publicadas, o que compreendo perfeitamente. O senhor falou com certeza com muitas pessoas que o conheciam e ouviram dele mais declarações.’‘

Eu respondi a esta carta o seguinte (sendo que uma ou outra repetição é apenas aparentemente uma repetição):

‘‘Uma outra profecia de Irlmaier até agora não publicada diz que no decorrer da próxima guerra toda a zona a leste de Linz (a norte do Danúbio) se tornará num único deserto. Só depois vem — sempre segundo Irlmaier — a conversão da Rússia, paz e um tempo piedoso.’‘

Uma das passagens mais impressionantes diz: ‘‘Bandos de pombas sobem da areia (África). Duas matilhas atingem a zona de combate de oeste para sudoeste... As esquadrilhas viram para norte e cortam a terceira coluna do exército. De leste fervilha na terra com lagartas. Mas nas lagartas já estão todos mortos, embora os veículos continuem a rolar para depois pararem gradualmente por si próprios. Também aqui (como antes sobre o quartel-general) os aviadores atiram as suas pequenas caixas pretas. Elas explodem antes de tocar no solo e espalham um fumo ou pó amarelo ou verde. O que fica por baixo já era, seja homem, animal ou planta. Durante um ano nenhum ser vivo pode voltar a pisar esta zona sem se expor ao maior perigo de vida. No Reno o ataque é definitivamente repelido. Das três colunas do exército nenhum soldado voltará a casa.’‘

Numa outra previsão de Irlmaier diz-se:

‘‘Um único avião que vem de leste atira um objeto para a grande água. Aí a água levanta-se como uma única peça da altura de uma torre e volta a cair. Tudo fica inundado. Há um terramoto. A parte sul de Inglaterra desliza para a água. Três grandes cidades vão afundar-se: uma vai sucumbir na água (Londres?), a segunda fica com a água pela altura da torre da igreja no mar (Marselha?), e a terceira desmorona-se.’‘

Noutra versão esta passagem diz:

‘‘Os países junto ao mar (Holanda, Bélgica, costa alemã, Dinamarca?) estão gravemente ameaçados pela água, o mar está

muito agitado, as ondas vão da altura de casas; espuma como se estivesse a ferver subterraneamente. Ilhas desaparecem e o clima muda. Uma parte da orgulhosa ilha (Inglaterra?) afunda-se quando a coisa cai no mar, aquilo que o aviador atira lá para dentro. Depois a água levanta-se como um pedaço sólido e volta a cair. O que é aquilo, não sei. Quando vem, não sei.''

Para explicação: A bomba nuclear que explode no Mar do Norte desencadeia um terramoto. Este terramoto está possivelmente em ligação com uma erupção vulcânica subterrânea (''... espuma como se estivesse a ferver subterraneamente...''). A combinação erupção vulcânica-terramoto não é invulgar, pois a erupção de um vulcão é acompanhada frequentemente por um terramoto simultâneo. Curiosamente, o já mencionado vidente escandinavo Johansson fala de processos semelhantes: ''... um gigantesco terramoto que estava em ligação com uma erupção vulcânica no Mar do Norte.''

Numa outra conversa com Conrad Adlmaier, Irlmaier alterou um pouco as suas palavras:

''Começa de um dia para o outro. Vai em três grandes linhas para oeste. A coluna inferior do exército vem pela Floresta, mas depois estende-se para noroeste do Danúbio para rumar na mesma direção das outras duas colunas do exército em direção ao Reno. Vai muito depressa.'' O quartel-general Irlmaier descreveu-o ao pormenor, disse inclusive o nome e desenhou o ponto aproximado. Ele disse: ''Ali há uma igreja na qual o altar não olha para leste, mas sim para norte.''

''Depois sobem tantas pombas (aviadores) da areia (África?) que não as posso contar. Elas voam por cima de nós, mas não precisas de ter medo, junto de nós não atiram nada para baixo. Mas lá onde é o quartel-general atiram a caixinha preta para baixo, e aí fica tudo destruído.''

Irlmaier fala do vale do Naab e de uma igreja cujo altar aponta para norte. Há vários locais desses. Consta que Irlmaier

apontou com o dedo num mapa para o local em questão. Não foi possível apurar qual a localidade que ele queria dizer. (Mas mesmo no caso do seu conhecimento, o nome não seria comunicável.)

‘‘Depois voam para norte. No meio fica uma mancha onde já nada vive, nem homem, nem gado, nem erva. Voam até lá acima, onde a terceira massa do exército entrou, e cortam tudo. Depois são todos mortos, para casa já não volta nenhum das três colunas do exército.’‘ A resposta do adversário desesperado não se faz esperar; Irlmaier falou disso uma e outra vez:

‘‘Aí vejo contudo um a vir a voar de leste, ele atira algo para a grande água, e aí acontece algo de curioso. A água levanta-se como uma única peça da altura de uma torre e volta a cair, depois fica tudo inundado. Há um terramoto e a grande ilha vai afundar-se até metade (Inglaterra).

A coisa toda não vai durar muito, vejo três traços — três dias, três semanas, três meses, não sei exatamente, mas muito tempo não dura!’‘

Quando Conrad Adlmaier interrompeu: ‘‘Ai de mim, Irlmaier, aí estamos mal se os casacos vermelhos vêm, eles cortam-nos a todos a garganta’‘, ele disse para tranquilizar: ‘‘Aí não precisas de ter medo nenhum, a ti não te acontece nada, de todo a nós aqui dentro, do Watzmann até ao Wendelstein, nada nos acontece porque a Mãe de Deus de Altötting nos protege, para aqui não vem nenhum, isso é verdade, podes acreditar no que te digo, isso sei-o com toda a certeza. Mas noutros lados a coisa está feia, isso nem te quero contar.’‘

Irlmaier descreveu também agitações sociais num país ‘‘para além da água’‘, combates graves no Oeste que levam a um incêndio na capital.

No decorrer de uma conversa, Irlmaier descreveu as ‘‘caixinhas pretas’‘ e indicou o tamanho como sendo de cerca de 25 x 25 cm.

‘‘Isso são pedaços do diabo’‘, disse ele. ‘‘Quando explodem, surge um pó ou fumo amarelo e verde, o que fica por baixo já era, seja homem, animal ou planta. As pessoas ficam completamente pretas e a carne cai-lhes dos ossos, de tão forte que é o veneno.’‘

Também a descrição: ‘‘Há fogo por todo o lado no chão’‘ é transmitida por Irlmaier. Se são realmente chamas, ele não sabia dizer com clareza. Ele via fogo, mas achava que isso era contudo outra coisa: — um meio devastador que não deixa viver nenhum ser humano, nenhum animal, nem mesmo nenhuma planta onde este ‘‘fogo’‘ caiu ou se abriu.

‘‘De K. (Klagenfurt, Caríntia?) as línguas de fogo voam imensamente longe para noroeste, para oeste e para sul. Vejo-as como caudas de cometas. Mas nós não temos nada a temer. Apenas uma vez uma língua fica demasiado curta, e depois arde uma pequena cidade, mas essa fica a norte do Saurüssel.’‘

A indicação ‘‘demasiado curta’‘ deixa concluir que as ‘‘línguas de fogo’‘ lamberiam do sul. (Certa vez Irlmaier achou contudo que via estas línguas de fogo, que vinham a correr como caudas de cometas, virem de leste — Kiev?) Foi Arthur Hübscher segundo cuja tradição Irlmaier disse: Apenas uma vez uma língua fica demasiado curta, depois arde uma pequena cidade a norte do ‘‘Saurüssel’‘. (O ‘‘Saurüssel’‘ é a paisagem entre o Inn e o Salzach e abrange uma zona não muito distante da foz do Salzach que não se deixa delimitar com precisão.)

Irlmaier via a coisa assim (e dizia-o uma e outra vez):

‘‘ O sudeste da Baviera (o Saurüssel) é protegido, ali a ‘‘querida Senhora de Altötting’‘ estende o seu manto por cima... O país dos Alpes é puxado um pouco para dentro a partir do norte e do sul. Mas no leste do país há sossego.’‘

Apenas de Landau no Isar achava ele que teria de sofrer por causa de uma bomba ou foguete perdido. Em redor de Landau alegadamente ‘‘à volta está tudo amarelo e destruído.’‘

‘‘Os de Munique não precisam de ter medo, agitado vai estar, mas não acontece muito. E passa depressa.

Acreditar não são muitos os que acreditam em mim, eu também não sei o que o Senhor faz, mas o que vejo isso posso dizer, sem que queira ser um profeta. Afinal de contas estamos todos na mão de Deus. Mas quem não acredita na cruz será esmagado.’‘

Noutra ocasião Irlmaier disse sobre estes processos (ver a comunicação já citada de Schönhammer):

‘‘Formações de tropas massificadas marcham em Belgrado vindas do leste e avançam para a Itália. Logo a seguir, três cunhas blindadas avançam como um relâmpago a norte do Danúbio através da Alemanha Ocidental em direção ao Reno — sem aviso prévio.’‘

Schönhammer liga a isto a reflexão:

‘‘Isto vai acontecer tão inesperadamente que a população foge em pânico selvagem para oeste. Muitos carros vão entupir as estradas — se ao menos tivessem ficado em casa ou desviado para caminhos rurais! O que nas autoestradas e vias rápidas for um obstáculo para as pontas dos tanques em rápido avanço é esmagado.’‘

Irlmaier prossegue:

‘‘A grande cidade com a alta torre de ferro está em fogo. Mas foram as próprias pessoas que pegaram fogo, não os que marcharam do leste. E a cidade é arrasada, vejo-o com toda a clareza. E na Itália a coisa anda má. Ali matam muita gente, e o Papa escapa-lhes, mas muitos clérigos são mortos, muitas igrejas desabam.

Depois contudo o Papa regressa e ainda vai coroar três reis, o húngaro, o austríaco e o bavarês. Este é muito velho e tem cabelos brancos como a neve, veste as calças de couro e está entre as pessoas como seus iguais.''

Da abundância das visões comunicadas sejam ainda citados alguns pormenores. Irlmaier disse sobre a dimensão da mobilização na República Federal da Alemanha, assim como sobre serviços de ocupação subsequentes em regiões de leste:

''A nossa gente jovem ainda tem de ser incorporada, voluntários ainda são envolvidos nos combates, os outros têm de ir para a ocupação e vão ficar lá três verões até voltarem a casa. Depois há paz, e vejo as árvores de Natal a arder...''

''Na Alemanha (relata Irlmaier) ainda tem tudo de ir para a tropa, a gente jovem ainda se torna soldada. Mas já não vão ter de combater, mas sim ficar lá como ocupantes ou ser utilizados. Por uma catástrofe natural ou algo semelhante, os russos retiram-se subitamente para norte. Em redor de Colónia deflagra a última batalha. Após a vitória um imperador é coroado pelo Papa em fuga, e depois vem a paz.''

As coroações de diferentes reis e de um imperador não têm de significar uma contradição. Schönhammer supõe: Possivelmente o rei austríaco é o grande monarca e imperador numa só pessoa.

Noutro ponto Irlmaier diz: ''Também a antiquíssima coroa no sul volta a ser honrada.'' Ele vê consequentemente a linha do Danúbio Baviera-Áustria-Hungria, muitas vezes designada ao longo da história como ''Império'' e considerada por Churchill como digna de restauração.

A descrição de uma coroação imperial na Catedral de Colónia, no meio de um império ou federação católica a ser restaurado, não deixa margem para dúvidas de que se deve tratar aqui de uma verdadeira coroação, da reintrodução da antiga

dignidade imperial. Se nos dias de hoje se menciona (segundo Schönhammer) numa conversa sequer a possibilidade de que a república possa um dia voltar a ser substituída por uma monarquia, encontra-se por todo o lado admiração, rejeição e oposição. Isso não tem de permanecer sempre assim.

O ‘‘Império Romano’‘, não menos a sua continuação ‘‘a Confederação Germânica’‘, à qual — na época de paz alemã mais espaçosa — pertencia uma longa série de monarquias europeias, são possíveis contra-modelos para o Estado central e nacional de Bismarck, ao qual, conforme as coisas estão, talvez só numa Terceira Guerra Mundial se renuncie.

Mas mesmo quando se sabe quão longe os nossos políticos da prosperidade, sempre alegres, louvando o progresso de hora a hora, rindo por uma maioria em qualquer direção, estão do conhecimento da aflição pública, pode-se ficar com medo e sobressalto quanto ao futuro. Evitam eles estritamente, por causa dessa maioria, assumir os riscos da sociedade industrial sob a reserva da sua capacidade de aprendizagem, recusam-se a ver a loucura coletiva nas nossas estradas na vizinhança daquela loucura que terminava com a queima de bruxas, revoltam-se contra considerar as instalações nucleares sob a perspetiva do abandono, ou seja, inverter o ónus da prova e declarar como único admissível o que ao nível atual da ciência não periga o público em geral, isto é, seguir o caminho da poupança de energia através do aumento dos preços da energia para do mesmo modo todos os vetores energéticos.

Considerando isto, começa-se a adivinhar que já estamos bem no meio do mundo de Irlmaier.

‘‘O terceiro homicídio aconteceu — e a guerra acabou. Quando tudo passar, aí uma parte dos habitantes já era, e as pessoas voltam a ser tementes a Deus...’‘

Nesta frase, que abrange o início e o fim da guerra, Irlmaier fala claramente de três homicídios que precedem o início da guerra.

‘‘Quando chega o outono, os povos voltam a reunir-se. Após a guerra (acontecimento mundial) já não há um inverno a sério. Ficou mais quente.’‘

(A guerra de catorze ainda se chamava em 1946/47 ‘‘Guerra Mundial’‘. As designações ‘‘Segunda Guerra Mundial’‘ ou mesmo ‘‘Terceira Guerra Mundial’‘ só se impuseram gradualmente nessa altura.)

‘‘Vejo em tempo posterior vinhas e frutos do sul a crescerem entre nós, quer acrediteis quer não.

Um dia vão estalar agitações nas cidades, depois rouba-se e saqueia-se. As pessoas da cidade vão para o campo e querem tirar o gado aos lavradores, aí o lavrador tem de se agarrar bem ao que é seu, senão roubam-lhe a camisa debaixo do rabo. Mas o tempo mau passa depressa. E depois vem um tempo bonito.’‘

Noutra ocasião:

‘‘Primeiro ainda há fome, mas depois vêm pelo Danúbio tantos géneros alimentícios para cima que todos ficam fartos. As pessoas excedentárias (‘Blick in die Zukunft’, 1950), sem terra (ibidem 1961) mudam-se agora para onde surgiu o deserto, e cada um pode instalar-se onde quiser e ter terra tanta quanta puder cultivar.’‘

‘‘ O país a leste e a norte do Danúbio é povoado de novo.’‘ (Comunicação de Backmund)

‘‘Aí as pessoas ficam poucas, o merceeiro fica à porta e diz: Comprai-me alguma coisa, senão vou ao ar. E as chouriças penduram-se para fora do prato, de tanto que há. Lá para o leste a coisa anda feia, aí as pessoas andam à pancada e a cruz volta a ser honrada.’‘

A frase decisiva para os cristãos e já comunicada está no fim do prognóstico de Irlmaier:

‘‘As leis que trazem a morte às crianças ficam inválidas após a limpeza.’‘

Esta surpreendente previsão, muito própria de Irlmaier, data do ano de 1947, altura em que ainda ninguém pensava em legalizar o aborto e em que conceitos como ‘‘solução dos prazos’‘ ou ‘‘indicação social’‘ seriam ainda incompreensíveis para contemporâneos muito mais instruídos do que o construtor de poços de Freilassing.

Irlmaier, ao fazer a sua previsão, não podia saber nem das novas armas nem da reforma do § 218 realizada na República Federal da Alemanha no início dos anos setenta, a qual tem o efeito de se erigirem clínicas de aborto legalmente permitidas em vários Estados federais. Ele nada podia saber de que, por exemplo na República Federal, cada sexta criança por nascer é morta com aprovação legal e de que anualmente o número de abortos a nível mundial chega aos milhões. De qualquer modo, ele predisse: ‘‘As leis que trazem a morte às crianças ficam inválidas após a limpeza.’‘ Por ‘‘limpeza’‘ ele entendia a catástrofe que, em sua opinião, se abateria sobre o mundo.

Desta frase pode dizer-se hoje que contém uma profecia cuja segunda parte se há de cumprir assim que uma sociedade impregnada de convicções religiosas promulgar novas leis. Quando um vidente fala do ‘‘Papa’‘, da ‘‘querida Senhora de Altötting’‘ ou de ‘‘velas bentas’‘, esses são os símbolos que lhe são familiares para sacerdócio, fé e culto divino. Uma coisa é certa: nenhuma religião verdadeira pode aprovar o aborto.

A perguntas repetidas, consta que Irlmaier resumiu os grandes acontecimentos com as seguintes palavras:

‘‘O terceiro homicídio aconteceu.

Depois há guerra.

Por uma catástrofe natural ou algo semelhante, os russos retiram-se subitamente para norte.

Em redor de Colónia deflagra a última batalha.

Após a vitória, um imperador é coroado pelo Papa em fuga.

Quanto tempo tudo isto dura, não sei. Vejo três noves.

O terceiro nove traz a paz.

Quando tudo passar, aí uma parte dos habitantes já era, e as pessoas voltam a ser tementes a Deus.

As leis que trazem a morte às crianças ficam inválidas após a limpeza.

Após estes acontecimentos vem um tempo longo e feliz.

A quem o viver, as coisas correm-lhe bem e pode julgar-se feliz.

Mas as pessoas têm de começar de novo onde os seus tetravós começaram.'‘

Algumas reflexões devem ser ligadas à visão de Irlmaier. Inútil é a pergunta sobre o vencedor na próxima guerra. Embora pareça que o Bloco de Leste sofreu feridas mais terríveis do que os EUA, tanto a União Soviética como a China desagregam-se o mais tardar durante a Terceira Guerra Mundial, mas a longo prazo o mesmo destino atinge os EUA; uma superpotência que se possa gabar de ter ganho esta guerra não existirá.

O verdadeiro vencedor é, segundo a concordância de todos os profetas, o cristianismo, a antiga e a nova Igreja. O Messias alcançará a vitória na luta que trava desde os tempos primordiais e fará a sua entrada triunfal como o novo senhor deste mundo.

Seja qual for a nossa posição perante as previsões de Irlmaier: não é já muito se ele nos aguçar a consciência para estarmos a todo o momento preparados para o fim, a todo o momento prontos?

Nota Final

A boa-fé de Alois Irlmaier não deveria ser posta em dúvida, nem mesmo nas suas profecias políticas. Ele relata com veracidade a ‘‘visão’‘ das suas imagens. É correto — disso escrevem as testemunhas presenciais e auriculares — que o vidente tinha de ‘‘fazer um esforço’‘, de se concentrar.

Mas a suposição de alguns escritores falha os factos ao considerar que Irlmaier apenas via imagens de desejo das camadas profundas da sua alma, as quais, tal como os sonhos humanos comuns da noite, se teriam formado a partir dos mais variados elementos, herdados e adquiridos, pensados e vividos, ou seja, que a coroação dos três reis no antiquíssimo eixo bavarês do Danúbio, a salvação do Papa, a preservação da população a sul do Danúbio, a oeste do Baixo Inn e Salzach, especialmente no ‘‘Saurüssel’‘, teriam sido um sonho de desejo de Irlmaier.

Contra esta suposição militam duas coisas: por um lado, a salvação do Papa é integrante de muitas profecias, e também espaços livres poupados entre as cunhas de tanques em avanço são presumidos por todos os especialistas militares levados a sério e constituem objeto de exercícios estratégicos da OTAN. Por outro lado, no esforço e concentração despendidos por Irlmaier para a visão não há qualquer diferença entre previsões no âmbito pessoal mais restrito e em grandes dimensões políticas. Se a ‘‘taxa de acerto’‘ nas ‘‘pequenas’‘ visões de Irlmaier podia ser tão destacadamente elevada, porque haveriam as grandes visões de basear-se em mero pensamento desejoso?

Tomada de Posição do Professor Bender

O autor teve a 1 de outubro de 1975 uma conversa com o Professor Dr. Hans Bender, o então diretor do Instituto de Áreas Fronteiriças da Psicologia e Psicohigiene em Friburgo, a qual já foi reproduzida noutro local. Bender referiu-se, na conversa aqui registada segundo os apontamentos e comunicada em extratos, exclusivamente a videntes bávaros. Confrontado uma e outra vez

com repreensão e dúvida sobre a sua área de conhecimento, ele ‘‘desvalorizou’‘:

‘‘A primeira pergunta que se faz ao parapsicólogo é provavelmente a da existência da profecia, da clarividência no futuro. Pois uma parte não pequena dos contemporâneos considerará a profecia uma superstição. Outros estarão convencidos dela. Do ponto de vista da parapsicologia, a ciência dos fenómenos ocultos, pode dizer-se o seguinte: temos como principal área de investigação a análise da chamada ‘perceção extrassensorial’, que é investigada em três formas: telepatia, a relação extrassensorial entre pessoas, talvez também animais; depois a clarividência, a perceção extrassensorial de factos objetivos; e a clarividência no futuro: chamamos a isto precognição.

Os parapsicólogos estão hoje convencidos em grande parte da existência da precognição, da profecia. Demorou muito tempo, pois a afirmação de que o tempo pode ser saltado é tão monstruosa que é realmente necessário um material de prova muito massivo.

Nós tiramos para este julgamento — a precognição existe — de três fontes. Primeiro, os chamados fenómenos espontâneos, ou seja: os relatos de todas as partes da população aos quais damos seguimento, sobre pressentimentos, Segunda Visão, sonhos premonitórios.

A segunda fonte são experiências quantitativo-estatísticas que até agora trouxeram um material ainda relativamente escasso para a precognição, e a terceira fonte é a investigação de médiuns, pessoas especialmente dotadas — chamamos-lhes ‘sensitivos’ como Irlmaier manifestamente também era, embora não tenha sido testado em investigações de laboratório. E aqui há a nomear sobretudo o paragnosta holandês Croiset, que me convenceu da existência da precognição. Croiset é capaz, testámo-lo em

numerosas experiências, de prever quem estará sentado numa determinada sessão numa cadeira escolhida por sorteio; ele descreve o em causa, descreve experiências que o caraterizam.

Agora perguntar-se-á: qual é então o alcance de uma tal capacidade? E aí aplica-se o seguinte princípio fundamental: nenhum sensitivo, nenhum vidente é capaz de distinguir se as suas impressões são pura imaginação, se são causadas de forma telepática, clarividente ou mesmo profética, ou se são uma mistura. Por isso a aplicação prática destas capacidades é tão extraordinariamente duvidosa. Pode dizer-se: uma declaração tida como paranormal tem de ser verificada com a capacidade de conhecimento normal para obter algum valor.

Depois aplica-se muito em geral que estes olhares para o futuro se referem quase exclusivamente ao destino individual. Um livro do meu colega holandês Prof. Tenhaeff, 'Kriegsprophezeiungen', mostra isto. Aqui estão recolhidas profecias que dizem respeito a pequenos acontecimentos de pessoas individuais, que também se concretizaram e que estavam agora em ligação com um acontecer de guerra. A guerra como tal não foi prevista, apenas fenómenos consequentes que diziam respeito ao destino individual destas pessoas.

Uma investigação sobre o rendimento de profecias de guerra, referidas à Primeira Guerra Mundial, existe aliás do poeta flamengo Maurice Maeterlinck. Ele investigou cuidadosamente 83 profecias sobre a Guerra Mundial. Encontrou-as a todas sem valor exceto duas. Maeterlinck escreveu o seguinte:

Um segredo deste peso', querendo dizer a Primeira Guerra Mundial, 'teria de ter pesado sobre todas as existências e provocado pressentimentos e revelações. Nada desse género. Despreocupados vínhamos e íamos sob a desgraça ameaçadora que de ano para ano, de dia para dia e finalmente de hora para hora se aproximava, e só a vimos quando ela já nos tocava nas cabeças.'

Parece estar assente que sobretudo Irlmaier tinha capacidades Psi. As anedotas — o abrigo em Rosenheim — estão completamente na linha em que também temos material de outras fontes. Quanto às suas previsões coletivas de uma terceira guerra mundial, há a dizer em primeiro lugar que ela não se concretizou no momento indicado; depois, que não temos realmente qualquer critério para que esta profecia, que pode ser um tipo de fantasia do fim dos tempos, contenha algo de fiável. Com todo o dom mediúnico de Irlmaier: isto podem ser fantasias, nutridas pelo conhecimento sobre bombas atómicas, sobre outras armas destrutivas.

Todos estes videntes estão de algum modo marcados religiosamente, conhecem os mitos do fim dos tempos e são influenciados por isso. Apesar disso: Irlmaier pode ser designado como um dos fenómenos mais espantosos entre os sensitivos dos tempos recentes. Não há portanto aí razão para inquietação, mas também nenhuma razão para rejeitar a questão da precognição em bloco, como hoje em dia acontece muitas vezes por parte de iluministas que simplesmente não estão bem informados.''

Lição sobre a Construção de Abrigos

Como poderia ser uma iniciativa para a construção de abrigos, pode depreender-se de um relato reproduzido aqui em extratos de Hans-Peter Rullmann, que foi publicado a 25 de outubro de 1975 no Allgemeine Laaberzeitung sob o título: ''Toda a China se Enterra na Terra''.

''Completamente desconhecido, porque estritamente secreto, é o sistema de túneis sob a capital chinesa, que presumivelmente supera há muito todas as imaginações. A construção deste sistema secreto de túneis, que já só se pode comparar com a construção da gigantesca Muralha da China, começou em 1969: imediatamente após o conflito de fronteira sino-soviético no Ussuri.

Ninguém pode dizer se a construção de túneis em Pequim entretanto avançou tanto como por exemplo numa fábrica de

máquinas de construção no sul da cidade, que por fora se parece com instalações chinesas semelhantes: 20 naves industriais e oficinas, baixas e construídas de tijolo, numa área de cerca de 200 hectares percorrida por ruas fabris. Contudo, cada nave e cada oficina está ligada por uma saída secreta ao mundo subterrâneo. Tschan Lao, o funcionário da empresa responsável pela defesa popular geral, indica que em exercícios ocasionais todos os 2500 trabalhadores desta fábrica podem desaparecer em cinco minutos através destas saídas para debaixo da terra.

A parte central da instalação de túneis fica debaixo do edifício administrativo e está hermeticamente separada dos escritórios à superfície da terra por uma pesada porta de ferro, como as que habitualmente só se encontram em caixas-fortes bancárias ocidentais. Da porta parte um corredor de dois metros de altura e um metro de largura, equipado com lâmpadas e instalações de altifalantes, indo primeiramente para o armazém, onde estão constantemente guardados géneros alimentícios suficientes, sobretudo cereais suficientes, para poder alimentar 5000 pessoas durante dois meses sem reabastecimento do exterior.

Sete metros debaixo da terra fica o abrigo improvisado da fábrica: na parede, um mapa com linhas coloridas que transmite uma impressão do percurso confuso dos diferentes corredores. Aqui fica também a central telefónica e a sala de emissão a partir da qual os altifalantes no abrigo podem ser operados, não muito longe dali uma grande cozinha industrial com caldeiras, instalações de refrigeração e água corrente, assim como um elevador através do qual as refeições podem ser transportadas para um grande refeitório. Quatro poços garantem que haja água mesmo quando as tubagens da superfície estiverem destruídas. Assim existe, à exceção da diferença de temperatura, grande semelhança com as instalações de exploração à superfície da terra.

Ocasionalmente a admissão de ar fresco é ligada; os filtros devem bastar para manter também agentes de combate biológicos, químicos ou radioativos afastados do pessoal que vive subterraneamente. Todos os corredores estão sinalizados; pelas inscrições pode depreender-se que há infantários e oficinas subterrâneas nas quais, em caso de guerra, se pode inclusivamente iniciar a produção de armas. Para percorrer todos os corredores desta fábrica subterrânea são precisas duas horas e meia, contudo o sistema ainda não está pronto. Os trabalhadores constroem numa central elétrica subterrânea para a produção de corrente e em instalações de defesa que, por sua vez, estão ligadas à superfície da terra. A partir de tais abrigos, o pessoal que vive subterraneamente pode abrir fogo contra aviões inimigos.

Que esta fábrica, que os chineses mostraram como aviso à União Soviética, não é um caso excecional, mas sim um modelo, provam-no as 45 lojas na centralmente situada rua Da-Scha-Lan em Pequim, que estão todas ligadas a sistemas de túneis semelhantes. Desconhece-se até que ponto este sistema refinado minou toda a cidade de Pequim. Funcionários chineses sublinham que cada fábrica, escola, instituição e rua principal, cada infantário e cada hospital está ligado a tais sistemas de túneis. Todos eles estão entre si ligados mais uma vez por avenidas subterrâneas que dizem ser tão grandes que nelas podem circular inclusive autocarros e camiões.’‘

Do lado alemão, as medidas para proteção da população civil deixam, por outro lado, muito a desejar. Durante décadas, os políticos repeliram para longe de si a ideia de uma terceira guerra mundial. As razões para tal comportamento são de natureza complexa e até em parte compreensíveis.

Contudo, ter-se-ia de lhe chamar irresponsabilidade política se precisamente a República Federal tivesse de pagar o tributo de sangue mais elevado; outros países estão muito mais preocupados com a proteção da população. Assim, por exemplo, as autoridades suíças não aprovam nenhuma nova construção sem a construção

adicional de um abrigo. O argumento de que a construção de abrigos é ‘‘armamento no subsolo’‘ desmascara-se perante esta nação de paz como demagogia.

Naquele país estão disponíveis abrigos subterrâneos para quase a totalidade da população civil. Entre nós construíram-se para o efeito as mais, as mais belas e as melhores estradas. (Assim se retiraram os meios a tarefas mais prioritárias e, além disso, se transferiu a linha de defesa para muito longe no interior.)

Quem acredita que a República Federal, por causa das previsões concordantes e por causa da transparência da evolução vindoura, caminha bem preparada ao encontro de uma não impossível terceira guerra mundial, a esse tem de se deitar um pouco de água no vinho.

A Morte

Há muitos anos Irlmaier tinha adquirido um terreno florestal barato no qual, já no fim dos anos trinta e ainda durante todos os anos quarenta, esteve uma cabana de obra entre material de armazém, tubos de betão e betoneiras. Aqui ele deixava entrar, dia sim, dia sim, longas filas de pessoas em busca de conselho. Finalmente, após a reforma monetária, desde que voltou a haver mercadorias e material, Irlmaier dedicou-se à construção há muito preparada de uma casa. A concretização deste projeto arrastou-se por dois anos e meio. Nas circunstâncias mais miseráveis, com trabalhadores baratos e serventes, Irlmaier construiu em 1948, 1949 e ainda todo o ano de 1950, até ao outono. Muitas horas nas quais ele próprio poderia ter deitado a mão teve de as passar como conselheiro na cabana de obra.

Os seus três temas de vida aos quais voltava uma e outra vez na cabana chamavam-se: a Terceira Guerra Mundial (da qual ele aos seus filhos, aliás, nunca falou), a independência da Baviera restaurada após a grande limpeza, mas sobretudo o triunfo

definitivo da Igreja. Sabemos que o seu olhar para o futuro também o fez ver a moral do dinheiro da América do Norte (não apenas na mencionada visita do magnata do petróleo), sabemos que ele via a Baviera marcada por essa moral do dinheiro até ficar irreconhecível, mas que ela lhe parecia voltar a erguer-se das cinzas como a fénix.

No ano de cinquenta, a 12 de abril, uma realização da Universidade Popular em Landshut teve uma afluência tempestuosa. O salão de gala dos Paços do Concelho teve inclusive de ser fechado pela polícia devido a sobrelotação. O professor primário Franz Stockhammer falou sobre o tema: ‘‘O grande vidente de Freilassing — as minhas experiências com Alois Irlmaier.’‘

Esta palestra, proferida segundo relatos pormenorizados no Landshuter Isarpost por um professor de Schönberg, perto de Grafenau, que certamente gostava de apresentar sensações, mas que de resto estava cheio de boa vontade e tudo menos mal-intencionado em relação a Irlmaier, serviu aos meios de comunicação de massa como que de sinal de partida para a sua caça ao homem contra Irlmaier. Triunfo da Igreja? Restauração da soberania da Baviera? Monarquia? Apocalipse e imoralidade punida? Uma gazeta de massas de Hamburgo escreveu no estilo de indignação do justo e com a voz do peito de um esclarecimento tido como democrático: ‘‘Pais de família fiéis que, se tinha mesmo de ser, queriam pelo menos morrer juntamente com as suas famílias, deixaram de fazer todas as viagens longas, as salas de espera médicas ficaram num ápice vazias, e na Floresta Bavarica empreiteiros crentes (sic!) cancelaram projetos de construção já iniciados...

Apenas um não quis saber de nada disto, não fugiu, não comprou géneros alimentícios por grosso, cobrou dinheiro em vez de o gastar sem sentido e continuou tranquilamente a construir a sua casa: o próprio Alois Irlmaier. Se ele pode ser um mau profeta, é com certeza um brilhante homem de negócios... Uma

rede alta de arame separa os crentes desesperados, que por falta de moeda sonante não têm perspetivas de ser admitidos junto de Irlmaier, do estaleiro de obras do 'vidente de Freilassing'.

O futuro deles parece-lhes incerto. O do 'mestre', contudo, a nós não. Pois ainda há tontos suficientes no mundo. Ninguém parece ter reparado que o profeta, cuja previsão de uma nova guerra ainda este ano desencadeou o pânico, continua ele próprio com toda a tranquilidade a construir a sua nova casa.'‘

Com tais calúnias do auxiliador em aflição, que nunca tinha levado um único *pfennig* pelas suas informações, e que — como tinha resultado da sentença do Tribunal de Laufen — tinha tido quase sempre razão, a coisa não ficou resolvida. Elas desencadearam uma vaga de eventos, debates, relatos de imprensa e notícias sensacionalistas. Por fim, até o crescente interesse de Adlmaier começou a parecer sinistro ao construtor de poços. Ele defendeu-se. O seu colaborador Ferdinand (chamado Ferdl) Felber teve de abrir a máquina de escrever... E Irlmaier ditou num alemão desajeitado uma carta para várias redações de jornais. Uma dessas cartas conservou-se:

‘‘Alois Irlmaier Instalação e Construção de Poços Freilassing/Alta Baviera Reichenhaller Straße

À Redação do Süddeutsche Zeitung Munique Sendlingerstraße 80

Freilassing, 21 de abril de 1950 Nossa ref.ª I/F

As várias publicações nos jornais diários assim como, segundo chegou ao meu conhecimento, a recentemente planejada edição de uma brochura obrigam-me a pedir-lhe que publique o seguinte no seu estimado jornal:

Desde há bastante tempo que tenho recusado qualquer pessoa que me procurava por causa do meu dom clarividente e declarado que tenho de recusar visitas que não estejam relacionadas com a

minha atividade como buscador de água e construtor de poços, e que também já não posso responder às numerosas cartas.

Em particular, declaro expressamente que não tenho qualquer ligação com os acontecimentos em Landshut e me reservo o procedimento criminal contra estes divulgadores de indicações completamente incorretas e tiradas do ar.

Ao mesmo tempo, peço a todos os leitores, no seu próprio interesse, que não me dirijam qualquer correspondência que não esteja relacionada com a minha profissão e que se abstenham de visitas inúteis.

Todas as publicações e palestras que ocorram sem a minha autorização expressa são feitas por comerciantes sem consciência e serão a partir de agora perseguidas criminalmente.

Agradecendo-lhe desde já a sua publicação, subscrevo-me atenciosamente:

Alois Irlmaier Instalação, Construção de Poços Produção de Artigos de Betão Freilassing Telefone 257’‘

Em vão procurou Irlmaier defender-se do cerco do povo. A zona das barracas e das ferramentas de trabalho, onde trabalhava não muito longe da estação de comboios, era cada vez mais ameaçadoramente rodeada por consulentes. Conrad Adlmaier teve de mandar imprimir o pedido já citado de Irlmaier no verso da sua brochura. Na alta vedação de arame, atrás da qual um cão de guarda feroz ladrava, uma placa também repelia o assalto:

‘‘O Senhor Irlmaier recusa-se a continuar a prestar informações privadas. Ele esforça-se por seguir a sua profissão de construtor de poços e buscador de água e gostaria de ser o menos perturbado possível nisso. Nada se consegue com dinheiro ou presentes, pois o Senhor Irlmaier não quer fazer negócio do seu dom.’‘

Finalmente a casa foi habitada, primeiro de forma improvisada no rés do chão, depois também no piso superior. O

oficial de instalações Alois Kraller relatou sobre esse tempo. Assim, a morada era agora Waldstraße 7. Mais tarde, ainda em vida de Irlmaier, a Waldstraße tornou-se Pestalozzistraße. E o número 7 tornou-se o número 9 a. Nos anos setenta, o terreno de Irlmaier foi integrado na Jennerstraße, a partir da qual é acessível como número 7.

Toda a zona envolvente parece hoje uma verdadeira zona da estação, estando em grande parte não edificada. Fica-se com a impressão de que o acaso ainda impera. Aqui cabanas de pequenos hortelãos, ali casinhas de subúrbio, prados secos, sebes descuidadas, buracos fundos, um gigantesco e poeirento parque de estacionamento e recinto de festas populares que se estende até perto da estação, em redor uma chamada ‘‘zona barata’‘ que não permite qualquer comparação com o paraíso de infância e juventude de Irlmaier aos pés do Laubgebirge de Maria Eck.

Mas o homem precisa de um lugar e de uma palavra a que se possa agarrar. Uma e outra vez Irlmaier perdeu a sua pátria e voltou a ganhá-la: a quinta ardeu, ele voltou a construí-la. Perdeu-a no leilão judicial e comprou com o resto do produto uma moradia desocupada e decadente. Nem sequer a moradia ele pôde manter, embora a alugasse até ao telhado. Um terreno favorável adquiriu ele com o resto. E agora estava finalmente de novo uma casa modesta no seu terreno próprio, bonita de se ver, com uma cimalha de vários níveis e uma pequena torre em bow-window que estendia para os ares uma ponta esférica de latoaria. Nos anexos estavam empilhadas ferramentas, pedras e tubos do negócio de construção de poços.

Na sala apainelada vê-se numa foto da época, aparentemente saciado e calmo-equilibrado, o cachimbo de madeira de ginjeira com a cabeça de porcelana pintada à mão na boca já sem dentes, Irlmaier de pé. Ocasionalmente também fumava o esguio e longo *Virginier* austro-bavarês. (E muitas vezes, relatam as filhas, metia meia mão cheia de bagas de zimbro na boca, porque gostava de saborear o seu sumo amargo e picante.) O ano da sua mudança foi

um ano santo. O Papa Pio XII olha para Irlmaier por cima do ombro num folheto de papel impresso para essa ocasião.

Contudo, esta tranquilidade era enganadora. Lá fora, para lá da vedação, as pessoas esperavam e não se deixavam afugentar. Ficavam de dia e de noite, com sol e chuva, com calor e frio, aguardavam hora após hora, sabendo que Irlmaier se deixava comover uma e outra vez. Um jornalista, precisamente um daqueles a quem Irlmaier devia a sua fama, escreveu:

‘‘Tem de se ter uma profunda pena destes pobres diabos que foram impelidos para Freilassing por relatos sensacionalistas. É mais do que tempo de se acabar finalmente de uma vez por todas com esta publicidade comercialmente ávida e de o Alois Irlmaier ter o seu sossego, no seu interesse, no da sua família e no da sua profissão.’‘

Um outro repórter da situação noticiou:

‘‘No portão, uma placa tinindo de nova avisa contra o cão raivoso que, a abanar a cauda, se arrasta numa longa corrente. Desconfiada, a Senhora Irlmaier caminha rastejando em tamancos de madeira até ao portão: ‘O que é que vocês querem?’ ecoa através do portão trancado. ‘O meu marido não está. Ele já não faz nada nesta matéria. As cartas, as fotos e o dinheiro, ele devolveu tudo. Afinal ele tem a sua profissão. Ele é construtor de poços e acabou-se. Aqui não há mais nada, aqui não há mais nada!’ — ela olha para nós de forma distante: ‘Aqui — não — há — mais — nada!!’‘‘

Se contudo o próprio Irlmaier vinha a atravessar o pátio, deixava-se, se a mulher não estivesse a olhar ou estivesse a caminho da cidade, comover de novo. Ele simplesmente não conseguia deixar as pessoas a esperar. E de novo dava durante dias inteiros informações sobre desaparecidos, dava conselhos, nomeava num conhecimento de pormenor surpreendente coisas da vida do indivíduo que mais ninguém podia saber, tranquilizava,

avisava, consolava, prestava ajuda de vida — e nunca pedia um *pfennig* por isso.

Quando, apesar disso, o escárnio e a troça, a calúnia e a mentira choveram sobre o homem simples, quando lhe lançaram em rosto sem pudor a ganância de lucro, ele soldou aros de aço curvos na sua vedação e esticou um arame farpado de quíntupla fiada. Para os jornalistas, que tentavam arrastá-lo para a opinião pública com manchetes falsas, ele já não estava de todo disponível; desconfiado, encontrava-se por fim até com o velho confidente Conrad Adlmaier, tornando-se nos seus últimos anos de vida tão amargurado que pregou uma placa na sua cabana de tábuas: ‘‘Apenas disponível em assuntos de busca de poços’‘. Esta escolha de palavras, a que Backmund se junta, é transmitida pelo Dr. Adlmaier.

Segundo outra versão, a redação exata dizia: ‘‘Apenas disponível em assuntos da busca de poços’‘. Isso é gramaticalmente mais correto, mas não tem por isso de ser citado à letra. Schönhammer escreve: ‘‘Apenas disponível em matérias da busca de poços’‘. Noutro ponto o texto de Irlmaier volta a ser diferente: ‘‘Apenas disponível em matérias de abrir poços’‘.

O sentido permanece sempre o mesmo. As pequenas divergências na expressão linguística garantem, tal como na tradição de acontecimentos importantes em redor de Irlmaier e no texto dos seus prognósticos de futuro, mais pela verdade do que o faria uma viragem que na centésima vez fosse ainda igual por ter sido decorada. Do ano de 1957 está garantido o grito áspero de Irlmaier: ‘‘Não! — Eu já não digo nada!’‘

À sua representação preferida pertenciam os diferentes tipos de fechos: portão, vedação, arame farpado, corrente, fechadura, ferrolho, selo. Uma palavra sobre São João Nepomuceno, que com o dedo erguido na vertical fecha os seus lábios, não teria causado admiração vinda de Irlmaier, mas não é transmitida.

No fim restou apenas amargura: ‘‘Já tenho que chegue desta chateação que tive até agora com a clarividência! Prefiro escavar o poço mais fundo do que deixar-me arrastar mais uma vez perante o tribunal e para a polícia!’‘ Aparentemente tinha sofrido mais com o processo de charlatanice do que até agora tinha admitido a si próprio. Ele recusava-se. Por fim proibiu também qualquer correspondência. Simplesmente já não queria mais. ‘‘Se o caráter dele tivesse sido como o dos seus oponentes’‘, resume Conrad Adlmaier, ‘‘ele poderia ter chegado a riquezas. Permaneceu pobre.’‘

As suas últimas poupanças tinham sido devoradas pela construção da casa. As receitas do negócio de construção de poços ficaram, devido às muitas interrupções, muito aquém das expetativas. Não chegou a ramo verde. A doença e a idade desgastavam-no. Contudo, trabalhou até ao fim.

Considerar a sua obra diária como concluída e cruzar os braços porque amanhã o mundo vai acabar (o que o ilustrado de Hamburgo em vão tinha esperado dele) não é — como ele sabia — uma ação agradável a Deus. Para a ‘‘reforma’‘ só Deus próprio — como pensava Agostinho — pode enviar.

De vez em quando ia em peregrinação a Maria Plain, que se tinha tornado para ele um substituto tardio para Maria Eck. De resto vivia completamente recolhido. (A atitude posterior desconfiada-recusante das filhas, que só cedia após longos rogos, explica-se a partir daí.)

A esposa de Irlmaier, Maria, a ajudante e principal atormentada, outrora simples lavradora com tranças presas em forma de coroa, tinha-se transformado em Freilassing numa mulher de negócios sensata e resoluta. Da mesma forma, a sua maternidade calorosa e zelosa era elogiada pela família. Ela sofria muito com o facto de o sustento da família se desgastar na cabana de obra como ajudante da humanidade atormentada — e desgastava-se ela própria nisso.

Maria Irlmaier, nascida Schießlinger, morreu após curta e grave doença a 5 de setembro de 1957.

A partir desse dia o construtor de poços tornou-se completamente recusante. Sobre a tumba da amada mulher disse ele, que de resto nunca falava de si próprio: ‘‘Para lá não vou eu, o meu tempo ainda não chegou. Mas sei que certas pessoas me tentam tirar a vida, a quem a minha clarividência é desagradável. Mas eles não me vão apanhar! Em redor da imagem de Maria na qual tive a minha primeira visão deve ser construída uma capela. Se eu a construir, então morro.’‘

A imagem da Mãe de Deus diante da qual tinha visto a sua primeira visão, guardava-a consigo. Tinha-a recebido como presente do lavrador para quem trabalhava na altura. Em redor desta imagem da Mãe de Deus ele queria construir uma capela. Nunca se esqueceu de que a Mãe do Céu tinha saído da sua moldura na sala do lavrador na altura.

Quando falava de si próprio, raramente dizia respeito ao seu próprio futuro. Aqui errava mais do que tudo; raramente sabia de antemão o que o aguardava na hora seguinte.

O Professor H. Kritzinger escreveu a 28 de fevereiro de 1950 no *Donaukurier*:

‘‘O filho adulto de Irlmaier ajuda-o na sua profissão e conduz ocasionalmente o carro do pai. Ora a polícia realizou precisamente uma fiscalização de automóveis e verificou as cartas de condução dos condutores. O agente de polícia vê chegar o carro de Irlmaier, que lhe era conhecido, com o filho ao volante. Manda parar o carro. Carta de condução? —

O carro foi apreendido. Irlmaier muito infeliz! Pensa-se que o vidente deveria ter descoberto antecipadamente com o seu olhar profético que a patrulha mandaria parar o carro devido à falta da carta de condução. Esta história é contada em Freilassing com um sorriso. Ela não refuta no sentido científico o dom do construtor

de poços, mas aponta para o facto de que a rara capacidade de previsão não pode ser ligada conforme o desejo.‘‘

(Do relato de Kritzinger não resulta se o filho de Irlmaier não possuía carta de condução — o que parece pouco credível — ou se simplesmente não a trazia consigo.)

Contudo Irlmaier fez duas previsões significativas sobre a sua morte. Repetidamente declarou à sua família que teria de morrer se construísse uma capela a Maria: ‘‘Se eu construir uma capela a Maria, então morro.’‘ No início do verão de 1959 começou a construir uma capela no seu terreno. Nas poucas semanas, sim dias, que ainda tinha à disposição para o efeito, não passou contudo além das fundações. Já na primavera de 1959 disse à sua família: ‘‘Em julho vão abrir-se-vos os olhos, aí ides vivenciar algo!’‘ A 26 de julho de 1959 morreu. Era o dia de Santa Ana, o dia do nome da sua mãe.

Ele não sofreu por muito tempo da sua doença grave, o cancro do fígado. Quando estava na sala de cima no leito de morte, o filho escreveu as suas últimas palavras: ‘‘Estou contente por o Senhor me deixar morrer. Agora já não preciso de vivenciar aquilo que prevejo.’‘ Do reverendo Markus Westenthanner — outrora capelão no Santo Cristo de Giesing, agora pároco da igreja de São Ruperto — recebeu os últimos sacramentos. Irlmaier morreu — sugado e esgotado como antes dele a sua lamentável esposa — na sétima semana acima dos 65 anos de idade.

Morreu, como noticiaram os jornais que ele já há muito não lia, ‘‘de uma morte cristã’‘. E morreu — o que já na altura ‘‘estava fora de moda’‘ — em casa. Quando a filha mais velha, Maria, que tinha estado na cidade, regressou a casa e subiu a escada a toda a pressa, os carregadores do caixão já se ocupavam do caixão. Como hora da morte estava anotado na certidão de óbito: 21h45.

Alois Irlmaier foi sepultado a 29 de julho pelas dez horas e meia da manhã no cemitério de Salzburghofen, perto do Hagnweg, onde tinha morado primeiro. Isto significava: encomendação da alma na antiquíssima igreja gótica de Maria, música de sopro solene, terço, cortejo do morto pela aldeia, a comunidade comovida dos sobreviventes ao longo do caminho. Depois a despedida do mundo ‘‘hipócrita’‘, réquiem, a descida das seis tábuas que guardavam o cadáver para a cova.

O pároco Westenthanner, com o barrete preto na cabeça, o manto de aspersão preto bordado a ouro aos ombros, destacou o grande amor do falecido pelas almas partidas e a sua caridade. O Dr. Conrad Adlmaier, o proprietário da tipografia de Traunstein que assistiu ao enterro, escreveu:

‘‘Agora o homem curioso do Saalach está morto, e o olho deste ser humano está fechado. As suas visões chegaram ao fim. E ergue-se a questão de saber se ele não recebeu de Deus o seu dom como 'avisador contra catástrofes futuras'. O futuro terá de provar a correção das suas previsões.’‘

O autor garante que seguiu o percurso de Irlmaier transmitido por testemunhas presenciais e auriculares nos locais da sua vida e ação, que tentou reconstruir a *vita* deste homem invulgar a partir de declarações por vezes minuciosas de pessoas que o conheceram, sobretudo de relatos dos descendentes, e que se esforçou por apresentar, através do aproveitamento de todos os documentos e papéis escritos existentes, uma biografia que vai muito além do material até agora reunido por outros.

Ainda visivelmente comovido pela partida deste ‘‘homem completo’‘, Conrad Adlmaier, que ele próprio só tem mais sete anos de vida (morre a 30 de setembro de 1966), conclui os seus apontamentos:

‘‘A esta compilação de várias fontes, especialmente das previsões do construtor de poços Alois Irlmaier registadas segundo taquigrafia, pouco precisamos de acrescentar. Que Deus

não se deixa escarnecer, mas sim punirá a violação do seu direito de soberania sobre a vida da humanidade, disso pode com inteira justiça lembrar-se também hoje. O escárnio e a troça não nos devem afastar de reconhecer a gravidade da hora e agir em conformidade. Isto não é uma superstição, mas sim previsivelmente um último aviso. Com confiança pode cada ser humano olhar para o futuro se viver em Deus.‘‘

Conrad Adlmaier acrescentou aos seus apontamentos o Salmo 90 [91]:

‘‘Não precisarás de temer os terrores da noite,

Nem a flecha que voa de dia,

Nem a peste que se move nas trevas,

Nem a mortandade que devasta ao meio-dia.

Cairão mil ao teu lado,

E dez mil à tua direita:

Mas tu não serás atingido.

Apenas com os teus olhos observarás

E verás a recompensa dos ímpios.‘‘

Após a morte do pai, ‘‘o filho pendia’‘, que carecia da personalidade forte do seu patrão, ‘‘completamente no ar’‘, como as irmãs contam mais tarde. Ele andava doentio e morreu após várias operações ao estômago logo em 1976. A imagem da Madona, motivo para o início da construção da capela, está desde então desaparecida. As ‘‘fundações’‘ da capela afundaram-se no solo do prado. A casa aprazível de Irlmaier foi vendida após a morte do sucessor, que permaneceu solteiro. Abriga agora — certamente no sentido do seu construtor — a Cáritas católica. Na lápide, fileira 62, n.º 3, está representado em mármore preto um Cristo a carregar a cruz. Sob a palavra ‘‘Família’‘ está gravado

apenas o nome do filho: Alois Irlmaier, 9.9.1923–11.5.1976 ... Por baixo apoia-se, reluzente e de um branco deslumbrante, a pedra antiga, um livro de mármore. Nele esculpidos estão para ser lidos todos aqueles cujos diferentes destinos desembocam nesta única sepultura:

‘‘Aqui descansa em Deus o nosso inesquecível pai Alois Irlmaier, privado em Hagn, nascido em 1859, falecido em 1930, aqui descansa em Deus a nossa inesquecível mãe Anna Irlmaier, privada em Hagn, nascida em 1864, falecida em 1932, Maria Irlmaier, esposa de construtor de poços, nascida em 1897, falecida em 1957, Alois Irlmaier, construtor de poços, nascido em 1894, falecido em 1959.’‘

Uma afirmação do construtor de poços, que ele certa vez cunhou em tom de brincadeira sobre a sua indicação errónea do tempo, seja colocada no fim:

‘‘Nenhum ser humano conhece o dia e a hora. Mas podemos estar certos de que no fim tudo virá a acontecer assim.’‘

Três Coroas no Danúbio

Notas Finais

O tempo avança. Se há anos o autor escrevia a nua aflição para fora da alma, dá agora expressão à sua esperança, sim satisfação, de que os homens dos nossos dias (que estão tão no encalço da alegada paz) naufraguem com o seu materialismo dialético e prático. Torna-se de facto visível como da verdade se faz mera correção, como do pensar reflexivo se faz um imaginar, como do produzir se faz um fabricar, como das coisas se fazem objetos que devem ser usados e consumidos à medida do seu valor de utilidade!

Verdadeiro é agora apenas o que se submete à imaginação humana. A época do ‘‘esquecimento do ser’‘ apressa-se, como o mundo dos deuses no ‘‘Rheingold’‘, para o seu fim, porque no triunfo da instalação controlável de um mundo científico-técnico

‘‘a totalidade da sua história se reúne na sua extrema possibilidade’‘ (Heidegger). A impressão de que nos nos guindámos no nosso ser sujeito até um ponto onde já não há como avançar, adensa-se numa certeza atormentadora. A Terra torna-se num deserto, a falta de pátria num destino mundial. Com um mais de técnica, um mais de planeamento a coisa não fica resolvida.

Quão frequentemente se ouviu nos últimos anos que se devia finalmente acabar com o falar de alegadas catástrofes terrenas vindouras. Fala-se disso há demasiado tempo — mas nada se cumpriu, tudo permanecerá na mesma. Que somos gatos escaldados com o nosso passado impregnado de pólvora, isso esqueceu-se. Isso fica muito atrás, parece já não ser uma realidade. Muito menos se quer saber de uma terceira catástrofe mundial pendente. Se fosse de outra forma, já não se saberia festejar em sossego e gozar a vida. Portanto não pode ser o que não pode existir.

O que fazemos hoje? Dormimos perante os perigos e ameaças iminentes. Permanecemos cegos e não estamos prontos a acolher Cristo quando ele vier sobre o mundo ‘‘como um ladrão na noite’‘ (1 Tessalonicenses 5,2). É uma ilusão sonhar com o progresso constante da fé no tempo atual do mundo, e um desvario pensar que não será preciso estar ancorado na fé para lidar com as provações que nos esperam.

Provações? Aí falam quer comentadores de jornais quer leitores que escrevem cartas do mais farto de todos os países de luxo fartos em ‘‘vida nascente’‘ e ‘‘interrupção da gravidez’‘, chamam ao celibato sacerdotal não dedicação total e ascese, mas sim ‘‘coação à renúncia da união a dois com uma mulher querida por Deus’‘, enfurecem-se pelo facto de ‘‘as mulheres na Igreja Católica serem seres humanos de segunda classe’‘ (numa Igreja com legiões de santas!) e sugam a identidade do tutano da Igreja Católica, chamando-se católicos com a sua ideia de Igreja, mas não encontrando uma palavra de censura quando nos mesmos

‘‘grandes’‘ jornais diários o ideal do homem ‘‘moderno’‘ que esbanja dinheiro e destrói a natureza é delineado assim:

‘‘Top manager 30/189, cosmopolita, adora o sol, o mar e 2.ª residência no ultramar, desportivamente ativo do ténis ao esqui, anda de barco a vela (iate próprio), voa (avião desportivo próprio), com humor e ternura ...’‘

O anel em redor da antiga capital do Estado nacional protestante do norte da Alemanha soltou-se. Para o caso de os afetados estimarem a sua ‘‘reunificação’‘ em valor suficientemente elevado, a União Soviética renovará a oferta de Estaline do ano de 1952 recusada por Adenauer. Ela fixará o preço alto.

A saída da RDA do Pacto de Varsóvia deverá ser comprada com a neutralização e desmilitarização da República Federal ou com uma transformação da OTAN em algo meramente político. Essa é a resposta de Moscovo à ‘‘reunificação’‘ dos protestantes militantes de Gustavo Adolfo e liberais neo-pagãos unidos desde a Guerra dos Trinta Anos, resposta ao ‘‘Quarto Reich’‘ dos opositores de Roma, Munique e Viena, resposta à reelevação de Berlim a capital ‘‘alemã’‘.

O furor teutonicus que rugia de ambos os lados da Porta de Brandemburgo — admitidamente sobrecarregado por represamento — deu um antegosto do que nos espera se o coração da Europa não se tornar num vácuo sem armas. O velho receio, já vindo dos tempos de Irlmaier, toma precisamente, enquanto estas linhas são escritas, formas de realidade: a Europa sem armas até ao Reno. A União Soviética fez a tentativa de empacotar a realização do seu desejo mais arrojado numa oferta na qual os ‘‘reunificadores’‘ deveriam alinhar.

O brado de júbilo deles contudo fez surgir a preocupação de que o pudessem fazer, de que a decisão de Adenauer fosse irrepetível. Noutras palavras: quer o Estado nacional alemão seja restabelecido como nova edição da ‘‘armadura reluzente’‘ de

Bismarck quer como desarmamento da Europa Central, inevitável parece a guerra de Irlmaier.

O seu contra-modelo, que é um modelo antiquíssimo, repousa sobre as três coroas no sul — mas (sempre segundo Irlmaier) apenas ‘‘depois’‘.

Há pessoas que com razão consideram inevitável uma redução do nível de vida ocidental e consideram uma superação do mundo como a expressa no anúncio citado como algo a ser ultrapassado. Apenas desta forma, acham elas, se poderiam manter as bases naturais da vida. Outros já descartaram a realização deste programa, que só poderia ser voluntária, como uma utopia.

Para o rápido término da obra de destruição ‘‘pacífica’‘ no planeta, o tratamento radical e de choque de uma guerra parece infelizmente mais realista. (Com isto cumprir-se-ia o pesadelo do oficial citado sobre as casernas alemãs vazias aos sábados e domingos.) Para este caso há afirmações fantásticas de esoteristas que acreditam seriamente que no futuro de Irlmaier naves espaciais ou OVNIs recolheriam os justos do mundo e os levariam para a segurança até que a paz voltasse a reinar. Isso são com certeza ideias de desejo. Vêm de baixo e enchem as pessoas do nosso presente ameaçado com uma perigosa falsa segurança. Esperemos contudo uma boa viagem de regresso a casa para a eternidade!

Anexo

Tabela Cronológica

1894 — 8 de junho, 9 horas da manhã: nascimento de Alois Irlmaier no Bruckthalerhof em Oberscharam, freguesia de Eisenärzt (hoje Siegsdorf), posto distrital de Traunstein, pais: Alois Irlmaier, nascido em 1859 em Oberscharam, e Anna Irlmaier, nascida Felber, nascida em 1864 em Hochberg perto de Eisenärzt. No mesmo dia batismo na igreja paroquial de ‘‘Nossa

Senhora da Imaculada Conceição‘‘ de Siegsdorf pelo pároco Georg Schlinzger.

1900–1908 — Alois Irlmaier frequenta a escola primária em Eisenärzt. Já em criança e com o aumentar da idade de forma mais vincada: reação sensível a fontes e veios de água subterrâneos, mais tarde também sem vara de condutor; os vasos sanguíneos incham.

1903 — 15 de maio: o único irmão de Alois Irlmaier nasce e no mesmo dia é batizado na igreja paroquial de Siegsdorf com o nome de Johannes Baptista, o ‘‘Sommerhansl’‘.

1914–1918 — Alois Irlmaier passa toda a Primeira Guerra Mundial como soldado na Rússia. Duas estadias em hospital de campanha: uma vez tiro no pulmão de difícil cura, depois soterrado no abrigo por impacto direto de lança-minas, salvamento após quatro dias.

1918 — Dezembro, Alois Irlmaier regressa a casa, gravemente marcado pelo serviço de guerra.

1920 — 3 de maio: Alois Irlmaier casa com Maria Schießlinger, nascida a 13 de agosto de 1897 em Obergschwind perto de Ruhpolding. Casamento religioso na igreja paroquial de Siegsdorf, registo civil na secretaria da freguesia de Eisenärzt. Entrega do Bruckthalerhof paterno.

1922 — 9 de março: nascimento e batismo da filha Maria. No mesmo ano acolhimento do filho adotivo Johann Stöckl.

1923 — 9 de setembro: nascimento e batismo do filho Alois.

1926 — 29 de setembro: ‘‘Dia de São Miguel’‘: o Bruckthalerhof arde até às fundações. Causa do incêndio não esclarecida. A família fica temporariamente acomodada na casa anexa dos avós que vivem na reforma.

1927–1928 — Reconstrução do Bruckthalerhof através de ‘‘peditório de incêndio’‘, uma pré-forma camponesa do seguro contra incêndios com base na ajuda vizinha. Devido a uma reconstrução dimensionada em tamanho excessivo e à crise económica mundial, Irlmaier sucumbe ao peso das dívidas e tem de abandonar a quinta natal.

1928 — Leilão do Bruckthalerhof. 26 de novembro: Irlmaier deixa a freguesia de Eisenärzt e regista-se em Freilassing. Compra da desocupada ‘‘Villa Kurr’‘ no lugar de Hagn, termo de Salzburghofen. Modesto sustento através do aluguer a três partes e início da atividade profissional como instalador: busca de água, instalação de água, construção de poços. Primeira visão numa sala de lavradores de Kuchl, Salzkammergut. A Mãe de Deus Maria sai, segundo o testemunho de Irlmaier, da moldura da sua imagem e sorri para ele. Início de perceções extrassensoriais, não esclarecido se como consequência tardia do soterramento na guerra. Ele vê ‘‘homenzinhos e paisagens, mortos e vivos’‘.

1930 — 14 de fevereiro: morte do pai. 28 de outubro: nascimento da filha Elisabeth.

1932 — 14 de outubro: morte da mãe.

1934 — Venda da Villa Kurr, aquisição de um terreno na Waldstraße 7 (mais tarde Pestalozzistraße 9a, hoje Jennerstraße 7) como parque de material. Mudança para um apartamento de três assoalhadas, Reichenhaller Straße 41. Grandes sucessos como buscador de água e construtor de poços. (Irlmaier constrói no decorrer da sua vida quase mil poços; os poços mais fundos em Obing e no Wank medem 80 e 81 metros.)

1939 — Desde o início da guerra Irlmaier é procurado por círculos cada vez maiores da população para conselho e informação em aflições privadas. Ele coloca-se numa cabana de obra no seu terreno vedado muitas vezes durante horas e dias à disposição. Como as suas indicações sobre pessoas ausentes e desaparecidas, mortos e vivos, eventos passados e futuros

apresentam uma taxa de acerto elevada, já não explicável por acaso, a sua fama espalha-se por todo o espaço de língua alemã, e até para lá dele. Ele não aceita dinheiro pelas suas informações precognitivas, paga do seu próprio bolso a viagem de regresso a casa a mais do que uma mulher sem meios.

1940 — 5 de novembro: nascimento da filha Rita.

1942–1945 — O filho de Irlmaier, Alois, é soldado de infantaria na Rússia.

1943 — O Dr. Conrad Adlmaier, proprietário de tipografia em Traunstein, editor de jornal e redator, repara em Irlmaier. A crónica conscienciosa, mantida até à morte de Irlmaier, das suas previsões tem início.

1945 — 25 de abril: às 17h30 e 21h30 devastadores ataques de bombas explosivas e incendiárias sobre Freilassing: 164 casas parcialmente, 65 casas totalmente destruídas, 78 mortos. Irlmaier salva através da sua previsão incontáveis vidas humanas, constrói para a sua família um abrigo que resiste.

1946 — O filho Alois regressa do cativeiro de guerra, prossegue a sua formação como torneiro e fundidor, trabalha após a conclusão na empresa paterna.

1947–1948 — A grande visão política do futuro de Irlmaier sobre a eclosão, curso e fim da Terceira Guerra Mundial é registada taquigraficamente por Conrad Adlmaier.

1948–1950 — Construção de uma casa no terreno da Waldstraße.

1950 — Compras de pânico e acambarcamento devido às previsões de Irlmaier em várias cidades alemãs. 12 de abril: o professor primário Franz Stockhammer profere em Landshut a sua palestra: ‘‘O grande vidente de Freilassing — as minhas experiências com Alois Irlmaier.’‘ 21 de abril: Irlmaier distancia-se das declarações de Stockhammer numa carta à imprensa. Ponto alto da campanha pró e contra Irlmaier. Publicação da primeira

edição da brochura de Conrad Adlmaier ‘‘Blick in die Zukunft’‘. Irlmaier muda-se para a sua casa na Wald-/Pestalozzistraße.

1953 — No verão o Dr. Conrad Adlmaier faz juntamente com Irlmaier uma visita ao parapsicólogo Padre Dr. Norbert Backmund no mosteiro de Windberg. O Tribunal de Comarca de Laufen confirma a Irlmaier um dom de perceção extrassensorial que anula todas as leis naturais vigentes, atesta textualmente: ‘‘... testemunhos surpreendentes para o seu dom de vidente, dificilmente explicáveis com as forças da natureza até agora conhecidas.’‘

1954–1956 — Irlmaier colapsa literalmente sob as exigências como vidente. Centenas viajam até ele. Duas mil cartas estão empilhadas sem abrir na sua cabana de tábuas. Irlmaier, que se vê exposto a calúnias como explorador e charlatão, estica um arame farpado, arranja um cão de guarda feroz para o pátio e escreve numa placa: ‘‘Apenas disponível em assuntos da construção de poços.’‘

1954 — Publicação da segunda edição melhorada da brochura de Adlmaier ‘‘Blick in die Zukunft’‘.

1957 — 5 de setembro: morte da mulher de Irlmaier, Maria. 8 de setembro: enterro no cemitério de Salzburghofen.

1959 — Irlmaier começa no início do verão com a construção de uma capela a Maria, mas não passa além das fundações. 26 de julho: às 21h45 morte de Alois Irlmaier no piso superior da casa Pestalozzistraße 9a. É o dia de Santa Ana. Quarta-feira, 29 de julho, às dez horas e meia enterro de Irlmaier no cemitério de Salzburghofen pelo pároco Markus Westenthanner.

Testemunhos

Hans Bender

Irlmaier pode ser designado como um dos fenómenos mais espantosos entre os sensitivos dos tempos recentes.

Günter Goepfert

Ao fenómeno Alois Irlmaier só pode certamente fazer justiça quem se ocupe profundamente de mediunidade e profecia. Este conhecimento é também a chave para o mundo transcendente de Irlmaier.

Pelo poder da oração de milhões de pessoas pôde e pode mais do que uma catástrofe prevista ser abrandada, talvez até totalmente desviada. Visto sob este ângulo, também Alois Irlmaier tinha, através das suas visões e profecias que reconduziram muitos contemporâneos à fé, uma missão a cumprir.

Norbert Backmund

Os amigos dele achavam que ele era tão pouco dotado que nunca teria podido inventar as suas visões. A imaginação dele era bastante limitada. Ele era tudo menos esperto e astuto.

‘‘Eu falei com muitas testemunhas presenciais e auriculares que viveram as coisas dele, coisas completamente espantosas. Ele era capaz de entrar num quarto vazio de onde se tinha tirado tudo e depois dizia exatamente quem ali morava e que doenças as pessoas tinham. Ele nunca tinha visto essas pessoas, nem sabia quem eram.

Ele tinha de se concentrar fortemente ao 'ver', o que o cansava muito. Nem sempre via igualmente bem e de forma clara. Após uma solicitação mais prolongada, faziam-se notar sinais de fadiga.’‘

Reinhard Wittmann

Quem sabe quão difundidas por toda a Velha Baviera, ao lado das profecias de Mühlhiasl, são as de Alois Irlmaier, não as pode afastar com um encolher de ombros blasé. A profunda convicção

escatológica deste povo de que tudo está ‘‘determinado’‘ e tem de se cumprir falha, contudo, quando fica à espera da concretização literal. A situação atual da história mundial parece ensinar algo de melhor a todos os que temem um ataque de assalto repentino de hordas vermelhas, uma vasta destruição bélica da Europa Central e Oriental.

Mas a previsão de Irlmaier para a nossa década, ‘‘Lá para o leste a coisa anda feia’‘, carateriza a situação contudo com precisão: os fenómenos de dissolução do império colonial russo, o crescente nacionalismo das repúblicas soviéticas, a religiosidade que renasce e, sobretudo, a intolerância tanto espiritual como brutal do islão fanático.

As grandes batalhas de aniquilação que o sensitivo buscador de água previu com um instinto intuitivo para a viragem do milénio são travadas num outro campo do que aquele que ele formulou em imagens militares após o choque da guerra mundial. As forças destrutivas do homem não se voltam tanto umas contra as outras, mas antes contra a natureza.

Tal como Sepp Wudy intuiu a morte em grande escala da Floresta da Boémia (‘‘crestada como um feixe de palha’‘), tal como a Marie de Helmsau e o homem do Waldviertel predataram ao ano exato a catástrofe da ‘‘chuva de faíscas’‘ radioativa de Chernobil, assim também Irlmaier imaginou a contaminação ambiental, os acidentes químicos à Seveso, o GAU atómico (a ‘‘névoa amarela’‘, os alimentos estragados, o leite venenoso, as nuvens escuras), sim até a mudança climática através do efeito de estufa.

Eram todos pessoas simples e camponesas que sentiam a ameaça elementar da Terra por volta do ano 2000. Não podemos, infelizmente, de modo algum sorrir das suas tentativas desajeitadas de a traduzir em palavras. E também os lavradores bavareses, que segredam com ar significativo sobre o Irlmaier,

fazem com todas as suas forças o que podem para que as suas profecias sobre a luta final contra a natureza se tornem realidade.

Herbert Schneider

Houve e há também videntes que profetizam tempos cor-de-rosa, preveem reduções de impostos e epidemias de saúde? Na sua maioria sai algo de sombrio, grávido de desgraça e catastrófico da sua boca quando a abrem em direção ao futuro. E por isso: se um ser humano assim atormentado com ‘‘visões’‘ se oferecesse para me prever o meu destino, eu começaria imediatamente a correr e só pararia quando estivesse fora do alcance da sua voz.

Isso não quer dizer agora que eu vá pôr este livro de Wolfgang Johannes Bekh sobre o Irlmaier no canto mais escondido. Pelo contrário: vou lê-lo com espírito crítico, alegrar-me tanto com as boas previsões que se concretizaram como com as catástrofes não ocorridas que felizmente também relativizam todas as outras que alegadamente ainda dormitam no seio do futuro. Com isso dá com certeza para viver, já que não há videntes que vejam predominantemente claro em vez de negro.

Bernhard Ücker

Muitas vezes as pessoas desejam ardentemente poder ver o futuro — em parte por curiosidade, ou para significar mais do que os outros, e alguns voltam a esperar consolo através da visão de um bom futuro. Na sua maioria invejam um vidente pelo seu dom, pensam não poucas vezes em fama e riqueza. Não poucos, contudo, apenas deixam ouvir escárnio ou mesmo calúnia e falam de charlatanice.

Alois Irlmaier refutou tudo isso. O seu dom de vidente foi-lhe antes sobrecarregado do que concedido e tornou-se-lhe um fardo. Afinal ele sofreu uma e outra vez até à exaustão quando não podia prometer nada de bom a incontáveis pessoas em busca de ajuda, e não poucas vezes fugiu daqueles que lhe queriam mendigar um

futuro melhor. Onde podia ajudar, ele ajudou e não se tornou nem famoso nem rico com isso. Pois dinheiro ele nunca pediu pela sua ajuda, pagou a mais do que um pobre coitado entre os seus consulentes muitas vezes desesperados a viagem de regresso a casa do seu próprio bolso e recusou também ofertas do ultramar para detetar poços de petróleo por uma gorda recompensa.

Contra a calúnia, contudo, de ser um charlatão, ou seja, de enganar as pessoas, deviam protegê-lo perante todo o mundo o início e o fim da sua vida de vidente: pois começou em 1928, quando numa sala de lavradores austríaca uma imagem de Maria lhe presenteou por segundos um sorriso bondoso — e no fim em 1959, quando tinha começado com a construção de uma capela a Maria: aí morreria ele, essa tinha sido a sua previsão para a própria vida. E assim aconteceu.

O fardo de todos os profetas: servir com o seu dom de vidente Aquele que quer avisar as pessoas e exortá-las à conversão.

Hans F. Nöhbauer

Os senhores estão sentados no Hofburg em Viena. Contam foguetes, tanques e aviões, falam de redução de tropas e de destruição de armas...

Então enganaram-se todos eles, os grandes e os pequenos apocalíticos, o Bartholomäus Holzhäuser, o Mühlhiasl e também o Alois Irlmaier de Freilassing? Pois de onde hão de vir agora os exércitos poderosos, e como há de acontecer a ‘‘grande limpeza’‘ se as espadas se transformarem em relhas de arado?

As grandes devastações, a miséria e as catástrofes tinham quase sempre chegado aos povos através de exércitos estranhos. Assim já era antes de Jericó, assim atravessaram os húngaros a terra da Baviera há mil anos, mais tarde vieram os suecos, os franceses, os austríacos. De outra forma que não por uma guerra

não se podia imaginar a destruição do mundo. Assim o viu o Mühlhiasl e assim o Irlmaier.

Desde há alguns anos, contudo, sabemos que não têm de rolar tanques nem subir aviões de bombardeamento para provocar o fim do mundo: da ‘‘grande limpeza’‘ tratamos nós próprios. As florestas morrem, os campos tornam-se estepes, os mares invadem a terra firme, a água está envenenada e o sol mata.

O Irlmaier e o Mühlhiasl não podiam imaginar nada disto. Eles viam a grande catástrofe em imagens que lhes eram familiares. O que acontece ao mundo em tempos futuros, pensavam eles, só os soldados o podem provocar. Apenas Deus ou os generais têm o poder de provocar o fim do mundo.

Nós hoje vemos a coisa de outra forma. Mas quem sabe? Talvez de nada sirva toda a contagem de foguetes e toda a redução de tropas: ‘‘Virá uma grande guerra’‘, diz o Mühlhiasl, ‘‘um pequeno começa-a...’‘ E o Irlmaier conta que vê três nueves, ‘‘o terceiro nueve traz a paz’‘.

Anton Neuhäusler

De Alois Irlmaier é-me conhecido diretamente um caso. A nossa amiga Anna K. de Hausham viajou até ele em Freilassing para lhe perguntar se o seu noivo Josef St. de Bergham, que estava desaparecido na Rússia, voltaria. Irlmaier afirmou-o com certeza. Pouco tempo depois Josef St. regressou do cativeiro soviético.

Uma previsão individual deste tipo não tem em si valor de prova. Poderia ser também uma declaração feita ao calhas cuja concretização se encontra no âmbito do mais ou menos provável e portanto esperável. Apenas uma acumulação de indicações corretas que faça parecer um acerto fortuito continuado como extremamente improvável aponta para uma capacidade ‘‘parapsíquica’‘ daquele que realiza tais séries de acertos.

O autor demonstra tais ‘‘acumulações de acertos’‘ de Irlmaier. A ‘‘clarividência no futuro’‘, também chamada precognição, pode ser aceite como altamente provável segundo numerosos resultados de investigação no país e no estrangeiro realizados com rigoroso protocolo e avaliação estatística. Mesmo que pareça ocorrer com menos frequência do que a ‘‘mera’‘ telepatia, a chamada ‘‘transmissão de pensamento’‘.

Caso exista tal precognição, coloca-se a questão ainda insolúvel do ‘‘como?’‘. Alguns acham que a previsão clarividente de acontecimentos — que não se podem calcular de antemão — é possível porque ‘‘o futuro já está determinado’‘. O dotado clarividente teria a capacidade de se adiantar para o ‘‘futuro já existente’‘. Esta conceção é errónea porque não se pode negar o real acontecer sucessivo das coisas. Aplicado ao caso de Josef St.: ele não podia a) estar ausente em Bergham e b) estar presente na Rússia. Ambos só eram possíveis sucessivamente.

O futuro ainda não está ‘‘fixo’‘ como por exemplo um mapa na escuridão que só nós iluminamos com a ‘‘lâmpada da nossa consciência’‘. Ele existe na melhor das hipóteses como um ‘‘projeto ideal’‘ — se e em que consciência abrangente não o sabemos —, que só é preenchido pelos acontecimentos reais, ou talvez não.

São inclusive conhecidos casos nos quais a previsão aparentemente clarividente serviu como aviso que impediu a ocorrência real do evento! Há também o caso inverso: o de a previsão de um evento futuro ‘‘invocar’‘ este mesmo evento porque o cliente amedrontado se dirige a ele inconscientemente!

Por isso, aviso contra ‘‘profecias’‘ charlatanescas! Que Irlmaier não pertencia a estes ‘‘falsificadores do destino’‘ é também a minha convicção.

August Kühn

Numa época que se apresenta como esclarecida e científica, haverá aí lugar para alguém que quer olhar para lá do rebordo desta taça de sopa racional? Sim, relata-se também nos nossos dias de xamãs tardios na terra a norte dos Alpes e encontram-se nesta região de antigo povoamento célmico de vez em quando pessoas com dons tão especiais que se opõem a uma explicação científica.

Quem pôde uma vez observar um buscador de água com vara terá de confessar que a sua atividade bem-sucedida não é uma quimera, mas não poderá fundamentar que regularidades favorecem a sua ação.

Temos de o poder fazer? Façamos contudo uma lista (ampla) com todas as perguntas para as quais não sabemos resposta e guardemos a solução das contradições para mais tarde — na ordem ditada pelos problemas do dia a dia.

Para concluir seja ainda colocada a questão de saber se não serão também os verdadeiros escritores que sentem de forma extremamente sensível a vida e o ambiente a transportar uma porção de xamanismo quando tentam avisar da desgraça que se avizinha?

Declarações complementares de Irlmaier vindas do tempo anterior aos apontamentos de Conrad Adlmaier

‘‘Haverá de novo uma grande guerra quando o cereal estiver maduro. O ano infelizmente não posso dizer. Toda a zona a leste de Linz tornar-se-á num único deserto, mas aqui no sul e no oeste nada há a temer. Esta guerra durará apenas quatro meses, mas será a mais terrível da história mundial. Budapeste e Praga serão destruídas nisso. Nesta luta serão empregues armas de tal modo que os tanques continuam a rolar quando os homens que estão dentro deles já estão mortos.’‘

Münchner Merkur, 18.10.1949

‘‘Uma coisa sei com bastante certeza: quando a guerra vier, aí quem mais sofre é lá em cima no norte. Vejo uma grande água que vem do mar, que é mais alta do que uma casa, que inunda as margens; e quem for apanhado já não sai de lá vivo. Vai muito rápido, não dura muito tempo. E vejo mais muitos grandes pássaros; uns vêm do leste e os outros do sul. Eles voam por cima de nós.

E onde deixam cair algo, aí a coisa fica má. São apenas caixinhas pequenas, mas são muito perigosas. Parece-me que já não vive muito onde uma caixinha dessas cai. Lá para o leste há ainda uma grande reviravolta. Isso não vai tão rápido e precederão todo o tipo de lutas, mas vem. Quem uma vez já não respeita a cruz, esse perdeu o jogo. Mas quando uma vez a cruz voltar a governar, e ela vai governar em todo o lado, aí tudo volta a ser melhor.’‘

Altbayerische Heimatpost, 1949

Também acontecimentos mundiais se desenrolam como que em rolos de filme diante dos seus olhos, cujo estado final provisório para a Baviera deve ser uma monarquia cujo rei é um grande e velho homem em calças de couro que caminha livremente, sem proteção nem guarda, entre as pessoas. Ter-se-á então muito menos dinheiro e leis, será uma vida mais livre e melhor. ‘‘Vejo o Santo Padre numa cidade junto ao rio, com uma igreja alta, a coroar o nosso rei.’‘

Münchner Allgemeine, 20.11.1949

‘‘Há fogo por todo o lado no chão. Se são também chamas verdadeiras não sei dizer com clareza. Apenas vejo fogo, mas acho que isso é contudo outra coisa: um meio devastador que já não deixa viver nenhum ser humano e animal, sim nem mesmo nenhum ser vegetal onde este 'fogo' caiu e se abriu.’‘

Herz-Dame, Düsseldorf, 11.3.1950

‘‘O terceiro de alta posição é assassinado, depois a coisa começa numa noite chuvosa. Bandos de aviadores sobem da África, dos quais duas matilhas atingem a zona de combate de oeste e sudoeste... Da Donau até à costa reina um espetáculo aterrorizador. Dois comboios de refugiados ainda conseguem atravessar o rio antes, o terceiro está perdido e é cercado pelo inimigo... Subitamente morre um grande homem e a guerra acaba. Longas colunas de soldados passam pelo Chiemgau em direção a Salzburgo. Têm rostos amarelos que até se julga que são chineses, mas não são. Já não matam ninguém, apenas saqueiam que é uma coisa séria.’‘

Süddeutsche Sonntagspost, Munique

Duas Cartas

Simon Rehrl de Freilassing escreveu a 19 de julho de 1991 ao autor:

Exmo. Senhor Bekh!

Na semana vou 2 ou 3 vezes ao cemitério em Freilassing e aí passo pelo túmulo de Irlmaier. De cada vez tenho os meus pensamentos diante do túmulo de Irlmaier. Irlmaier era um ser humano com um dom especial, gostaria de dizer sinistro.

Na casa ilustrada na página 51 do seu livro morava a minha tia; ela tinha ali um apartamento no rés do chão. Por cima dela, no primeiro andar, moravam os Irlmaier. Como eu ia muitas vezes de visita à minha tia Resl, que infelizmente já morreu, conheci o Alois e assim o próprio Senhor Irlmaier; o Alois era o filho dele.

Eu ia também muitas vezes ao apartamento dos Irlmaier e presenciei nisso que uma mulher de Mühldorf mostrou a Irlmaier uma foto do seu marido que estava desaparecido. Irlmaier ficou a fitar para o teto, revirou os olhos e ficou como que atordoado. Passados minutos estava de novo totalmente presente e disse à

mulher para ir rapidamente para casa; o marido dela estava em frente à porta de casa, o que depois também era verdade.

Irlmaier fazia as suas adivinhações também no seu apartamento; muitas vezes às 5 horas da manhã estavam pessoas no corredor da casa, a minha tia passou por tempos agitados. À Senhora Irlmaier a confusão não agradava, uma vez foi com uma vassoura para cima de um colaborador obstinado de um jornal de Munique.

Com os melhores cumprimentos, Simon Rehrl

A Senhora Annemarie Blinzinger de Ainring escreveu a 22 de julho de 1991 ao autor:

Exmo. Senhor Bekh!

Gostaria de lhe descrever como era na altura junto do Senhor Irlmaier. Foi em 1954 em novembro quando uma colega de trabalho me perguntou se eu sabia onde morava o Senhor Irlmaier. Ela contou-me que tinha um assunto que a ocupava há bastante tempo. Tinha-se passado o seguinte: o irmão dela tinha aparecido um dia morto na berma da estrada e eles até hoje (passados dois anos) ainda não sabiam qual tinha sido a causa da morte. Por isso ela gostaria de ir ao Senhor Irlmaier; talvez ele lhe pudesse dizer algo sobre isso.

A colega vinha de uma aldeia perto de Simbach am Inn. Assim fomos uma noite após o fim do serviço por volta das 19h30 ao Senhor Irlmaier. Quando tocámos à campainha, o próprio Senhor Irlmaier abriu-nos a porta. Ele perguntou-nos: ‘‘Raparigas, o que é que quereis?’‘ A minha colega, que era uns anos mais velha do que eu (eu na altura tinha 17 anos), disse: ‘‘Gostaria de lhe pedir uma informação.’‘ Em sequência disso o Senhor Irlmaier convidou-nos a entrar em casa. Sentámo-nos e a minha colega (ela chamava-se Lina) mostrou depois uma foto do irmão dela. O Senhor Irlmaier entretanto também se tinha sentado; ele olhou para a foto e nesse momento (eu podia

observar tudo bem) pareceu-me como se o rosto dele se alterasse muito especialmente. Os seus olhos, que antes eram completamente azuis, ganharam uma névoa cinzenta e ficaram muito distantes. Sim, como se ele tivesse saído da sua carcaça da pele. Quando ele assim observava a foto, disse ele: ‘‘O rapaz jovem já não vive. Ele foi abalroado por um lavrador com um trator, já foi há mais tempo.’‘

A minha colega de trabalho ficou ali completamente perplexa e imóvel e não conseguiu dizer nem mais uma palavra. Em sequência disso o Senhor Irlmaier virou-se para mim e perguntou-me se eu ‘‘também queria saber alguma coisa’‘. Sim, disse eu. Ele disse-me: ‘‘Tu casarás uma vez para longe e terás dois filhos. Vejo uma talho ou uma estalagem, exatamente não posso dizer. Vejo também ainda carris e um homem que manqueja, esse, acho eu, é o pai.’‘ Estava tudo certo. Eu casei com o filho de um estalajadeiro de Estugarda, onde também morámos alguns anos, e tive dois filhos. O meu pai era ferroviário, daí os carris, e manquejava porque em criança tinha tido poliomielite. O meu pai morreu há dois anos e jaz exatamente em frente ao túmulo do Senhor Irlmaier.

A minha colega de trabalho já não ficou muito tempo em Freilassing. Voltou para a sua aldeia natal e casou. O que aconteceu com o assunto dela, se o caso foi esclarecido, não posso dizer. A nossa ligação quebrou-se no momento em que ela deixou o local de trabalho comum.

Com amigáveis cumprimentos, A sua Annemarie Blinzinger